

# A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

PELA PATRIA E PELA REPUBLICA

Proprietario Director e Editor

*Antonio Rodrigues*

Composto e impresso na **Casa Minerva**  
Estrada da Beira — COIMBRA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Rua da Sophia, 166

Assignaturas

Continente, trimestre 300 réis  
Ultramar, semestre 600 »

Numero avulso, 30 réis

Annuncios: Preços convencionaes.

Annunciam-se todas as obras offercidas á redacção

5 DE OUTUBRO DE 1910 - 5 DE OUTUBRO DE 1911

A VOZ DO SARGENTO EM HOMENAGEM  
AO

1.º Anniversario da Republica Portuguesa



DR. MANUEL D'ARRIAGA

*Presidente da Republica Portuguesa*

# SALVÉ!

**F**AZ hoje um anno!

Sim, faz hoje um anno que a aurora mais limpida, a aurora mais bela raiou para nós.

Faz hoje um anno que o povo de Lisboa, confraternisando-se com o exercito de terra e mar estabeleceu o seu parlamento na *Rota* e alli — deu a palavra ás nossas espingardas.

Os discursos das *Mausers*, os apoiados dos canhões libertaram-nos do jugo que ha tanto tempo nos oprimia e fizeram com que o *embecil cagarólu* e a quadrilha que á sua sombra se acobertava fugissem cobardemente julgando que o nosso povo lhe pediria contas dos crimes por elles praticados.

Oh! escusavam de commetter mais esse crime, porque o nosso povo que sempre teve por divisa a bondade em extremo, sentiria nojo em manchar a sua honra no sangue d'esses bandidos.

Expulsal-os-ia, para onde não causassem prejuizo, e nada mais.

Mas elles, sempre criminosos, quiseram completar a sua folha de crimes e ao de despotas e ladrões juntaram mais o de cobardia.

Sim cobardes, porque fugiram.

O povo portuguez não deve deixar no olvido esta data tão memoravel, mas sim festeja-la com o maior entusiasmo possivel, porque ella representa a maior apothese da alma portugueza.

Guerra pois aos traidores da Patria!

A nossa querida Republica não recuará enquanto o bom povo portuguez não esquecer o seu dever:

*Defendel-a!*

Sim defendel-a, com prejuizo da propria vida, se para tanto fôr preciso.

Prestamos pois juramento de fidelidade áquella que nos libertou e que hoje festeja o seu 1.º anniversario;

Viva a Republica!

Viva o 5 de Outubro!

Abaixo os inimigos da Patria!

Antonio Rodrigues.

5 de Outubro de 1910

Dia inolvidavel que marcamos fastos da nossa historia a pagina mais refulgente, que até hoje foi dado n'ella escrever; dia que marca a primeira etape para esse outro que longe vem, mas que hade chegar, em que sejam abolidos dos nossos dicionarios as palavras — *estado, propriedade e direito* — dia que nos abre a todos, sejam quaes forem as nossas origens, nobres ou plebeas, o vasto campo da actividade, da liberdade, das ideias, do amor pelo proximo.

Até 5 d'outubro de 1910, a maioria dos portuguezes trazia afivelada sobre o rosto uma espessa e impenetravel mascara.

Aquelle que, ou mais exaltado ou mais livre de encargos de familia a deixava cair, sofria não como quem vivia em um paiz constitucional, mas como se estivesse sujeito a essas leis terriveis do paiz do gelo.

Mas não podemos de um salto transpor os imensos espaços que nos afastam do grau de civilisação a que todos os bons portuguezes aspiramos. A nossa sociedade o clero e nobreza (visto que o povo nada era) estava eivada dos maiores e mais perniciosos vicios, dos mais criminosos costumes

O povo, este grande e valente povo portuguez, que tem assombrado o mundo inteiro com os seus actos de heroicidade e civismo, e do qual nós sargentos somos a flecha avançada, podia, naquella dia memoravel, alcançar de vez o seu logar e fazer justiça. Todavia, sempre generoso, tão valente como meigo, perdoou: bem haja por isso.

A nossa sociedade tem evolucionado e hade evolucionar, hade alcançar o logar a que tem juz pela sua intelligencia, actividade e qualidades de atavismo, pela evolução das ideias, obrigando a acompanha-la tambem, quer queiram ou não, aquelles que tentarem opor-lhe o seu egoismo e despotismo; porque depois de 5 d'outubro de 1910, o palacio das Necessidades ficou sem habitantes; e, a partir d'aquelle dia, só será grande o homem que o Povo portuguez souber positivamente que o é.

A partir do dia em que foi proclamada a Republica Portuguesa, podemos todos, sem receios, ir seguindo os rastros brilhantes de Proudhon, Bakonnine, Kropotkine e outros guias do Bem, para que os nossos vindouros bemdigam os heroes da Revolução e para que seja qual fôr o regimen em que vivam, digam sempre:

Viva a Republica

Elvas, 28-9-1911.

Manuel Antonio Vieira.

1.º sargento do grupo de metralhadores n.º 4

## 5 D'OUTUBRO

□ □ □

À "VOZ DO SARGENTO."

*Cinco d'Outubro! data refulgente,  
Gravada ficard's em letras d'oiro  
Na Historia, como o esplendido thesoiro  
Dos feitos immortaes da lusa gente!*

*O povo que venceu o fero moiro,  
Que os mares foi singrando altivamente,  
E deu a Portugal renome ingente,  
Que celebre este feito immorreidoiro.*

*Bandeiras, galhardetes, alegria,  
Morteiros, luminarias, n'este dia,  
Juntae-vos em festiva convulsão,*

*P'ra saudar, em ardente alacridade,  
A Republica, a Patria, a Liberdade,  
Lembrando a triumphal Revolução!*

Tavira, 1911.

Laurinda Seritram

### 1.º Anniversario da Republica Portuguesa

E' hoje finalmente o primeiro anniversario da nossa querida Republica.

Já todo este humilde e laborioso povo se prepara para con dignamente o festejar.

Cidades ha, villas e até aldeias que se acham revestidas de gala, indicando assim que o dia 5 d'Outubro é para elles um dia feliz.

E' que esta gloriosa data representando a nossa libertação do jugo da extincta monarchia, de nefanda memoria, não podia deixar de ser um dia de festa nacional.

Ella constitue já uma das paginas mais brilhantes da nossa historia e fará sempre vibrar de entusiasmo e regosijo o coração dos verdadeiros portuguezes.

Ainda estamos a dois passos do ultimo periodo do constitucionalismo, que tendo-nos lançado num mar de lama, era quasi com vergonha que nos diziamos portuguezes; porem hoje, libertos dos grilhões da sotaina, do despotismo da realza e seus sequazes, é com orgulho que diremos em toda a parte que possamos encontrar-nos: Sômos portuguezes. Pertencemos a um povo que a realza de braço dado com o jesuitismo quiz aniquilar, pela opressão e pela ignorancia, mas que soube reagir com altivez e libertar-se com gloria. Finalmente pertencemos a um povo, que n'outras eras, pelas suas conquistas e descobertas foi tão grande que levou a sua civilisação a toda a parte do mundo, e se mais tarde, pelos erros, imoralidades e ambições dos seus dirigentes decaiu a

ponto de ser olhado com desdem e até com desprezo, na gloriosa manhã de 5 d'outubro de 1910, recuperou o logar a que tinha jus entre as nações civilisadas.

Foram grandes as conquistas e descobertas dos nossos antepassados, tão grandes que causaram o assombro do mundo, pois em todas as suas partes tremulou a bandeira das quinas e todos os seus mares foram sulcados pelas naus portuguezas. Quem ainda ha pouco pensasse n'essas grandezas, das quaes pouco mais que a gloria nos resta, com immenso pesar disia: Pobre Portugal. Tão vasto foi o teu dominio, tanto te cobriste de gloria, para tudo veres perdido. Tanto dormiste sobre essas glorias que hoje já nem credito te resta. Precisas dinheiro? Só mediante hypotheca e juro elevado. Queres defender o teu solo? Não ha exercito nem armada. Queres instrucção? Vae para um convento ou para um collegio jesuitico. Queres ser livre? Pois se n'isso pensas o juizo d'instrucção criminal te passa guia para Timor, onde o rei Celestino I te deixará respirar livremente entre as suas plantações de café. Tens finalmente algumas economias e queres que te rendam alguns cobres para proveres ás necessidades da vida? Compra accções do credito predial. Roubam-te e queixas-te? Os sabres da policia e da municipal te respondem.

Era n'este meio degradante que ainda ha dois dias viviamos.

Ora assim não se podia continuar. Não reagir contra esse estado de cousas, não era só morrer ingloriamente, era suicidarmo-nos, pois dir-se-hia que conscientemente caminhamos para o abysmo que a monarchia criminosamente nos ia cavando.

**A BANDEIRA  
VERDE e VERMELHA**

Verde e vermelho, alegre duo de cor  
Que em toda a parte a Natureza canta,  
No sangue, seiva do homem, e na planta  
Que é d'esse sangue a vida, e o seu vigor!

Como o vermelho prende o olhar, na flôr,  
E como o verde fructo o labio encanta,  
E que lindo é o Sol, quando se levanta  
Vermelho como á hora do Sol — Pôr!

D'um vermelho que grita, é a alegria,  
D'um verde que sorri, é a Esperança,  
Verde que lembra o Mar em calma...

Sendo assim os da vida e da bonança,  
Tuas cores, bandeiras excelsa, um dia  
Serão talvez as da humana aliança!

Joaquim Gomes

**A MACHADO DOS SANTOS**

A espada, quando abrandem mãos d'heroes  
Nas luctas da Justiça e da Verdade,  
Reflecte tão divina claridade  
Que até parece feita d'aureos sóes!

Joaquim Gomes

Mas felizmente tudo mudou. O povo portuguez despertou do lethargo a que os 80 annos de constitucionalismo o votaram e eis que aparece a redemptora alvorada de 5 d'outubro de 1910, a qual se não fez entre nós reviver a epocha das grandes conquistas territoriaes, hoje já impossiveis, inaugurou outras bem mais nobres e mais sublimes.

Conquistou-nos a liberdade, condição excencial para a vida dos povos; restabeleceu-nos o credito, vae doptar-nos com exercito e armada, cuida com a maior solicitude do problema da instrução, procurando libertar-nos das trevas em que a monarchia nos deixou, tem attendido nos limites do possivel todas as reivindicções sociaes; finalmente, novamente nos cobriu de gloria e novamente nos tornou grandes e respeitadas.

Viva pois a Republica Portuguesa.

Associemo-nos todos ás patrioticas festas de 5 d'outubro. Que todos os portuguezes, dignos de tal nome, saibam comprehender o grande feito historico levado a cabo na manhã de 5 d'outubro de 1910, pelo povo, pelo exercito e pela armada. Que estes tres elementos, sempre reunidos, cooperem nas festas como cooperaram na libertação e engrandecimento da patria que os viu nascer e estremece.

Chaves, 29 de setembro de 1911

Manuel João Affonso  
Sargento ajudante de infantaria 9

5 - 10 - 911

*Faz hoje precisamente um anno que soou a aurora redemptora da Patria Portuguesa.*

*Accedendo a um imerecido convite, n'esta data gloriosa, não por merecimentos pessoas que não pussuo mas apenas para dizer o que sinto e deve sentir todo o Portuguez, aqui traço estas singellas linhas, a expressão lata da minha alma, do meu pensamento, do meu ser.*

*O edificio podre e corrupto, desmoronou-se por si e o camartello demolidor do povo, essa força vital nunca retrograda, arrancou pedra por pedra até ao mais fundo dos alicerces.*

*Doze mezes são decorridos, e se os novos materiaes para a reconstrução tem sido bons, triste é dizê-lo, ainda não está lançada a viga mestra. Nesta hora em que o jubilo é immenso, em que a nossa alegria, a nossa satisfação attinge o cumulo do delirio, forçoso é que todos como bons, sinceros e convictos patriotas, n'um esforço commum nos unamos para que a Republica Portuguesa, não seja ainda*

*para alguns poucos, uma utopia. O nosso 93, pouco regado de sangue mas muito de lagrimas d'um povo opprimido que n'um momento de comprehensão dos seus deveres civicos, sacudiu o jugo de sete seculos, bem merece o nosso sacrificio para que no 2.º anniversario só tenhamos Alegria — Paz e Concordia.*

Viva a Republica Portuguesa  
Paz aos vencidos das luctas para a implantação d'Elia.

Braga, outubro 911.

C. Beja da Silva

**AOS HEROES DE 5 DE OUTUBRO**

D'aqui, d'este covil de beatas, cuja atmospheria impregnada de latim e agua benta eu desejava ver mudar-se no ambiente fumegante das batalhas; d'esta cidade-sertão que é a Meca dos Loyollas, onde os accordes triumphaes da Portuguesa cedem o logar aos roncões roufenhos do cantochão, em que os cortejos civicos se substituem por peregrinações ao Sameiro, em que a tribuna redemptora, que jorra caudales de luz, se vê preterida pelo pulpito que treveja zurros furibundos, contra os atrevidos que escorçaram, a golpes de Liberdade, a féra de solaina, — eu vos saúdo, quasi-lendarios heroes!

A obra gloriosa que com o vosso sangue sellastes, por entre o crepitar da metralha e o troar do canhão, é a pedra basilar da Justiça, é o primeiro degrau da escada da Verdade que ha-de conduzir a Humanidade aos páramos da Luz.

Mas para que esse sangue se converta em seiva, para que essa escada não tombe, não pareis, Oh! rudes batalhadores!

Trazei cá acima, ao Minho o fogo da vossa palavra ardente, mas não embainheis as vossas espadas, não desarmeis as vossas carabinas.

Trazei cá acima, ao Minho, os dois materiaes indispensaveis para construir o edificio da Liberdade: — Verdade e polvora.

Verdade, para esclarecer, o espirito d'este bom povo, injenuo, incapaz, de mentir e incapaz de acreditar que alguém minta.

Polvora, para expulsar energeticamente a besta da reacção sobre a qual já não teem poder os golpes do chicote.

Avançae! que nós, os vossos amigos, vos abriremos as portas; e assim de mãos dadas destruiremos o Hymalaia de batinas que abafa as nossas legitimas aspirações, com fumigações de polvora purificaremos o ar dos fedores do incenso, e com as nossas armas rasgaremos longinquos horisontes ás gerações do Futuro!

Braga, Outubro de 1911.

José da Silva e Sousa  
1.º Sargento d'infanteria 29.

De 5 d'outubro de 1910  
a 5 d'outubro de 1911

**A' MINHA PATRIA**

Bemdito sejas oh! Glorioso Dia 5 d'outubro de 1910! Que redimiste a briosa Patria portugueza do jugo tyranico — monarchico! Expulsa-te do seu solo querido os vendilhões da sua honra do seu brio e da sua dignidade! Os esbanjadores do seu ouro, do seu producto e da sua actividade! Que a libertas-te da escravidão de longos seculos em que jazia amortalhada, e inanimada, por mãos canibaeas, que do seu sangue puro e heroico faziam a agua crystallina em que lavavam o punhal assassino que lhe embibiam no coração innocente.

Ao grande mundo civilizado e culto deste a conhecer com a tua formidavel licção quanto valia a bravura d'este Povo pequeno no corpo mas grande na alma, pobre de dinheiro mas rico de valôr, paciente na adversidade mas intrepido nos ideaes! Que com a tua alvorada de hymnos estrepitantes acordaste do lethargo as forças vivas da Nação que empunharam o pendão da gloria e cobriram a loura cabeça com o dourado capacete, de peitos nus e fronteas altivas teceram a corôa immaculada da innocencia que aureolou a tua virginal cabeça de mulher — República.

Bem hajas oh! Exercito de Terra e Mar que tão bem desempenhaste a tua missão na defeza da Patria e da Republica, porque só nella vias a tranquillidade do lar, do bem estar de todos os cidadãos que até á data d'esse dia hoje tão festejado, viviam gemendo de dôr e fôrme sob as patas dos reaes burguezes; d'uma casta previligiada que apenas nos dispensava da sua refastelada meza as miserias migalhas que se escondiam á sua desmedida soberba.

Bem hajas, pois, brioso Exercito republicano, que não esqueceste as tradições do passado: dos exemplos heroicos do Mestre d'Aviz, da educação civica de D. Brites de Moura e de que hoje devias levantar de novo o esplendor da Patria moribunda.

Bem hajas oh! Nobre Povo cooperador da grande lucta Nacional, de 5 d'outubro de 1910 que, abrilhantou mais uma vez as paginas da nossa historia: d'essa immorredora escriptura que assignal-a a epopeia d'um Povo que outr'ora levou a civilização aos mais reconditos logares do Universo.

A tua bandeira foi das primeiras do mundo que adornou os mares nunca d'antes navegados. Ella tremulou nos pin-

caros das montanhas irradiando a luz civilisadora nos povos dos tempos pagãos da mithologia. Ella tem entrado nas cem mil batalhas d'onde sae triumphante com os louros da victoria escudada no patriotismo d'uma raça unica, que lhe diz: *tu és a nossa Fé.*

Bem vindo sejas, pois, oh! Dia 5 d'outubro de 1911, primeiro anniversario da Republica portugueza, radiante de gloria!

Nós, os teus filhos trasbordando d'alegria queremos saudar num grande fraternal amplexo a tua apparição e o teu Anniversario Natalicio.

Vem cicatrizar as chiagas profundas que essa avalanche desmoralisadora, de 8 seculos de existencia, cavou no peito dos que por ti sem treguas luctaram.

Vem ó Hespanha de turquemada, ó rica Inglaterra, ó altiva França, ó Allemanha socialista, ó grandes Nações do mundo civilizado! Vinde até nós para admirardes a Fraternidade-portugueza n'este dia tão solemne que commemora uma data immortal. Vinde, que levareis d'aqui para as vossas grandes Nações a convicção intima de que a República já se albergava na alma popular portugueza antes da data que hoje irmãmente se festeja no extremo occidental da Europa e de quanto são valorosas as affirmações do nosso grande cantor das Glorias Nacionaes:

*E vereis qual é mais excellentes  
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.*

Viva a Republica portugueza!  
Viva a Nação Valente e Immortal!  
Do seu filho agradecido.  
Vizeu, 5-X-911.

Carlos da Costa Figueiredo.  
2.º SARGENTO D'INFANTARIA 14

**Um anno depois**

Nos meus apontamentos, está lançado no dia 5 de outubro de 1910, quarta feira: *diz-se que a revolução em Lisboa, ficou mal-lograda.*

Esta phrase breve, concisa, como convém a escritos da natureza em que se encontra, tem para mim, como portuguez, a significação do terrôr. O horrivel terrôr que traz consigo a chacinha pelo ideal, a morte pela aspiração, a luta brutal pelo desejo.

Eu era então soldado. E assim na eminência da luta entre a disciplina e a educação pessoal, entre a ordem superior, breve e secca e a consciencia justa da minha existencia sobre a terra, entre a severidade da represália obrigada e a do coração simplesmente humano, eu revoltava-me com horrôr do aspecto do futuro



# A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR  
**ANTONIO RODRIGUES**

Composto e impresso na  
Typographia do *Jornal de Coimbra*

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DA SOPHIA, 163

ASSIGNATURAS Continente, trimestre - 300 réis  
Ultramar, semestre - 600 »  
Numero avulso, 30 réis

ANNUNCIOS — Preços convencionaes

Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

## UNIÃO

Tem-se falado com grande insistencia em união republicana, e este assumpto tem sido tratado no Parlamento por diversas formas, e tem-se alargado, em artigos de fundo, por todos os jornaes.

No entanto, é bom saber-se, que não ha razão séria que legitime tal debate, porque a união republicana nunca esteve em perigo e a sua existencia é um facto real e palpavel que não admite contestações.

E senão, qual é o republicano, que pensa n'outro regimen, que não seja o republicano?

Qual é o republicano, que não está prompto a pegar em armas, se a existencia da Republica perigasse?

Não ha nenhum. E se não ha, como se explica, que a cada passo se peça e reclame união republicana?

Ou união republicana será outra cousa, que não seja a solidariedade da maioria da nação, em volta do regimen actual?

O que ha, no meio d'isto, é uma confusão, que baralha a união republicana com uma outra união, que alguns julgam possível e proveitosa — homogeneidade d'acção.

E esta confusão que desnorteia alguns, que se dirigem ao Parlamento, pedindo e reclamando essa união absurda, que não seria outra cousa, que a simples subversão das leis mais rudimentares da psicologia.

Senão vejamos.

Na ordem material, a vida não é mais que um perpetuo movimento de assimillação, que incorpora nos seres as mollecules da materia. E d'ahi resulta, que existe sempre um movimento de acção e reacção, entre o ser e tudo o que o rodeia.

Na ordem moral succede o mesmo.

O espirito procura aggregar a si ideias e esta hectorogeniedade d'acção, que vemos no Parlamento, não é mais que um symptoma de vida fecunda.

Mas ainda mais. A ideia, como

bem o disse Jorge Etievant, não é innata no homem. Auxiliada pelos sentidos é o producto do meio em que vivemos.

D'ahi resulta, pois, que sendo desigual em cada um de nós o grau de sensibilidade e sendo tambem completamente differente o meio intimo, em que vivemos, differente é o odio que nos domina, differente o pensamento que produzimos, differente a acção, que na vida moral tem todo o nosso ser.

A chancellia do Partido Republicano elevou a deputados muitos individuos, cujas ideias eram desconhecidas dos seus eleitores; e assim, temos no Parlamento trez correntes d'opinião, que embora resumam o pensar dos eleitores, não são comtudo a expressão numerica da verdade.

Ha, por exemplo, uma forte corrente conservadora, amiga da paz e dos capitalistas e inimiga inconsciente dos que avançam na conquista de ideias com impetuosidade.

Existe outra corrente de autoritarios, que encaram a nação inteira como um batalhão unido, que deve executar sem hesitações um passo em frente ou meia volta á rectaguarda. Estes julgam-se os mais sinceros, os mais honrados, os mais sabios e os mais acertados, inquietando-se com qualquer sombra de debate á sua acção e resvalando a cada passo para a mesquinha politica de pessoas.

Existe, emfim, outra corrente, que julga encarar a sociedade algemada, no lodaçal pestilento em que vegeta e julga vêr ao longe, a brilhar n'um fulgor extranho, uma alvorada de nuvens de fogo, douradas de felicidade!

Esta quer avançar nas suas pretensões, combate a vida mesquinha do charco e quer rapidamente voar longe com a ousadia firme e altiva, que tira da sua crença.

Ora cada uma d'estas correntes d'opinião procura assimilar

a si as mollecules indefinidas, que constituem o corpo de cada grupo.

D'essa lucta, resulta a media de pretensões, ou a victoria do maior numero.

E como será possível haver união se cada grupo procura aniquillar o outro?

Pedir, pois, ao Parlamento homogeneidade de acção, é pedir o aniquillamento a subversão das correntes de opinião contrarias á nossa, ou antes, exigir a obediencia cega de todas as consciencias ao nosso modo de pensar.

E isto é simplesmente estúpido e absurdo!

União republicana, isto é, o geral acatamento do regimen republicano, consolidado na maioria da nação, existe.

União de aspirações, união de metodos na conquista de ideias, união de pensamentos, n'uma palavra — homogeneidade de acção entre republicanos, não existe porque não póde existir.

Montemór-o-Velho, 29-9-11.

CARLOS VICTOR.

## A NOSSA ETAPE

Um grande impulso dado á nossa etape pelo ex.<sup>mo</sup> Ministro da Guerra foi a dispensa de recolher, e não menos o foi tambem o bilhete de identidade pelo seu alcance social.

Estas duas importantissimas concessões representam para os sargentos principios d'uma elevada consideração perante a sociedade portugueza. Não trazem ellas augmento de vencimento nem dispndio para o Estado, trazem apenas o summa rio da justiça que nos assistia e de que eramos esbulhados nos tempos bacchanaes, que não vão longe.

Ou Monarchia ou Republica! Que differença!...

Ah!... O sargento tinha razão em se revoltar contra a Monarchia abraçando a Republica! Tinha, porque só na docilidade do seu affago via a esperanza dourada que a Monarchia lhe assassinava a todo o momento.

Acaso mudariamos de posição geographica no planeta? Não seremos illuminados e aquecidos pelo mesmo sol que antes da Republica nos mimoseava? Teriam desaparecido, com o advento da Republica, do sólo bemdito da Patria os nos-

sos rios com seus valles, as serras com as suas bellezas?! — Não. Nada d'isto desapareceu. Succedeu apenas uma grande transformação n'este Portugal moribundo: Rejuvenesceu com a concentração das forças herculeas dos seus filhos que arremesaram d'elle a vacuidade enraizada; baniram uma familia degenerada, ociosa e anti-democratica.

Eis, pois, a grande transformação que se operou na sociedade portugueza para tornar feliz e readquirir a sua altivez e o credito derruido d'este jardim á beira mar plantado!

Effectivamente o Portugal Republicano de hoje comparado com o Portugal Monarchico de hontem, dá nos a impressão de que este boccado de terra do extremo occidental da peninsula mudou de posição geographica se não tivermos em attenção que para novamente o tornar formoso bastou apenas uma minuciosa escolha na familia portugueza.

Familia portugueza? Familia! Não é bem dito; os que cá ficaram não pertenciam a essa cáfila de ladrões, que infestava as nossas cidades. Por tanto não houve escolha, pozeram unicamente os ladrões em debandada, e para isso bastou apenas uma boa duzia de discursos e comícios, e mostrar-lhe da Rotunda as bocas negras dos canhões para elles darem logo com os calcanhares no rabo, mostrando assim a prehez da sua inagualavel cobardia!

Vae-se vencendo a nossa etape e não vem longe o dia que ella terá o seu terminus. A differença já está em pouco. Duas ou trez cousas mais temol a concluida; festejaremos então com hymnos de gloria os nossos abençoados trabalhos e boccados de tempo gastos; ensarilhemos as nossas armas rabiscadoras, para nos transportarmos á paz do espirito, porque já tarde ou nunca nos tornarão a ser precisas.

A frente do exercito encontra-se um espirito lucidissimo, uma intelligencia inagualavel; um coração generoso e sobretudo amigo do bem estar da força armada, não lhe regatiando qualquer concessão quando vê a justiça d'ella.

Uma fé ardente avassalou o coração dos sargentos quando souberam que para gerir a pasta da guerra tinha sido escolhido o seu protector.

Com effeito, deu logo conta de si. Expediu, isentas de poeira, trez ordens em favor dos seus sargentos, que elles não conquistaram em 8 seculos de monarchia e 11 mezes de Republica, guindando-os ao nivel social!

Estas inabalaveis resoluções de s. ex.<sup>a</sup> faz nos acalentar a esperanza

de que em breve nos serão satisfeitos os restantes pedidos que a comissão dos sargentos de terra e mar havia solicitado do governo provisório.

Poucas são e a título de curiosidade vamos relembrar-as:

1.<sup>a</sup>— Conceder aos 2.<sup>os</sup> sargentos o uso de armamento e equipamento igual ao dos seus camaradas 1.<sup>os</sup> sargentos.

2.<sup>a</sup>— O uso do traje civil fora dos actos de serviço.

3.<sup>a</sup>— A supressão das inspecções para as readmissões, ou, quando assim não possa ser, pelo menos por períodos de 3 annos e não annual como está.

4.<sup>a</sup>— Uma divisa de galão d'ouro para os 2.<sup>os</sup> sargentos e duas para os 1.<sup>os</sup>, pois que, desde que os cabos não fazem uso d'este padrão, não ha confusões e só temos a lucrar com esta medida economica, porque um par de divisas de galão d'ouro, em termos, para o 1.<sup>o</sup> sargento importa aproximadamente em 2500 réis depois de pagar ao alfaiate! E' superflua esta despesa e tanto mais quanto é certo ser necessaria a sua constante substituição.

5.<sup>a</sup>— A promoção dos 2.<sup>os</sup> a 1.<sup>os</sup> sargentos por escala ou diuturnidade.

São estas as concessões que nos faltam para ultimarmos a nossa étape.

As mais renitentes são as duas primeiras e por quem nos temos empenhado com rara coragem para as alcançarmos a fim de podermos enfileirar junto dos nossos camaradas 1.<sup>os</sup> sargentos e de novo estreitarmos a amizade que nos ligava a todos, a qual afrouxou bastante e a ponto de até se estremarem os campos motivado pela concessão da primeira das regalias acima indicadas.

26-9-911.

C.

## ACRADECIDO

O numero 35 de «A Voz do Sargento» insere uma carta aberta á minha humilde pessoa e em que Accacio Serra, de Coimbra, declara ter observado de ha muito que acompanho o seu modo de vêr, no sentido de unir todos os bons esforços para felicidade e progresso da Republica.

Como o aprendiz ignorado e occulto, que trabalha na obra onde o deixam aproveitar as suas horas de ocio, sem querer que o vejam e deseñando que não saibam da sua existencia por ser ainda um inapto, assim vinha eu escrevendo na «Voz», bem longe de suppôr que as minhas palavras, boas ou más, encontrariam echo n'outra alma que pensa como eu, que me sente acompanhar as suas ideias e que, como eu, é patriota independente e sem condições, aborrecendo e condemnando os preconceitos de uma sociedade desorganizada e impostora.

Accacio Serra que eu não tenho a honra de conhecer mas em quem adivinho um leal companheiro de ideias sãs e um bom portuguez, tem tido a condescen-

dencia de lêr o que escrevo na «Voz» por saber que nos igualamos no mesmo fervor e no mesmo empenho patriótico de combater os maus principios e condemnar os falsos republicanos.

E a mim, cumpre-me agradecer-lhe aqui, já que não posso fazel-o pessoalmente, a gentileza do seu desabafo, gesto de amigo e de patriota.

S. Fernandes.

## CARTA ABERTA

Sr. director da *Voz do Sargento*.

Será favor da sua parte dar inserção, no seu jornal, ás seguintes proposições, onde eu accuso a deslealdade da defeza — *O seu a seu dono*, inserta no n.º 44 do *Sargento*.

Pela ordem que lá vem, declaro: — que o jornal *O Sargento*, n.º 12, em artigo do seu director, affirmava fazer eu parte da sua redacção; — que o n.º 21 tem dois artigos meus: *Da Rua...* e *Um combate a pedido* do director. Também a *pedido* foram os poucos artigos que alli escrevi a partir do n.º 27 exclusivo;

— que o director do *Sargento*, a partir do n.º 8, mandou a minha casa, *sem eu pedir*, as provas do seu jornal; e depois do n.º 22, me fazia ir á sua loja, por conveniencia de serviço na impressão do jornal á Sophia, ás quintas e sextas feiras, á noite, *obrigando-me* até a rever provas já emendadas pelo sr. Octavio Cardoso;

— que no dia 21 de novembro de 1910 o director do futuro *Sargento* me propoz a fundação d'um jornal de classe, de beneficencia para a mesma, vencendo os meus escrúpulos com esta phrase: *o teu trabalho representa o teu capital de entrada*, etc.;

— que para fazer o *reclamo* dos varios livros que as livrarias offereciam á redacção, o director do *Sargento* me offertou *onze volumes*;

— que *todas* as relações entre mim e o director do *Sargento*, se quebraram no dia 13 de setembro, e apesar d'isso elle me enviou ainda o seu jornal no sabbado, 16;

— que no dia 25 de março, pretendi pagar trez mezes passados da minha assignatura, ao que o director do *Sargento* se oppoz, auctorizando-me até a lançar no livro da administração do jornal o symbolo pg., aos então collaboradores do mesmo;

— que não sendo habil em enygmas, vou ainda assim tentar a decifração d'aquelle que o director do *Sargento* me propoz: ... *todos nós assim podíamos ser*: — se é *doido*, a minha vida passada não tem um só ponto negro; se é *garoto*, os homens não se conhecem pela gordura; se é *gatuno*, palavra vulgar na bocca do director do *Sargento*, devolvo-lhe *intacto* o insulto, porque eu desprezo quem *nunca* cursou a escola da boa educação.

Fica assim mantido o que declarei no n.º 35 de *A Voz do Sargento*.

Pôde o director do *Sargento* dizer o que quizer *sobre este caso do jornal*. Da minha parte lhe marco aqui um ponto final, a traduzir a repelencia que sinto em me haver mettido com a sua pessoa.

PLINIO VENTURA (*Non item*).

## ÁS PAREDES D'UMA PRISÃO

Ouvi-me avesinhas que passaes  
Junto d'esta prisão, radiantes de felicidade.

Avesinhas alegres que passaes  
Voando satisfeitas nos silvados,  
Espalhando a harmonia nos quintaes  
Ou vendo o pôr do sol pelos telhados,

Ouvistes certamente os tristes ais  
De quem em seus suspiros e seus brados  
Vive chorando, enquanto vós voaes  
E s'entrega a soluços abafados.

Levae-lhe a harmonia defenida  
Ensinae-lhe uma certa afinação  
Que a lyra que elle tem já 'stá partida.

Dizei ao revoltado da prisão,  
Que versos faz sem peso nem medida  
Que se enganou na sua vocação.

CARLOS VICTOR

## LAGRIMAS EVOLADAS

III

### AMOR E MELANCHOLIA

«Oh aguia que vaes tão alta!...»

Calou-se a formosa Zelia.

Aquella canção era uma supplica atirada á ave que atravessava serenamente o espaço, n'uma grande apothese á natureza.

E ella calou-se!...

Calou-se, a beber as lagrimas semelhantes a perolas que cahiam abundantes dos seus formosos olhos negros.

Além, junto á ermida, n'um pequeno carneiro que branquejava entre os altos cyprestes, repousavam no derradeiro somno o pae estremoso e a mãe carinhosa da Zelia. O ultimo d'elles, a mãe, tinha morrido havia pouco mais d'um anno; por isso a punhalada vibrada então profundamente no seu coração diamantino de boa filha ainda sangrava, e aquella canção terna e melancholica vinha avivar-lh'a ainda mais.....

Filha unica, a Zelia depois da morte de seus paes, tinha ficado só no mundo.

A' noite orava deitada pelos seus queridos mortos e assim adormecia balbuciando orações.

Mais d'uma vez os seus labios rosados de carmim, tinham ficado do abertos quando o somno lhe vinha cortar a ultima syllaba dos seus rogos á Providencia.

.....  
Passado tempo, o coração da Zelia entregava-se a outro affecto: ao amor pelo Jorge, o pastorinho que lhe sorria meigamente ao saudal-a: «Bons dias, formosa Zelia!»

Comtudo, a lembrança paternal jámais se olvidou no seu coração, e, de quando em quando, os seus olhos formosos e negros erguiam-se ao firmamento, procurando penetrar ante os mortos, para divisar entre elles os seus paes queridos.

.....

O Jorge era uma alma formosa e sincera que adorava loucamente a sua Zelia, e essa paixão encontrava echo no coração da formosa orphã.

Todavia, o amor traz sempre no seu seqüito um espinho cruel: — o ciume!

Por motivo de ciumes injustos tinham-se arrufado quatro dias antes d'aquelle em que a linda orphã atirava á aguia a sua canção, a sua supplica.

E a Zelia, alli entre o seu rebanho de cordeirinhos niveos, que pastavam e de vez em quando lhe lançavam olhares de compaixão, chorava ao recordar aquella canção triste, porque comprehendia bem a impossibilidade das suas exhortações á aguia.

Estava outra vez só no mundo!... O Jorge, em que ella depositara e concentrara todo o seu amor, fugira-lhe, já não a amava!...

Por isso, dos seus formosos olhos negros cahiam as lagrimas limpidas, quaes perolas do Oriente!

De traz da montanha vinham sons cavos da enxada do trabalhador, que morriam alli muito perto da Zelia, e como n'uma ironia cruel, chegavam tambem os cantares das suas visinhas, que se recolhiam a casa, depois do seu trabalho quotidiano.

O crepusculo cahia lentamente, estendendo o manto escuro da noite por sobre aquelle sombrio logar.

E ella continuava muda, silenciosa, bebendo as lagrimas semelhantes a perolas.

E, por detraz, uma voz vibrante, a voz do Jorge:

Zelia: são horas de recolheres!

Estavam reconciliados!...

Accacio Serra.

Tendo-nos sido devolvidos alguns recibos com a nota «avisado e não veio pagar», pedimos a todos os nossos assignantes, a quem não foram presentes os respectivos recibos de cobrança, a fineza de nos enviarem em vale de correio ou em estampilhas a importancia das suas assignaturas.

**A religião e os seus ministros**

Uma das principais cousas que a todo o bom cidadão deve prender a sua attenção, é a forma como nos nossos dias se está ministrando a Santa Religião que mais valia chamar-se lhe Santa Inquisição.

Sim, Santa Inquisição, porque embora se não faça uso dos processos iníquos de que se serviu a igreja no seculo passado, em que para fazer prevalecer as suas prerogativas queimou e torturou milhares de creaturas, hoje os seus santos ministros, (salvo raras excepções), estão-se servindo d'outros, que pela sua natureza dão o mesmo resultado, por elle tão ambicionado.

E a prova está em muitos não quererem accetar a pensão. Porquê? Porque confiam no desgraçado povo, que pelo seu estado pleânico, está prompto a governal-os e a proporcionar-lhes uma vida cheia dos maiores gosos.

Será bom que a Republica não descure este assumpto que a meu vêr é de alta importancia.

Que se criem missões de propaganda ou encarregar os homens de diversas localidades que pela sua qualidade de seres dotados de verdadeiro amor patrio, façam vêr aos desgraçados que vivem nas trevas, o que é a verdadeira religião e o que é a Republica.

Creiam os verdadeiros republicanos que uma grande parte do nosso paiz, ainda está muito inculto, aonde só se sabe que ha um padre e uma igreja, e que é alli que está encerrado o medico, pharmacia e o ceu, para cura de todas as molestias e remissão de todos os peccados!

E senão veja-se; quando teem qualquer pessoa em perigo de vida, o que fazem? chamam o padre em vez do medico; não se importam que essa pessoa morra logo que tenha apanhado a agua benta, porque julgam com isso tel-a salvado das penas eternas do inferno.

Não quero, nem a Republica mesmo admite que se vá de encontro á crença de cada um; não, longe de mim tal pensamento.

O que eu quero é que se dê luz a esses entevados, que não cessem os comicios, porque ainda são muito necessarios e eu provo-o, porque ainda ha dias estando na minha aldeia no goso de licença e vendo o estado de atrazo em que quasi todos se encontravam, pretendi realizar uma conferencia publica, mas em breve me dissuadi de tal proposito em virtude de pessoa amiga me informar de que se tal fizesse seria apupado e corrido á pedra meuda.

E ainda mais me foi noticiado que n'uma pequena localidade situada a dois kilometros da minha aldeia, denominada Cinco Villas, concelho de Figueira de Castello Rodrigo, districto da Guarda, se deu um caso bastante interessante e ao mesmo tempo penoso:

E' um logarejo aonde nunca se ouviu senão a voz do padre; a escola é regida por uma professora que me parece nunca ter levado a exame um alumno!

Já vêem, portanto, o estado verdadeiramente selvagem em que aquella gente se encontra e por isso recentemente, uma mulher, suggestionada não sei por quem, deu publicamente morras á Republica.

Um individuo, que não era natural d'alli, mas que ha uns annos lá exerce a sua profissão e que era o verdadeiro republicano que lá existia, prendeu immediatamente a dita

mulher, rendendo-lhe este seu procedimento o ter de abandonar o logarejo occultamente, quando não, os selvagens o teriam lynchado e incendiado a sua casa, vendo-se obrigado a vender todos os bens que alli possuia e abandonal-os para sempre, para segurança da sua propria vida.

Tendo communicado o caso á auctoridade competente, esta mandou alli uns policias prender a mulher, não podendo estes effectuar a diligencia de que foram encarregados, porque o povo munido de paus e não sei que mais lhes preparava a guarda de honra!

O que se seguiu a isto não sei, mas o que posso affirmar é que a mulher lá ficou tranquilla e até hoje a auctoridade a quem competia providenciar sobre o caso, pouco se encommodou, ou mesmo nada mais sobre o assumpto.

Por tudo isto se pôde calcular o estado de atrazo em que se encontra para alli aquella gentinha. E porquê? A resposta é facil.

E' porque o padre nunca os aconselhou a que fossem ou mandassem os seus filhos para a escola, que lá é que se encontrava o pão do espirito, mas sim que fugissem para a igreja, que adorassem os santos que elles saberiam recompensal-os.

E' por isso que a Republica para marchar sem embaraços, precisa cortar os vãos ao padre, (salvo raras excepções), e não se cançar de continuar com a propaganda de que outr'ora se serviu para nos salvar do abysmo; porque muito necessaria se torna ainda hoje, para bem de todos nós.

Coimbra, 23-9-911.

A. Soares,

1.º sargento d'infanteria 23.

**DO ULTRAMAR**

Sr. redactor e camarada

Enviando por intermedio de meu pae a importancia d'um anno da minha assignatura do nosso querido jornal *A Voz do Sargento*, peço no mesmo a publicação do seguinte:

Agora que a Republica querida dos verdadeiros portuguezes, está disposta a levantar do ostracismo a que estava votada, a briosa classe a que nos orgulhamos pertencer, não seria justo que compassiva olhasse para os miseros 200 réis dados ás praças de pret para a alimentação e que servem em Timor?

Como é que, com esta irrisoria quantia, pode satisfazer á sua alimentação, todo aquelle que preza a sua vida e a saude?

Se é certo que em Timor a vida não é demasiado cara, é, todavia, verdade, que não são 200 réis que chegam para comprar um certo numero de coisas caras e imprescindiveis ao europeu nestas paragens, como azeite e outros generos. Já não fallo em vinho, porque é imprescindivel aqui... para as praças de pret.

Querem saber os que lerem este brado de justiça enquanto

importa um mez de alimentação em Dilly, onde não ha rancho?

Nada mais nada menos, que na quantia de 20 a 30 patacas (cada pataca, 450 réis) e isto... sem vinho!...

A não ser que, como os timorenses, nos alimentemos de milho assado, batata doce, banana ou papaya cosida, os 200 réis devem chegar, e sobrar ainda, para, no regresso á metropole, mandar cantar um cégo!...

Se na nova organização do Ultramar não for estabelecida maior verba para este fim, verba que já antevejo será a mesma, não é com ella que o Estado grangeará em Timor adeptos para o desideratum do quadro colonial.

Timor-Dilly, 2-8-911.

Um sargento do exercito da metropole

**CARTA**

Vendas Novas, 22.

Caro director.

Muitas vezes os sargentos não cumprem os seus deveres de cortezia para com os seus superiores por causas contrarias ao seu modo de ver irem de encontro á pratica d'esses actos de cortezia.

Em Vendas Novas assim succede no que respeita ao seu ingresso na estação do caminho de ferro, na occasião da chegada ou partida dos comboios.

Os srs. officiaes teem ingresso na gare sem que se lhe exija o respectivo bilhete, e os sargentos, que por vezes desejam ir alli para se despedirem d'algun sr. official do seu grupo ou em serviço na Escola, ou mesmo d'um camarada ou pessoa de familia, são logo mandados retirar da gare se d'ante-mão não comprarem o respectivo bilhete de gare!

Parece que não, mas é verdade. A continuar assim é muito natural que os sargentos por vezes passem por mal creados por não irem á gare despedir-se dos superiores ou pessoas que lhes sejam mais affectas; pois não é pelos 50 réis que se gastam por uma só vez, é pelos muitos 50 réis que terão de gastar num mez, que depois lhe fará falta para o custeio da vida, que tão cara aqui é.

Fóra das occasiões em que os sargentos fossem á estação para se despedirem de qualquer pessoa, poderá tomar-se como distracção a sua ida alli nas occasiões das chegadas dos comboios da tarde?

Pôde, responderá. Eu concordo; mas em Vendas Novas não ha nada, absolutamente nada, para distracção, a não ser que se vá fazer gazeta nos estabelecimentos de merceria ou em tabernas, em convívio com os soldados.

Emfim, são d'estas e outras velharias que ainda existem e que vejo poucos geitos de acabarem. E' conveniente que se saiba.

Se d'isto quizer fazer echo no nosso jornal, como defensor da classe, desde já lhe fica agradecido o que é

Seu amigo mt.º obrg.º

Manuel Coutinho Vassallo,

1.º sargento do grupo de guarnição.

**Desconsideração ou esquecimento?**

Realizou-se no passado dia 5 a cerimonia da entrega da bandeira e juramento do batalhão de voluntarios de Coimbra, para o que foram convidadas todas as corporações á excepção da dos sargentos, falta que não podemos deixar passar sem reparo.

Custa a crêr que fosse esquecimento, porque na recita de beneficio para o mesmo batalhão, souberam bem o nome de todos os sargentos para lhes enviarem os respectivos bilhetes; e além d'isso acresce ainda a circumstancia de haver, pelo menos, 3 sargentos que fazem parte da direcção.

Para nós é caso assente: Os sargentos só são lembrados para ministrar a instrucção e outras massadas que lhes apeteça.

**PLACARD**

Afim de podermos pôr em ordem as cintas d'*A Voz do Sargento*, pedimos aos nossos assignantes a fineza de nos indicarem as suas novas residencias.

Aos nossos assignantes do Ultramar, que ainda estejam em debito, pedimos a fineza de mandar satisfazer, para regularidade da nossa escripturação.

Recebemos e muito agradecemos a importancia da assignatura por um anno, dos srs.: Augusto Fernandes Panão, 2.º sargento enfermeiro, Timor; Manuel Pereira, 2.º sargento enfermeiro, Dilly; a de tres trimestres do srs. Joaquim Maria de Souza, 1.º sargento da companhia de saude, Loanda; a de um semestre, dos srs. Antonio Coareia, 2.º sargento d'infanteria 23; Manuel Joaquim Ribeiro, Cezar Augusto Gamba, 2.º sargentos da guarda fiscal, Caes do Sodré; e a de um trimestre, do sr. Plinio Ventura, Coimbra; Manuel Martins Candido, sub chefe de musica, Antonio Gomes Santiago, 1.º sargento, Luiz Augusto dos Santos Guerra, capitão, todos d'infanteria 23; Amílcar de Souza Ferreira, 2.º sargento de D. R. 23; Eduardo d'Albuquerque, sargento ajudante de cavallaria 4; José Manuel, 2.º sargento da guarda fiscal, Paradinha do Outeiro.

**PENSIONATO ACADEMICO**

Situado no Penedo da Saudade, o mais aprazivel, saudavel e hygienico bairro de Coimbra.

Num edificio com muito ar e muita luz, a cinco minutos do Lyceu e do Collegio de S. Pedro, que recebe alumnos externos.

Trata-se gratuitamente da matricula dos pensionistas.

PREÇOS MODICOS

Tratamento em familia

Prospectos com mais esclarecimentos. Pedil-os a José d'Albuquerque, Santa Clara, Coimbra.

## A conspiração de 1817 contra a vida do general Gomes Freire d'Andrade

Transcrição da conferencia celebrada na noite de 18 de Outubro de 1903 no Temp.: Grande «José Estevam» do G.: Or.: Luz.: U.: Sup.: Cons.: da M.: Portugueza.

(CONTINUAÇÃO)

Gomes Freire, como vimos, passou muitos mezes na provincia em casa de seu primo conde de Bobadella e só mais tarde veio para Lisboa, indo residir para a rua do Salitre, tendo de facto «dependurado a sua espada na parede», por não ser chamado ao serviço militar, passando a viver como particular, sendo muito limitado o numero das suas relações.

Gomes Freire d'Andrade foi eleito no anno de 1816 Grão Mestre da Maçonaria Portugueza, logar de méra consideração pelo prestigio que tinha entre os seus II., que nessa calamitosa época nem sessões regulares podiam ter pela perseguição que movia o governo da regencia e o intendente da policia a tudo o que fosse suspeito ou secreto.

Nestas circunstancias de inactividade é que um novo incidente se deu na vida de Gomes Freire, a que elle foi completamente alheio.

Lavrava nos corpos do exercito portuguez não só a desmoralisação nas casernas, mas tambem, já muito aggravado, o descontentamento de uma grande parte da officialidade que desde 1809 se achava licenciada, sem promoção, e reduzida a meio soldo pago com atraso; situação creada pelo despreso e desfavor do commandante em chefe Beresford, que havia dado os postos de commando a officiaes inglezes, bem remunerados e com accesso!

Este, como muitos outros factos de desconsideração e despreso pelos officiaes portuguezes tão oppositos ás suas affirmações exaradas na celebre ordem e proclamação de 15 de Março de 1809, como tambem a intenção sabida e reconhecida de enfraquecer o nosso exercito reforçando o commando das tropas com officiaes inglezes da sua escolha e confiança para poder dispôr livremente da força publica e conter qualquer alteração de ordem publica, davam justificado motivo ao descontentamento que se notava no exercito.

Beresford não desconhecia este mal estar; mas firme de animo por dispôr da força publica e da confiança illimitada do Principe Regente, querendo evitar ser surpreendido por algum acontecimento imprevisto, resolveu-se a espalhar por toda a parte espiões assalariados, e sem duvida os melhores seriam os officiaes do exercito portuguez que se prestassem a servir um marechal disciplinado e disciplinador como era Williar Carr Beresford! Conseguiu o seu intento e alguns officiaes portuguezes ficaram sob a sua muito poderosa protecção...

Beresford tinha, ao que se vê, feito para intendente de policia!

Entre os officiaes já com lista de bons serviços entre os infames d'esta especie, como veremos, foi escolhido o capitão de infantaria N.º 10 e rosa-cruz na Maçonaria, José de Andrade Corvo de Camões, dupla-

mente traidor aos seus camaradas d'armas e IIr.: Maç.:, infame no perseguição e intriga calumniosa contra uns e outros, sempre prompto a colher os louros dos seus valiosos serviços, indispensaveis a Beresford para sua segurança e auctoridade!

Quando Gomes Freire regressou a Portugal, Beresford sobresaltou-se com o prestigio, auctoridade e valor, geralmente conhecido, d'este general portuguez, que além de ser muito considerado no estrangeiro pelos seus feitos d'armas, lhe podia fazer sombra pelo conceito em que era tido o seu nome no exercito portuguez.

Era pois Gomes Freire um general que se quizesse, podia encommodar Beresford e pôr em perigo a situação official do Commandante em Chefe do exercito portuguez, logar que tinha adquirido pela imbecilidade de D. João VI, e que além de representar o mais elevado cargo de auctoridade e força em Portugal, onde o official inglez se achava soberano, tinha a mais a vantagem de lhe render a magra gratificação de 16:000\$000 réis annuaes!

Já se vê que vantagens d'esta ordem e importancia não se podiam perder, porque só um paiz como Portugal as podia dar ao mandarim que se chamou com bons modos para nos governar, amordaçar e garantir a nossa independencia!

E' n'esta situação duvidosa para o espirito de Beresford sobre as intenções do general Gomes Freire de regresso a Portugal, que o commandante em chefe do exercito portuguez recolhe com satisfação uma denuncia fresca que o capitão e espião José de Andrade Corvo de Camões lhe communica em sua casa na noite de 15 de abril de 1817 «de que existia uma conspiração militar contra a sua vida, contra a vida dos governadores do Reino e contra as instituições monarchicas.»

Esta pequena bagatella!...

Beresford muito grato ao seu salvador, logo pactuou com elle a fórma de descobrir os criminosos, fazendo do capitão de infantaria um conspirador para melhor se pôr ao facto do que diziam os descontentes e animal-os nas suas combinações!

Corvo estava radiante e entrava em scena com o seu papel favorito, demais a mais por prestar tão relevante serviço a Beresford, o prototypo moralizador e disciplinador do exercito portuguez!

Todo o plano foi combinado entre ambos como veremos; mas o que Corvo não pôde nunca conseguir, embora auxiliado por mais tres aves — um Pinto, um Pato e um Pombo — todos officiaes portuguezes do exercito, foi encontrar vez alguma Gomes Freire como auctor, como instigador, como conselheiro ou como cumplice, accetando qualquer papel n'essa conspiração de meia duzia de insignificantes idiotas, e por uma simples razão: porque Gomes Freire não conspirava, estava innocente, e ignorava completamente o que pensavam os descontentes promotores de uma imaginaria conspiração!

Esses descontentes nem relações directas ou indirectas tinham com Gomes Freire, mas o seu nome, apenas proferido sem o seu consentimento ou accetação, servia com tudo de estímulo para angariar adeptos!

(CONTINUA.)

## ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58 RUA DA SOPHIA—61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

MERCEARIA LUSITANA

DROGARIA VILLAÇA

COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

## O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 2\$500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Goncalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

## IMPRENSA ACADEMICA

153—Rua da Sophia—165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc.  
Execução rapida.

## AGUA DE PIZÕES—MOURA

A melhor de todas as aguas

Apreciada por toda a parte.  
Isenta de substancias organicas, bacteriologicamente PURA.  
Para uso diario e constante. Refrigerante inegalavel. Simples ou com wisky, leite, vinho, etc.

## EXPERIMENTAR É USAR

Unicos representantes para o Brazil, Africa e Norte de Portugal

FONSECA NUNES & C.ª

Rua da Nova Alfandega — PORTO — PORTUGAL

Depositario em COIMBRA

## GAITTO & CANNAS

## Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.  
Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

UM OFFICIAL DO EXERCITO

O melhor enchido de Portalegre

Na casa Gaitto & Cannas

NOVA CASA DE BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Bandoleiras, Bandas, Charlateiras, Penachos, Fiadores em seda, algodão e cabedal, Fitas e Travincas para medalhas, Cordões, Correntes e emblemas em todos os generos.

Botões dourados para todas as armas.

Executam-se pedidos para a provincia e colonias.

H. SANTOS CALLEYA

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

TYPOGRAPHIA

DO

JORNAL DE COIMBRA

Rua do Pateo da Inquisição

Execução rapida de todos os trabalhos typographicos. Bilhetes de visita, memoranduns, circulares, etc.  
Preços modicos.



approvassem o que pudesse trazer prejuizo á Republica e aos interesses collectivos do Povo.

Ora, se analysarmos detidamente a situação actual da politica portugueza e dos homens que constituem os poderes dirigentes, nós vemos, com grande magua, não uma heterogeneidade de acção, mas uma lucha accesa, onde o personalismo impera palpavelmente.

Isto é que é mau; pessimo mesmo.

Não quero homogeneidade de acção; quero uma União de boa vontade em servir o Povo, a Republica.

Homogeneidade de acção seria abusar da ordem natural das coisas.

Accacio Serra.

### Ernesto Gomes Thomé

De todas as obras bem escriptas cujas paginas ardentemente tenho folheado e que vejo agora sobre a minha meza, organisadas e construidas pelo buril da litteratura moderna, empunhado por novos espiritos e por jovens poetas, distinguem-se as paginas do livro «Feixe de Sonhos» de Ernesto Gomes Thomé. Estas palavras são tardias, bem o sei, aos espiritos que me comprehendem porque a prosa fulgurante d'outros pontos mais aristocraticos já reflectiu para bem longe... em sernaculos jarros de linguagem os «Sonhos» doirados do jovem poeta figueirense.

Porém, ao lêr versos do Ernesto, o coração sente-se viver e, parece que os sentimentos que elles traduzem são aquelles de quem os contempla. O auctor do «Feixe de Sonhos», é, authenticamente, para assim dizer, um poeta da geração moderna e, a geração futura, reserve-lhe, sem duvida, um insolito logar a que tem direito pela authenticidade e eximia revelação que nos vae mostrando, e pelo seu novo talento ao desabrochar da sua adolescencia, segundo as notas d'um apreciador critico. E' que o auctor do «Feixe de Sonhos» sabe bem distinguir as coisas. Sabe empregar-lhe o seu verdadeiro quilate, o seu valor, e, n'um ritmo chrystalino elle canta no seu primeiro livro de versos, quantas corrupções se dispersam por esse mundo além!...

O bem e o mal elle distingue e observa simultaneamente com uma eximia imparcialidade de estudos de um inclito pensamento e de uma intelligencia elevadissima, brilhantes ornamentos das suas 16 primaveras.

Já elle tão novo começa a illuminar o caminho que hoje incita n'uma vereda de sonhador sublime, deixando, hoje, atraz de si, um rasto luminoso.

Quem será o Ernesto Gomes Thomé?

A posteridade o dirá...

Espalhamos a sua obra. Trabalhamos pois, todos, para esse fim, não só para nós ou para elle, mas tambem para a Patria, que se tornarão inquestionavelmente uteis todos os seus bellos trabalhos e todos os seus esforços.

Que desculpe o Ernesto Thomé estas simples linhas d'um seu humilde e despretencioso admirador.

Figueira da Foz,  
V. Verde, 24-8-911.

Eduardo Freitas Tudella.

## LITTERATURA

### APPELLO

«A Republica viverá, porque a mulher portugueza assim o quer.»

MARIA VELEDA (Discurso em Braga).

Senhoras da minha terra cantae, deitae á brisa  
Em notas argentinas um hymno á Liberdade;  
Vinde saudar commigo a luz que se divisa  
Rompendo a espessa treva qu'envolve a Humanidade.

O' candidas bellezas, ó palidas visões,  
Franzinas criaturas tão cheias de lyrismo!  
Juntae a vossa voz á voz das multidões,  
Ao nosso entusiasmo o vosso patriotismo!

Senhoras da minha terra! modestas e discretas  
Vós tendes no vosso lar o germen do Porvir:  
As doces creancinhas! São rosas entreabertas  
Que sem o vosso amor jámais poderão florir!

Por isso aqui vos trago tambem esta creança;  
Vêde como é galante! vêde como é gentil!  
E' rubra como a luz e verde como a Esperança,  
E' limpida e serena como as manhãs d'abril!

E' loira, muito loira, como os trigaes do sul;  
Dos roseirae do Minho seus labios têm a côr;  
Tem a luz do seu olhar a limpidez azul  
Do sol d'este paiz — o meu primeiro amor!

Republica se chama ella; é muito nova ainda;  
Um anno faz apenas, mas já parece alguém!  
Consagra-vos, senhoras, uma ternura infinda,  
Senhoras portuguezas amae-a pois tambem!

Guardae-a, senhoras, como um penhor sagrado  
Bem junta ao coração; acalentae-a ahí!  
Para que ella mais tarde com gesto sublimado  
Possa dizer ao povo: levanta-te e sorri!

Braga, 5 d'Outubro de 1911.

Armando da Luz Ramalho de Barros

## A REVOLUÇÃO

Humilde homenagem ao 1.º anniversario do «5 d'Outubro de 1910»

Troam nos largos mares os canhões,  
Ao signal da sublime revolução,  
Que um povo de heroe de fortes corações  
Ergue em terra em louvor de seu torrão...

Vê-se ao longe scintillar o clarão  
D'uma aurora brilhante e redemptora!  
Alvor'cida do seio d'um povo irmão,  
Que escreve uma pagina immorredoura!

Morre sobre as putridas metralheiras,  
A criminosa c'roa de Brigantina;  
Emquanto, nas calçadas, as Fileiras  
Vencem! á voz d'um povo que domina!

Vê-se por fim, a gran'patria liberta,  
A voz da liberdade d'este povo,  
E que agora lê em historia aberta,  
Uma pagina nova! um hymno novo!

Figueira da Foz, V. Verde—Outubro de 1911.

Eduardo A. Freitas Tudella

## Pela Patria! Pela Republica!

Todos os bons patriotas, que é como quem diz, todos os bons republicanos, teem, na presente occasião de cumprir o sacratissimo dever de mostrar a esse rebanho de troglodittas immundos, que campeiam vagabundamente pelas tabernas da fronteira, que a soberania nacional do Povo é indestructivel.

Sim! teem de fazer vêr a esses malsins que hoje cada peito de bom portuguez é uma barreira insuperavel na defeza da Republica!

A arvore redemptora da Liberdade frondesceu aos accordes melancolicos, mas bellos e energicos, da *Portugueza*.

Frondesceu, floriu e fructificou, quando a grande maioria do Povo Portuguez, n'um arranco de patriotismo elevado, atirou para o monturo da abjecção um regimen corrido de vermes nocivos, uma horda de salteadores emeritos, que se compraziam em levar este Povo, tão grande, tão cheio de honradas tradições e de bravura inegalavel, para o abysmo da desnacionalidade.

Fez um crime este Povo, quando, pegando em armas, n'uma intimativa formal e cathgorica aos traidores da sua terra, á vil escoria da sociedade, apontou o caminho aberto para a proscricção que tanto mereciam?

Fez um crime este Povo em abraçar o santo ideal da Liberdade, que irradiava a sua luz, que espalhava os raios do seu sol por sobre a sua cabeça, e lhe mostrava ser o seu guia incondicional na jornada da sua Redempção?

Não. — Não fez!...

Quem ha por ahí que, tendo um servo ladrão do seu dinheiro, esbanjador da sua dignidade e promotor da sua deshonra aos olhos alheios, o consinta complacientemente ao seu serviço?

Ninguem!...

Mas elles, os cretinos proscriptos, julgavam-se o contrario, isto é, que elles eram o senhor e o Povo o servo obediente, que vergava humilde e paciente aos seus caprichos egoistas, á sua ambição desmedida, ao seu orgulho revoltante e ás suas vergonhosas infamias.

A onda popular, tão forte e tão bondosa, largo tempo se prestou a ser o juguete da canalhice d'esses *coquins* aparvalhados, que se julgavam omnipotentes, invocando a protecção d'um Deus!

Esses biltres deshonravam assim o nome do orago que lhe servia de esteio, pois lhe ferravam, descarada e cynicamente, o estygma do protector de traidores, fazendo, portanto, d'elle um traidor tambem.

Não se lembravam, os bandoleiros, que se houvesse um Deus todo bondade, como elles dizem haver, se não prestava a collaborar n'uma *escroquerie* degradante?!

Um dia, vimo-los sumir, envoltos na nevoa pardacenta da polvora, e julgavamos-los arrependidos e penitenciados dos seus crimes.

Um dia, na alma de todo o bom portuguez penetrou um raio de esperanza na regeneração da Patria, quando os vimos fugir cobardemente deante da Justiça, bondosa em demasia, d'um povo que queria ser livre.

Fomos complacentes, e haveria até—quem sabe? alguns que

tinham reservado um canto da sua alma para chorar a sorte dos que fugiam torturados eternamente pelo remorso, a que os tinha arremessado o seu instincto felino.

Muitos pensariam que o resto da existencia d'essas feras havia de ser um continuo supplicio, sem que o seu cerebro, cheio de remorso, faria reviver os que no tumulto pagaram o seu amor pela libertação dos opprimidos.

E todo o bom portuguez lhe perdoou, certo de que jámais d'esses bandidos se levantaria um braço, mesmo um ciciante queixume, contra a sorte que o destino lhes marcou.

E como nos enganamos!

Ei-los, dentro em pouco, ás ordens d'um demente perigoso e malvado, a quererem satisfazer os seus preversos instinctos n'um Povo cheio de Razão e Justiça, que os baniu para sempre do solo da Patria querida!

Que cumpre fazer, n'esta situação? Ser mais uma vez benevolos? Não, bons portuguezes!

Jámais se lhes deve perdoar a affronta immerecida a um Povo digno!

O dever de todos nós, que, acima de tudo, prestamos culto ao altar bendito da Patria, é levantarmos nos solidarios despedindo, n'um rasgo de protesto unanime, 5 milhões de balas contra os traidores que se atrevem a pôr o pé sacrilego na terra que renegaram!

Pela Patria! Pela Republica!

Accacio Serra.

## CAMARADAS

Novamente me apresento declarando, sinceramente, que a *Voz do Sargento*, é um jornal que se interessa condignamente pela nossa classe e equiparados.

Os jornaes são sempre aqui lidos com avidez e, no que diz respeito a conspiradores, lavra geral indignação especialmente na classe militar em geral, e na menor parte... dos habitantes d'esta cidade!

Mas pouco importa porque temos o visinho districto da Huilla que é povoado por gente liberal e patriota á excepção de alguns negociantes, que enriqueceram em bom tempo... e esqueceram o dia em que desembarcaram com as chancas ás costas enfiadas n'um pau, com ferramentas de sapateiro, etc. Mas todos entrarão na ordem: os de cá e os de lá.

Eu considero como verdadeiros néscios a maior parte da população d'esta cidade, que são dominados por meia duzia de aristocratas... absolutos!

E porquê? porque as *mininas* estão em casa d'elles, os paes são inquilinos d'elles e os filhos e varia rapaziada são seus empregados ou protegidos.

Quando, porém, caem no desagrado lá vão as afilhadas para o andar da rua, deixando de usar botinhas, almofadas, de pulverisarem a carinha com pó d'arroz, de bailar e de pregarem com as janellas na cára a qualquer transeunte, praça de pret ou operario.

Os paes teem que procurar nova habitação e os caixeirinhos da moda, pescadores e *bataeiros*, nóvos patões!

Mas é rarissimo darem-se d'estes casos, porque o padecente está sem-

pre prompto com o seu voto!... Que remedio!? Por isso continua tudo na mesma e as *mininas* pobres continuam a aprender a doutrina das ricas... apesar das irmãzinhas da caridade já cá se não encontram.

Que grande patriotismo este!...

Com respeito ás meninas voltarem para casa de seus paes está muitissimo bem, porque é no lar paterno é que devem receber a boa educação, embora passem unicamente com pexão e carazão (batata doce) e mostrem os lindos péssimos.

Até dá gosto vêr por cá algumas tão gordinhas e córadinhas sustentadas com os referidos generos!

Mudando de assumpto, voltando á vacca fria, e chibatando os jesuitas:

N'este districto e no districto da Huilla, que constituem um circulo, existem dois partidos, sendo um republicano reformista e outro colonial com o nome tambem de republicano...

Adeante. O primeiro é formado por cidadãos de varias classes, dignas de sociedade, e o segundo pela alta e antiga elite... que angariava votos dos padecentes com aqui já citei.

Aconteceu, porém os reformistas ganharem as eleições (ganharem em toda a provincia d'Angola) elegendo para deputado o grande democrata dr. Malva do Valle, derrotando assim o partido colonial que, é voz geral, queriam que os indigenas continuassem escravos!

Pudera não!... Pois os negrinhos e negrinhas... rendiam para o luxo, para a compra de garbosos cavallos, para edificar soberbos predios, etc.

O ex.<sup>mo</sup> governador d'este districto sr. Caetano Carvalhal Correia Henriques, o primeiro governador enviado pela Republica, é um funcionario honesto, justiceiro, dotado de um caracter nobre, emfim sympathico em toda a extensão da palavra. Pois, senhores, os taes aristocratas, que não querem adoptar a democracia, não gostam d'elle!

E porque? Porque s. ex.<sup>a</sup> poz cõbro ao abuso escandaloso que davam com os serviçoes; porque não vae a caçadas com elles, não quer comboios de recreio não adere ás ideias franquistas e teixeiristas; em summa, não vae jogar com elles, etc.

S. ex.<sup>a</sup> tem o povo do districto da Huilla sempre prompto para o defender e o reformista d'esta cidade a quem os grandes «columniaes» chamam ralé e carneiros!...

Que grandes democratas! Que grandes liberaes!...

Viva a democracia! Viva o sr. governador de Mossamedes! Viva a liberdade!

Causou aqui profunda e seria impressão a noticia de esse cobarde, infame e traidor Paiva Couceiro conspirar contra a sua mãe Patria Portugueza, auxiliado por essa maldita e abominavel seita negra de infames jesuitas... e outros personagens! Mas não deve haver receio pois que esses infames conspiradores receberão em breve o devido correctivo ou andarão sempre embrenhados no bosque como o lobo feroz que, quando desce ás povoações, é corrido pelo povo ou morto a tiro.

Camaradas! O povo, exercito e a armada não devem arredar dos seus postos, vigiando sempre essa cambada de gatunos da nossa querida Patria, esses traidores que preferiam ser lacaios d'um rei fanatico, que

nenhum brilho deu a Portugal, do que cidadãos livres.

Vigiae bem, bons compatriotas, que nós cá vigiamos tambem e não deixamos encristar os thalassas.

Ficamos aguardando, anciosamente, noticias que nos venham alegrar neste exilio voluntario, nestas paragens tão longinquoas d'esse lindo jardim da Europa por quem padecemos nostalgicamente recordando os entes queridos.

Camaradas! A aurora de 5 d'outubro de 1910 raiou para todos. E' necessario que os thalassas se convençam d'isso! Senão!...

Viva a Republica Portugueza!

Abaixo os reaccionarios!

Mossamedes, 23 de agosto de 1911.

João Ribeiro Guimarães.

2.º sargento.

## PELO ULTRAMAR

### DISTRICTO DA HUILLA

Lubango, 5 de Agosto de 1911.

Por s. ex.<sup>a</sup> o governador do districto foi creado um gymnasio para os alumnos da escola primaria do sexo masculino, sendo director e professor o nosso amigo 2.º sargento d'infanteria, Antonio Rodrigues Paula Santos.

Por iniciativa do mesmo ex.<sup>mo</sup> sr. consta que em breve será organizada a projectada columna ao Cuanhama, rebeldes de ha muito, e que bastantes prejuizos teem causado ao districto. Oxalá tenha bom exito.

Para este projecto já se encontra organizada uma companhia auxiliar europeia composta de condemnados e vadios do Deposito de Degredados d'Angola, sob o commando do tenente sr. Silva Nunes, coadjuvado na manutenção da disciplina pelo official disciplinador tenente sr. Joaquim Ferreira Durão.

Está tambem em projecto a organização d'uma charanga no Lubango, composta de figuras do elemento militar.

E' deveras applaudivel o procedimento de s. ex.<sup>a</sup>, pois numa villa de população tão numerosa, estranha-se immenso a falta d'uma di-versão para passa-tempo dos habitantes, impedindo assim que a nostalgia se apodere d'alguns.

Consta que será muito festejado o 1.º anniversario da revolução de 5 de Outubro, para o que já está organizada uma commissão para angariar donativos.

A' noite haverá recita desempenhada por senhoras abalisadas e sonhadoras das ideias republicanas, e na qual tomam parte os mais distinctos cavalheiros, havendo em seguida baile.

Foram transferidos para a 2.ª companhia mixta e 1.º esquadrão de dragões, respectivamente, o 2.º sargento d'infanteria Domingos Maria das Dores e 1.º sargento de cavallaria Manuel Pires Rosendo.

Do corpo de policia de S. Thomé foi transferido a seu pedido e encontra-se entre nós, o 2.º sargento d'infanteria Antonio Paula Santos.

Deve em breve realisar o seu consorcio matrimonial com a meni-

na Angelina Perestrello, o 1.º sargento de cavallaria Manuel Pires Rosendo.

De passagem e com destino a Loanda esteve entre nós o 2.º sargento d'infanteria Francisco Olaivo Conde.

Manuel Pires Rozende.

1.º sargento.

## CARTA

A' ex.<sup>ma</sup> direcção da *Voz do Sargento*

Camaradas:

Havendo muitas vagas de subalternos no ultramar, especialmente em Angola, onde ha unidades commandadas por sargentos, ao passo que na metropole muitos alferes, que serviram no ultramar nos termos do Decreto de 14 de novembro de 1901, aguardam anciosamente que suas ex.<sup>tas</sup> os Ministros da Marinha e da Guerra os promovam a tenentes, nos termos do mesmo decreto, tirando os da triste situação de servirem sete, oito e mais annos como alferes, e como tal situação se está reflectindo tambem em muitos sargentos ajudantes, que aguardam a sua promoção a alferes, pedimos para ponderardes este facto superiormente, por intermedio do vosso digno jornal.

Fareis bem ainda se por seu intermedio, publicardes o procedimento menos rasoavel de estarem sendo enviados para o ultramar muitos officiaes convictos de que vão alli servir em commissão extraordinaria e chegados alli soffrem o maior desapontamento, por serem collocados apenas em serviçoes de commissão ordinaria.

Como sabeis, a não ser o grande estimulo de garantia do posto immediato, os vencimentos não compensam o serviço das commissões ordinarias.

Sem mais, sou com muita estima e consideração

Um assignante.

## PLACARD

Afim de podermos pôr em ordem as cintas d'*A Voz do Sargento*, pedimos aos nossos assignantes a fineza de nos indicarem as suas novas residencias.

Aos nossos assignantes do Ultramar, que ainda estejam em debito, pedimos a fineza de mandar satisfazer, para regularidade da nossa escripturação.

Tendo-nos sido devolvidos alguns recibos com a nota «avisado e não veio pagar», pedimos a todos os nossos assignantes, a quem não foram presentes os respectivos recibos de cobrança, a fineza de nos enviarem em vale de correio ou em estampilhas a impotancira das suas assignaturas.

## A conspiração de 1817 contra a vida do general Gomes Freire d'Andrade

Transcrição da conferencia celebrada na noite de 18 de Outubro de 1933 no Temp. Grande «José Estevam» do G. Or. Luz. U. Sup. Cons. da M. Portuguesa.

(CONTINUAÇÃO)

Essas quatro aves arregimentadas a Beresford serviram-se d'este estratégia, que dava vulto e importancia ao serviço de que estavam incumbidos, para animar outras victimas a cahirem no laço do cigoz — ao todo uma duzia de imbecis que foram victimas da sua propria credulidade e que levaram a sua audacia a ponto de procurarem Gomes Freire para lhe dar conhecimento da grande conspiração e convidalo a aceitar a direcção d'esse movimento!

Gomes Freire, sem querer saber dos elementos com que contavam os taes conspiradores nem da qualidade das pessoas que entravam na conspiração, repelliu esse convite por uma simples razão, firme determinação do seu espirito e vontade: — porque regressára a Portugal «resolvido a não jogar as cristas com generaes tartaros» e viera no proposito de «deixar enferrujar a sua espada dependurada na parede!

Como Gomes Freire era homem que se não movia senão por vontade propria e por dever, e além de não conspirar procurava viver recolhido e afastado d'essa gangrena social de que enfermava o paiz e a que não podia dar remedio, a sua attitude não agradou aos protagonistas d'esta primeira scena do tragico drama, ciosos de dar vulto e importancia aos serviços de que os encarregára Beresford.

Promptificaram-se pois as quatro aves conspiradoras, para servirem seu amo, a dar o seu testemunho de que Gomes Freire figurava de chefe da conspiração!

Mas note-se que ainda assim tomaram esse compromisso — criminoso, — sem que os seus nomes figurassem com a responsabilidade d'esse testemunho!!!...

Não cabe no espaço de uma conferencia dar todos os pormenores hediondos que completam este 1.º acto, que terminou pela prisão de Gomes Freire em sua casa, ao cimo da rua do Salitre, na madrugada de 26 de maio de 1817, sendo logo conduzido para o castello da Torre de S. Julião da Barra, acompanhado por uma escolta de cavallaria, tendo-se previamente occupado Lisboa militarmente para maior imponencia d'este acto heroico de salvação das instituições ameaçadas, e bem merecer a gratidão de D. João VI!

Minhas senhoras e meus RR. e PP. II. Para poderdes aqui-latar as baixas qualidades d'esse ignobil agente escolhido por Beresford, lêde a apreciação publicada em 1814 nos annaes da Mac. a fl. 41, sobre José d'Andrade Corvo de Camões, que, um anno antes de Gomes Freire regressar a Portugal, já este Mac. e official do exercito portuguez, era espião ao serviço de Beresford!

O 2.º acto d'este drama é mais movimentado e nelle entram outros personagens de não menor degra-

ção moral, portuguezes do acaso, degenerados pela influencia do meio unico e usando dos mesmos mal-dosos processos.

Abre este acto com uma carta de Beresford a D. Miguel Pereira Forjaz datada de 2 de junho de 1817:

Copia — «Tenho a honra de enviar a V. Ex.ª o depoimento de Antonio Cabral Calheiros Furtado de Lemos, como elle o fez hontem a noite, e não posso deixar de dizer que visivelmente elle não tinha a sinceridade que havia prometido mas exactamente o contrario.

«Nem mesmo mencionou as pessoas principaes que, antes de ser detido, dissera estarem envolvidas n'este negocio; e eu não quiz que o interrogassem n'este ponto, pois que a sua vinda aqui fora por desejo seu e para confessar livremente tudo o que sabia; além de que os magistrados farão o que lhes parecer necessario.

«Envio ao mesmo tempo os papeis que eu tinha já dado a V. Ex.ª e que me reenviou, e outros do mesmo Cabral que me foram enviados de Santarem pela escolta que o conduziu.

«Enviei-o para o Limoeiro para lá ficar a disposição do Intendente geral da Policia.

«Tenho a honra de ser de V. Ex.ª muito humilde servo. — Pateo do Saldanha, 2 de junho de 1817.

(a) Marquez de Campo Maior.

E' extranhavel, porém tem todo o valor para esta narração, ter o Comandante em Chefe do exercito portuguez tanto a peito desempenhar de motu proprio o papel de instructor de um processo de investigação contra um official do mesmo exercito, de patente tão elevada como a de Gomes Freire; mas quem ponderar no seu interesse particular em poupar trabalhos d'esta ordem ao intendente geral de policia, verá também que Beresford, desde 15 de abril, data da denuncia da conspiração, até 10 de junho, ainda não estava certo de que os depoimentos contra Gomes Freire viessem a fazer-se, o que elle com grande empenho tratava de conseguir!... como se prova da seguinte carta:

Carta de Beresford a D. Miguel Pereira Forjaz de 16 de junho de 1817.

«Ill.º Ex.º Sr. — Confidencial. — Fallei aos que devem depôr perante o Intendente geral da Policia e elles preferem fazer o seu depoimento em segredo onde o seu nome não appareça com as suas declarações, porque dizem, que os seus depoimentos forem submettidos a uma devassa em que os seus nomes appareçam, o publico verá immediatamente todo o ne ocio no que lhes dissér respeito.

«Propõem portanto serem chamados, como qualquer outro, para a devassa geral, pelo Intendente geral da policia; e que os não comprometta e que aproveitarão a occasião de depôr tudo separadamente e em segredo ao Intendente geral da policia o que me parece melhor para todos os fins que temos em vista, porque entrando na devassa geral aonde não dirão grande cousa, affastar-se-ha d'elles toda a ideia de suspeita e poderão ainda servir nos, e ao mesmo tempo haverá a vantagem do seu pleno testemunho em todas as suas partes.

«Envio-vos algumas perguntas que me parece util fazerem-se ás testemunhas da devassa e particularmente a alguns d'elles, e V. Ex.ª

verá que são apenas perguntas preliminares e que conforme as suas respostas muitas outras podem seguir-se a cada uma d'estas.

«Naturalmente estas perguntas serão intercalladas entre o grande numero que o Intendente geral da Policia tenciona fazer, porque de outra forma, sendo feitas separadamente, poder-se-hia saber d'onde proveem e o seu fim.

«Tenho a honra de ser de V. Ex.ª muito humilde, obediente servidor.

«Pateo do Saldanha, 10 de junho de 1817.

(b) Marquez de Campo Maior.

(CONTINUAÇÃO)

Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

NOVA CASA DE BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS GALLEYA

Bandoleiras, Bandas, Charlateiras, Penachos, Fiadores em seda, algodão e cabedal, Fitas e Travincas para medalhas, Cordões, Correntes e emblemas em todos os generos.

Botões dourados para todas as armas.

Executam-se pedidos para a provincia e colonias.

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

O melhor enchido de Portalegre

Na casa Gaitto & Cannas

Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

UM OFFICIAL DO EXERCITO

AGUA DE PIZÕES — MOURA

A melhor de todas as aguas

Apreciada por toda a parte. Isenta de substancias organicas, bacteriologicamente PURA. Para uso diario e constante. Refrigerante inegualavel. Simples ou com whisky, leite, vinho, etc.

EXPERIMENTAR É USAR

Unicos representantes para o Brazil, Africa e Norte de Portugal

FONSECA NUNES & C.ª

Rua da Nova Alameda — PORTO — PORTUGAL

Depositario em COIMBRA

GAITTO & CANNAS

DROGARIA VILLAÇA  
COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de brocheta, tintas, oleo de linhaca, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes a pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edicoes melhoradas. Cada lingua, 23500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 400 réis: O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pai), rua de S. Paulo, 12, 4.º e Ferregial do Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificacoes.

IMPRESA ACADEMICA

153 — Rua da Sophia — 165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc. Execução rapida.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

MERCEARIA LUSITANA

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58 — RUA DA SOPHIA — 61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares.



minuição de horas de trabalho vacilhe correspondendo o encerramento ou paralisação temporária de algumas empresas.

Afinal: o capitalista quer assegurar os seus haveres; o operariado quer viver com dignidade e sem que a fome lhe penetre em casa, para não vêr a mulher e os filhos (os entes mais queridos n'um lar), atacados d'essas doenças malditas, taes como: a tuberculose, etc., etc., por isso as luctas constantes que se dão por esse mundo fóra, nada mais representam que a egualdade desejada pela classe dos proletarios a contrabalançar-se com a força dos senhores do capital, que por sua vez, ainda se julgam senhores como nos antigos tempos da escravatura!

Hoje, felizmente, a epocha é outra.

Os povos devem ir reconhecendo os direitos á liberdade, á medida que a instrução (ponto capital) se desenvolver.

Nos antigos tempos era o clero que dava leis ao mundo, e, como na escuridão é que elle vegetava, era o clero quem aconselhava os governos a não abrirem escolas, para a instrução se não desenvolver!

Hoje tal se não dá e muito principalmente, nas nações onde a forma do governo é — Republica.

Ser livre — é por tanto o mais legitimo e o mais humano.

Coimbra, 18 — 10 — 911.

M. G.

## CONSPIRADORES

Qualquer incauto, que desconhecendo da nossa vida íntima ou da má fé e perfidia que domina nos arraiaes de Couceiro, lêr as noticias que a imprensa estrangeira da reacção propaga profusamente, fica julgando que o actual regimen republicano se implantou pelo successo feliz d'uma aventura audaz, e que se conserva por um bamburrio na sorte das armas.

E comtudo nada mais falso!

A Republica — é bom que isto se diga alto a todo o mundo — não foi unicamente implantada pela força das armas.

Quem assim julgasse ignoraria que os principios não se matam aos tiros.

Morrem lentamente no exilio das consciencias.

A Republica estava já ha muito implantada na aspiração silenciosa do povo portuguez.

Não se julgue que a maioria da nação portugueza se curvou humilhante a um regimen de que unicamente ouviu fallar quando sahiu triunphante das barricadas. Não.

O Povo era ha trinta annos indifferente a tudo.

Assistia impassivel á lucta mesquinha do rotativismo e sorria com o ar bonacheirão do incredulo ás promessas maravilhosas dos governos, sahidos da opposição.

Mas depois do ultimatum o Povo encarou a serio o governo de sua casa; indignou-se e manifestou-o em 31 de Janeiro de 1891.

Foi vencido, mas ficou divorciado do regimen que o tyrannisava.

A Monarchia era a mulher corrupta e adultera e o Povo sentido, arranjou uma amante — a Republica.

A adultera tinha um hymno e uma bandeira.

O Povo consagrou á amante um hymno guerreiro e sentimental e deu-lhe um symbolo de lucta e de esperança.

Que faltaria mais para a implantação da Republica?

A morte ou o exilio da Monarchia.

Foi isso o que succedeu em 5 de Outubro de 1910.

O Povo levantou-se, fallou e collocou a Republica com a bandeira verde e encarnada desfraldada ao som da Portugueza entre os canhões da Rotunda.

Não foi preciso mais nada.

A Monarchia fugiu, cobarde e infamemente, e afundou-se ainda mais no lodaçal profundo em que jazia.

Se os representantes ou sustentáculos d'esse regimen fallido tivessem o bom senso que deve acompanhar homens feitos, envergonharam-se-hiam de apparecer como servidores da Monarchia e esconder-se-hiam de quem lhes pôde chamar ladrões e delapidadores da fazenda publica.

Mas succede o contrario.

Esses homens apparecem capitaneando bandos, subornando ignorantes, mentindo ás povoações incultas e tentam restaurar o regimen para sempre anniquillado na deshonra e eternamente expulso da opinião publica.

Está pois patente a intenção dos conspiradores. Não luctam por principios nem por ideias que muitas vezes movimentam a humanidade.

Pretendem alcançar a lauta meza que lhes fugiu quando o Povo se levantou; e n'essas condições, não são inimigos altivos que mereçam um feito d'armas no campo do combate.

São ladrões! São assassinos que pretendem tirar ao Povo o fructo do seu amor.

O sr. João Chagas affirmou ao estrangeiro que a politica do governo não continuará mais com paciencia e com brandura.

E realmente é tempo. Sim, é tempo de s. ex.<sup>a</sup> apontar aos traidores os porões dos navios e os fortes de guerra e dizer-lhes:

«Aqui estive eu, quando o Povo jazia na prisão por reclamar os seus direitos.

«Cabe pois a entrada aos que pretendem assenhorear-se do fructo do trabalho alheio!»

E creia s. ex.<sup>a</sup> que o Povo portuguez, isto é, o Povo honrado, o Povo trabalhador, appoiará unanimemente a attitudo energica que s. ex.<sup>a</sup> seguir.

Montemor o-Velho, 12-10-911.

Carlos Victor.

## Impressões do Ultramar

Encimamos a nossa noticia com o titulo de impressões por que ainda se não dissipou da nossa memoria o nojo que nos causou o procedimento d'alguns mariões inimigos do novo regimen.

Passamos pois a narrar o que se passou para os leitores apreciarem de que força são capazes alguns aventureiros d'esta região á beira mar plantada:

Ha pouco tempo, teve logar uma recita em honra de s. ex.<sup>a</sup> o sr. Governador do districto, capitão Cactano Carvalho Correia Henriques, que esteve concorridissima.

Mas sabem o que aconteceu?

Alguns, ou muitos colonias prepararam no proprio dia uma lauta merenda nos arredores, em casa d'um thalassa, com o fim de affastarem do theatro senhoras, creanças e cavalheiros!...

Mas não satisfeitos com isto, procuraram por varias formas, sendo uma por meio de dinheiro... (o que não conseguiram) persuadir alguns rapazes para desistirem de desempenhar no palco os seus papeis!...

Enganaram-se os villões porque tudo compareceu.

Foi uma festa sympathica e todos os logares estavam tomados.

Faltou um lord repimpado na sua friza (que não estava vaga) com as suas pupillas e outras damas com carinhas apropriadas para rotulos e reclames de vinhos, doces, etc., mas nenhuma falta fizeram porque simplesmente se tratou, e trata sempre, o referido sr. Governador com alegria, veneração e maximo respeito, prova esta de sincera homenagem.

Muitas mademoiselles o que queriam cá era um governador com salero que tivesse um ajudantesinho solteiro e lourinho, que assestasse o monoculo correspondendo ellas com o lórinhon, etc., e d'esta forma os maridos, papás e namorados estavam sempre de grande.

Pois é verdade! Estudaram todos os meios, que não alcançaram, para affastarem de tão brilhante e merecida festa os amigos do digno e illustre representante da Republica Portugueza no districto de Mossamedes.

A minha opinião é para que se torne sempre evidente o nojo e repulsão por todas as manifestações de desagrado com o fim de alvejar o ex.<sup>mo</sup> sr. Governador a quem defenderei sempre.

Torna-se necessario, quanto possível, que os sinceros republicanos batalhem sempre contra tão ignobil seita castigando o seu repugnante procedimento.

Todos entrarão na ordem metendo o rabinho entre as pernas e abateendo as orelhas.

Ha muitos n'este sertão que não gostam de ouvir vivas á Republica e abaixo aos thalassas!... ficando mesmo de beica cahida com os seus eguaes e subordinados!

Elles entrarão nos eixos, porque bradaremos sempre:

Viva a Nação Portugueza!

Viva a Republica!

Abaixo os thalassas!

Mossamedes, 9 de setembro de 1911.

João Ribeiro Guimarães,

2.º sargento.

Em cumprimento do nosso programma

Sr. director de A Voz do Sargento.

A abaixo assignada, viuva de Carlos Augusto Malaguerra, sargento-ajudante d'infanteria 23, vem por este meio patentear a sua profunda gratidão pelo donativo de 50000 réis, destinados á matricula no 2.º anno dos lyceus, de seu filho Julio Augusto da Silva Malaguerra, assim como agradecer intimamente toda a protecção que v... e todos os mui dignos sargentos d'infanteria 23 e todo o exercito em geral se têm dignado dispensar a si e a seus filhos.

Coimbra, 19-10-911.

Maria do Rosario Malaguerra

## LITTERATURA

### A ALGUEM...

São seus olhos as estrellas,  
Os labios côr de romã,  
O seu rosto tem scentelhas  
Como uma linda manhã.

E quando a vejo á janella  
Olhando encantos na rua,  
Toda de branco vestida  
Tem a poesia da lua.

Parece—qual Deusa Diana,  
Com seu lindo d'ufana,  
No seu coche cristallino;

E ás vezes fico a scismar,  
Sob seu leito côr do mar...  
Se eu adoro algum anjinho!...

Figueira da Foz  
Villa Verde, 25-4-910

Eduardo Tudella

## CARTA

Ao Ex.<sup>mo</sup> Ministro das Colonias pedimos a sua attenção para a seguinte carta:

Sr. director de A Voz do Sargento

Na Huilla acaba de fallecer o alferes Abreu e quem o foi substituir, muito doente, fallecerá tambem, por não haver quem o substitua.

Por toda a parte faltam officiaes, especialmente subalternos, para substituir os doentes, preencher as vagas e tomar as responsabilidades dos sobrecarregados sargentos que commandam unidades.

Em nome da humanidade e da regularidade dos serviços militares, appellamos para o seu considerado jornal, afim de levar ao conhecimento de S. Ex.<sup>ta</sup> os Ministros das Colonias e da Guerra, o mau systema em vigor, de se estar um anno á espera, que se junte um maior numero de vagas para então se enviarem para Angola, hoje quatro subalternos, d'aqui a seis mezes outros quatro, e assim successivamente, não satisfazendo de prompto e pontualmente as requisições, parecendo haver dó de fazer seguir para o Ultramar officiaes que para esse fim estão offercidos.

Porque não manda S. Ex.<sup>a</sup> o Ministro da Marinha um telegramma perguntando ao governo d'Angola as vagas que ha? Veria a sensivel falta de graduados ali urgentemente necessarios.

Agradecendo antecipadamente, a publicação d'esta carta, subscrevo-me

De v. etc.

Um camarada

## NÃO CONCORDAMOS

Com a maneira hostil como o glorioso povo da cidade de Lisboa se houve ha dias para com esse grande democrata seu companheiro inseparavel nas luctas anteriores ao 5 d'outubro, a quem a Republica tanto deve, pois por ella trabalhou incansavelmente, não se poupando, antes sempre na brecha, na primeira fila, dos seus indomaveis combatentes, correndo aqui e alli, lu-

etando encarniçadamente contra esse crapuloso regimen fallido, ora escrevendo, ora fallando em comicios publicos, onde a sua palavra arrebatadora e sugestiva era ouvida com manifesta sympathia e agrado, consumindo pela causa democratica a saude, o producto do seu trabalho honesto, arriscando sempre que foi preciso a sua vida e a sua liberdade, por esse bello ideal...

A sua politica depois d'essa brilhante data de 5 d'outubro, tem sido branda, condescendente e tolerante em extremo.

Com ella muita e muita vez não concordamos, o seu modo politico de pensar não se identifica com o nosso, a maioria dos homens que o rodeia não nos são sympathicos, vimol-os ficar na hora do perigo ou juntos da familia, ou longe da Patria, a titulo de cuidarem da sua educação... emfim não o acompanhámos na sua facção politica, mas por isso não deixamos de o apreciar, de ter por elle toda a consideração pelo seu bello caracter, porque o sabemos um verdadeiro homem de bem, e isto são motivos de sobra para que embora lastimando sinceramente o caminho errado que tem seguido, não possamos concordar com a maneira hostil como o povo de Lisboa se houve com esse grande democrata que se chama Antonio José d'Almeida.

## A HESPAÑHA

A conducta que a nossa visinha tem seguido a nosso respeito, levamos a perguntar o que será feito d'esse tão fallado cavalheirismo do povo hespanhol.

E' evidente que o proceder da Hespanha para com esses traidores que sob a eua protecção se têm organizado militarmente, armado e exercitado no seu territorio, ultrapassou, de ha muito, tudo quanto ao amor pela humanidade se pode attribuir. Não a Hespanha tem seguido um caminho mais do que criminoso, porque é vil, porque nos tenta ferir de embuscada, acalentando á sombra da sua bandeira essa horda de scelerados, cujo chefe é esse novo rei da Serra Morena, que ella perfilhou.

E, assim, a Hespanha tem quebrado todos os laços de amizade que a prendiam ao Povo Portuguez, tem ultrapassado todas as regras que á neutralidade lhe impunha, tem rasgado todos os pergaminhos honrados que possuia; e hoje, nós Portuguezes, não sabemos que mais admirar, se o seu acto de desfaçatez reconhecendo a nossa Republica, se o canto que dá aquelles que tentam feri-la.

Olhando para a historia, nós vemos, desde que começou a esboçar-se a nossa nacionalidade, a Hespanha como nossa inimiga, porque os nossos antepassados quizeram e soberam fazer uma nação só para elles e para nós; mas vemo-la sempre terçando armas lealmente com Portugal, no campo da batalha, no campo da honra.

Desde Guimarães e por essas jornadas gloriosas de Atoleiros, Aljubarrota, Valverde, Linhas d'Elvas e Montes Claros, em que o hespanhol ficou sabendo quão rija é a tempera das nossas armas e quanto amor não sentimos por este rincão entalado entre ella e o Oceano, que nos temos encontrado quasi sempre em numero bem desigual, mas sempre honradamente, altivamente, de parte a parte.

Hoje já assim não succede e nós temos de supôr que esse cavalheirismo todo começou a agonisar em Cuba e Filipinas e hoje deu o seu ultimo suspiro em Marrocos; e que assim foi transformado nesse bando de carteiristas que para Portugal exporta e nesses alcaides que, a troco de umas centenas de pesetas, desrespeitam as ordens de Canalejas, se este lhes tem dado, como tem declarado.

Nós não desejamos que a Hespanha prenda o bando de Paiva Couceiro; nós só pretendemos que lhes não dê essa hospitalidade criminosa, deixando os deslizar ao longo da nossa fronteira como bandidos; nós só queremos que elles não tenham esse territorio como refugio e que nós deixe liquidar essa *marcha triumphal* que através do nosso paiz tentam ou tentavam executar.

Só isto queremos, Hespanha, e só isto é que nós esperavamos d'esse vosso lendario cavalheirismo.

Mas, Hespanha de Maura e de La Cierva, Portugal ha de sair da situação melindrosa em que se encontra, porque assim o quer o povo portuguez, e vós bem sabeis que quando este povo quer, consegue; que só devido a traições é que aqui reinastes; que nós ainda hoje possuímos as colonias que os nossos antepassados nos legaram e que as vossas vos abandonaram, nessas hecatombes de Cuba e Filipinas.

Hespanha monarchica e fradesca, não olheis só para o mappa da peninsula Iberica, porque nelle tendes visto e haveis de continuar vendo esta nesga de terra que nunca foi maior. Lêde a vossa historia, lêde a nossa, lêde a do universo e n'ella, então, vereis feitos, que não vos deslumbrarão, porque muitos d'elles convosco foram passados, d'outros sae testemunha e d'aquelles que até os povos menos civilizados conhecem, não podeis alegar ignorancia. Mas lêde sempre, para avivar esses escandecidos cerebros, que os marroquinos desorientam e que em muitos dos vossos filhos tão parcos são.

Meditae, tambem, sobre a historia contemporanea e n'ella vereis que o Povo Portuguez, por mais reis que queiram dar-lhe, elle tudo repudia, porque só quer a sua liberdade e que por ella, repare bem Hespanha, que já hoje não sabeis governar em todas as nossas provincias, o Povo Portuguez derramará a ultima gota do seu sangue.

Elvas, 18 d'outubro de 1911.

Manuel Antonio Vieira

1.º sargento do grupo de metralhadoras 4

Presado director de *A Voz do Sargento*

Um dos meus ultimos artigos publicados na *Voz*, aquelle que tem por titulo *União*, traz um lamentavel engano typographico, o qual me apressa a rectificar, recommendando ao meu amigo e á imprensa onde imprime o nosso intemerato jornal, um bocadinho mais de vigilancia sobre o trabalho de composição.

Assim o mencionado artigo, num dos seus periodos, diz querer eu que se approvasse tudo o que pudesse trazer prejuizo á Republica e aos interesses collectivos do Povo, quando eu queria dizer que se regeitasse tudo o que pudesse trazer prejuizo á Republica e aos interesses collectivos do Povo e se approvasse o que de bom se fizesse.

E' claro que isto traduzia uma coisa muito contraria a interpretação que lhe dei, e se tornava um dispa-

rate terrivel, que os leitores da *Voz* já deviam, como devem, ter feito a justiça de o julgar um engano.

Ainda no fim do referido artigo, onde se lê: homogeneidade de acção seria abusar da ordem natural das coisas, deve ler-se: seria aberrar da ordem natural das coisas.

Agradecendo a publicação d'esta, confesso-me muito grato e humilde servidor.

Accacio Serra

## PLACARD

Afim de podermos pôr em ordem as cintas d'*A Voz do Sargento*, pedimos aos nossos assignantes a fineza de nos indicarem as suas novas residencias.

Aos nossos assignantes do Ultramar, que ainda estejam em debito, pedimos a fineza de mandar satisfazer, para regularidade da nossa escripturação.

Tendo-nos sido devolvidos alguns recibos com a nota «avisado e não veio pagar», pedimos a todos os nossos assignantes, a quem não foram presentes os respectivos recibos de cobrança, a fineza de nos enviarem em vale de correio ou em estampilhas a impotancia das suas assignaturas.

Recebemos e muito agradecemos a importancia da assignatura de um semestre, dos srs.: Roberto de Figueiredo, 1.º sargento, José Antonio Vieira d'Azevedo e José Antonio Candido d'Oliveira, 2.º sargentos, todos do D. R. n.º 8, Braga; José Rodrigues Gaspar, alferes d'infantaria 14; Joaquim Paes de Souza, chefe da estação de caminho de ferro da Cerdeira, Beira Alta; José Maria Varella, 1.º sargento d'infanteria 33, Lagos; João Ribeiro Guimarães, 2.º sargento d'infanteria e Francisco Gonçalves, 2.º sargento d'artilheria, ambos de Mosmedes; Francisco Duarte Rio Correia, 2.º sargento d'infanteria 33, Lagos; e de um trimestre do sr. José Soares Cardoso, correeiro d'infantaria 23.

## O naufragio do "S. Rafael."

Desde hontem á tarde nos achavamos possuidos da maior anciedade, em virtude da laconica noticia, que nos havia sido dada que o *S. Gabriel* estava enalhado no norte, irremediavelmente perdido e, a sua tripulação sendo salva com muita difficuldades, receando-se muito pela vida d'esse punhado de portuguezes no cumprimento do dever ali se encontrava.

Hóras horriveis passámos até que recebemos os jornaes de hoje e se temos a lamentar a perda não do *S. Gabriel* mas sim do *S. Rafael*, d'esse bello navio, com honrosas e gloriosas tradições, tivemos ao menos a consoladora noticia de vermos que felizmente as perdas pessoas são pequenas, de vermos que a valentia e a serenidade nas horas de perigo, são ainda qualidades nunca desmentidas do marinheiro portuguez, não podendo deixar de saudar

esse grupo de valentes, especializando o primeiro cabo artilheiro Gilberto da Silva, esse heroe que nos acaba de dar tão grande exemplo d'amor patrio e provar a todo o mundo quanto a Republica Portuguesa é querida pelos seus soldados.

## Batalhão Nacional Republicano de Coimbra

A commissão administrativa d'este batalhão, em sua sessão de 17 do corrente, á qual compareceram todos os seus instructores, resolveu:

— Eliminar, por excesso de faltas, os alistados:

Da 1.ª companhia, n.ºs 1, 3, 5, 13, 15, 20, 24, 30, 33, 36, 37, 38, 42, 45, 52, 53, 58, 63, 69, 73, 79, 85, 91, 97, 101, 114, 115, 117, 123, 126, 127, 130, 132, 133, 137, 139 e 140.

Da 2.ª companhia, n.ºs 5, 8, 16, 19, 20, 21, 25, 33, 54, 64, 65, 76, 85, 86, 90, 129, 132, 133, 136 e os alistados sem numero, Almicar de Brito e Luiz da Matta Dias;

e por motivo disciplinar os n.ºs 99 da 2.ª companhia e 19 da 3.ª

Os alistados poderão reclamar no prazo de 15 dias, a contar da data da sessão, devendo dirigir-se para esse fim, e por escripto, ao commandante do batalhão.

— Elaborar as segntines disposições, que entrarão desde já em vigor:

1.ª — Em todos os exercicios que se realizarem, não será permitido a qualquer alistado ausentar-se do perimetro onde o mesmo exercicio se effectue a não ser por motivo devidamente comprovado.

2.ª — O alistado que faltar a qualquer exercicio e que não justifique a falta, será reprehendido na presença da companhia a que o delinquente pertença.

3.ª — Duas faltas não justificadas importam a eliminação.

4.ª — Só serão attendidas as faltas devidamente justificadas.

5.ª — As justificações devem ser entregues ao secretario da commissão no prazo de trez dias a contar da data em que teve lugar o exercicio.

Esteve em Sevilha uma commissão de officiaes do nosso exercito que adquiriu 500 cavallos para a nossa cavallaria, encarregando, antes de retirar, os correctores de comprarem todos os cavallos com as mesmas condições d'aquelles.



## PENSIONATO ACADEMICO

Situado no Penedo da Saudade, o mais aprazivel, saudavel e hygienico bairro de Coimbra.

Num edificio com muito ar e muita luz, a cinco minutos do Lyceu e do Collegio de S. Pedro, que recebe alumnos externos.

Trata-se gratuitamente da matricula dos pensionistas.

PREÇOS MODICOS

Tratamento em familia

Prospectos com mais esclarecimentos. — Pedil-os a José d'Albuquerque, Santa Clara, Coimbra.



### A conspiração de 1817 contra a vida do general Gomes Freire d'Andrade

Transcrição da conferencia celebrada na noite de 18 de Outubro de 1903 no Temp. Grande «José Estevam» do G. M. Luz. U. Sup. Cons. da M. Portuguesa.

(CONTINUAÇÃO)

Interrogatorio que acompanha a carta n.º 4, acima.

1.ª Se na companhia de Gomes Freire vós tendes ouvido falar do estado actual de Portugal?

2.ª Se elle vos tem feito observações sobre a maneira porque foi recebido ou visto pelo povo?

3.ª Se por acaso teres tido occasião, em publico, de ter visto ou observado alguma coisa a este respeito?

4.ª Se vós o teres ouvido falar ou dar a sua opinião sobre os negócios publicos, do governo ou dos governadores?

5.ª Se vós o teres ouvido durante este ultimo anno até ao presente, falar da possibilidade de uma insurreição ou levantamento do povo, ou geralmente, ou notavelmente algum dia em particular?

6.ª Se elle vos terá directa ou indirectamente convidado ou proposto de entrar, ou se vos tem pedido vossa opinião ou qualquer parte vós tomarieis na certeza de haver um tal levantamento?

7.ª Se vós lhe teries alguma vez ouvido falar d'estes papeis periodicos dominados «Correio Braziliense», «Portuguez» ou outros, publicados fóra d'estes reinos, e como elle se explicava em particular de cada um d'estes?

8.ª Que pessoas tendes vós visto mais na sua intimidade e companhia, particularmente os que frequentam a sua casa?

9.ª Se sabeis d'elle ou por outro qualquer canal, que Gomes Freire, recebia cartas de Hespanha, ou por via de Hespanha de algum outro paiz?

10.ª Se vós teres sido informado que elle tenha recebido cartas ou tenha communicações com Inglaterra, e se vós sabeis o canal por onde tem vindo estas cartas, e quem tem sido o partador ou portadores, ou de que maneira lhe chegaram á mão?

11.ª Se lhe tendes ouvido fallar ou dar opinião, e desenvolver seus sentimentos, sobre o governo monarchico, republicano, ou fazer comparação entre elles?

Como vêdes toda a preocupação de Beresford estava unicamente concentrada na pessoa de Gomes Freire contra quem queria subtilmente arranjar provas que o incriminassem?

Vêde, porém a sua audacia nesta outra carta dirigida a D. Miguel Pereira Forjaz em 22 de junho de 1817:

Ill.º Ex.º Sr. Acabo de receber a nota de v. ex.ª e em resposta devo informá-lo de que Pedro Pinto tem já todos os papeis para apresentar amanhã á hora indicada ao intendente geral de policia, tendo-o chamado hontem para este effeito e tendo-o prevenido para se conformar em tudo ou módo ou fórma de dar o seu testemunho, no que o intendente geral de policia indicar como melhor sabedor das fórmas do que nós.

V. ex.ª pôde assim communicar a s. ex.ª o intendente geral.

Tenho a honra de ser de v. ex.ª muito humilde servo.

(\*) Marquez de Campo Maior.

É necessario coragem meus RR. e PP.: II. para recordar estes factos; e se vos sobresalto o espirito com acontecimentos da nossa historia Patria, é porque commemorando o passamento tragico do nosso idolo, martyr da Patria, cumpro um dever indeclinavel offerecendo vos uma pagina negra e amarga amostra do ultimo periodo do regimen absoluto em Portugal, e para que considereis a historia a melhor lição para as sociedades e nações pequenas como a nossa!

Para julgardes tambem de outro personagem governador da regencia do reino, que foi ajudante de campo do general João Forbes, inimigo de Gomes Freire, basta lêr-vos esta carta escripta na tarde do dia em que ainda fumegavam as cizas de Gomes Freire d'Andrade!...

Carta de D. Miguel Pereira Forjaz de 18 de Outubro de 1817, ás 3 horas da tarde, dirigida ao intendente geral de policia:

Ill.º sr. Restituo o papel que intenta publicar na «Gazeta de 2.ª feira», e que pareceu muito bem, tendo-se-lhe porém cortado o que vae apontado no principio e emendado um erro que se observa na pena imposta ao que vae expulso, que creio é o Barão d'Ebem; — ainda agora é que consta que foi o primeiro caderno da sentença para a imprensa mas assim mesmo é natural que amanhã esteja impressa — é verdade que a execução se prolongará pela noite, mas felizmente ha luar e parece-me tudo tão sosegado que espero não cause prejuizo algum. — Será bom que v. ex.ª me communique o que se passar!

Sou de v. s.ª muito attento e fiel captivo.

(a) D. Miguel Pereira Forjaz, Palacio do governo, 18 de Outubro de 1817, ás 3 horas da tarde.

Num corpo de fórmas humanas não é possivel reunir mais cynismo e ferocidade!

Calo-me quanto ao quadro de torturas soffridas por Gomes Freire durante a sua prisão!

Já conheceis a sentença de morte; agora muito P.: I.: Ven.: Mest.: é chegada a occasião de mandardes pôr á Ord.: os nossos I. R.: para ouvirem lêr a ultima vontade do Sap.: G.: da Mac.: Gomes Freire d'Andrade:

#### Ultima carta

de Gomes Freire dirigida a seu primo Antonio de Souza Falcão, de 16 de Outubro de 1817:

No caso que se não attenda aos embargos, então peço-te que o letrado faça um requerimento em meu nome, para que em vez de me enforcarem, me fuzilem. Quero a morte de soldado. Peço-te que ponhas nisto toda a officia possivel, que é a ultima vontade que te pedo um amigo verdadeiro com o ultimo adeus.

(a) Gomes Freire.

Gomes Freire foi enforcado na parada da Fortaleza de S. Julião da Barra...

Em 1847 morreu um frade Jeronymo, — Frei Diogo de Mello e Menezes, veneravel ancião que foi chamado a confessar Gomes Freire na vespera da execução. Este evitava sempre com o maior cuidado que se fallasse no penitente de 1817; mas quando era obrigado pela conversa, erguendo os olhos e as mãos ao ceu, exclamava entre lagrimas:

Se ha santos, Gomes Freire é um d'elles...

(Continua.)

## AGUA DE PIZÕES — MOURA

A melhor de todas as aguas

Apreciada por toda a parte. Isenta de substancias organicas, bacteriologicamente PURA. Para uso diario e constante. Refrigerante inigualavel. Simples ou com whisky, leite, vinho, etc.

### EXPERIMENTAR É USAR

Unicos representantes para o Brazil, Africa e Norte de Portugal

FONSECA NUNES & C.ª

Rua da Nova Alfandega — PORTO — PORTUGAL

Depositario em COIMBRA

## GAITTO & CANNAS

DROGARIA VILLAÇA

COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

### O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 2500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Férregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

### IMPRENSA ACADEMICA

153 — Rua da Sophia — 165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc.

Execução rapida.

### ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58 — RUA DA SOPHIA — 61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

MERCEARIA LUSITANA

Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

NOVA CASA DE BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Bandoleiras, Bandas, Charlateiras, Penachos, Fiadores em seda, algodão e cabedal, Fitas e Travincas para medalhas, Cordões, Correntes e emblemas em todos os generos.

Botões dourados para todas as armas.

Executam se pedidos para a provincia e colonias.

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

O melhor enchido de Portalegre

Na casa Gaitto & Cannas

Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

UM OFFICIAL DO EXERCITO

TYPOGRAPHIA

DO

JORNAL DE COIMBRA

Rua do Pateo da Inquisição

Execução rapida de todos os trabalhos typographicos. Bilhetes de visita, memoranduns, circulares, etc.

PREÇOS MODICOS

# A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR

ANTONIO RODRIGUES

Composto e impresso na

Typographia do Jornal de Coimbra

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DA SOPHIA, 168

ASSIGNATURAS

Continente, trimestre - 300 réis

Ultramar, semestre - 600 réis

Numero avulso, 30 réis

ANNUNCIOS — Preços, convencionaes

Annunciam-se todas as obras offercidas á redacção

## A REORGANISAÇÃO DO EXERCITO

Quanto maior fôr o progresso da civilização, das sciencias, das artes, da riqueza publica de um povo tem mais que perder na eventualidade de uma guerra, mais tem que pensar na sua preparação para a lucta.

Em geral, uma civilização florecente anda associada a um alto valor militar.

E' pois natural que as nações civilizadas aperfeiçoem cada vez mais a sua organização militar, de forma a pôr em jogo quando precisem, da totalidade das suas forças.

Todos os projectos de desarmamento tem por origem o desconhecimento da lei que preside ao agrupamento ethnologico dos povos e que rege por consequencia a sua vida politica.

Em virtude da comunidade de interesses que une hoje todos os povos, estão elles sujeitos a conflictos, independentemente da sua propria vontade e das suas disposições pacificas.

Somente as nações devidamente preparadas para defender a sua integridade pelas armas, gosam d'uma verdadeira segurança.

O problema a resolver consiste portanto, em unir intimamente a vida militar com a vida nacional, tornando o serviço nas fileiras, pessoal e obrigatorio.

Na organização do exercito accitou a commissão o principio da *nação armada*.

E' evidentemente a formula que mais convém aos paizes pequenos e de fracos recursos, a que melhor satisfaz e adapta ás nossas necessidades, a que mais se coaduna com os principios democraticos.

Um exercito moderno deve ser constituído por todas as forças vivas da nação, perfeitamente instruidas na sciencia da guerra, e de tal forma organisadas, que em poucos dias possam passar dos reduzidos effectivos de paz aos collossaes effectivos de guerra.

A constituição militar dos povos, não depende sómente do seu estado social.

As condições geographicas como na Inglaterra, ou politicas como nos Estados Unidos e ainda a organização militar das potencias vizinhas, influem consideravelmente na organização militar d'uma nação.

Já vimos que não podemos moldar a nossa organização militar nos principios de organização militar suissa, sem que primeiramente se transforme e adapte ao nosso meio.

A nossa organização tem que se basear nos principios geraes defendidos na these relatada pela *Revista Militar* no Congresso Nacional de 1910, da qual transcrevemos os seguintes periodos:

«Não será tambem a adopção do puro systema miliciano, aliás de beneficos resultados já exuberantemente comprovados na Suissa e Noruega que, praticamente e no estado actual de educação civica do nosso meio social, nos garantirá atingir o objectivo a que visamos. E' sem duvida num processo intermedio que teremos de procurar a solução rapida do problema.»

Um exercito, cuja organização assente no basilario principio da nação armada, exige necessariamente um enquadramento forte para a enorme massa geral do exercito, de forma a tornal-o tão forte quanto lhe permita a sua população e riqueza nacionaes.

Ninguém poderá discordar d'este principio que é essencial para se reconhecer algum valor num exercito miliciano.

Parece-nos que a commissão não attendeu muito a este principio, e por isso resultaram tão fracos alguns quadros permanentes, que nunca poderão garantir o enquadramento da grande massa de tropas milicianas, carecendo portanto da indispensavel cohesão, para ser considerado um exercito forte e á altura da sua elevada missão.

A fraqueza de alguns quadros permanentes parece-nos um erro grave e o principal de toda a organização, pois que se confiou demasiado nos quadros milicianos, que nunca poderão satisfazer ás multiplas necessidades do exercito, como esperava a commissão.

(Continua.)

### Directorio do Partido Republicano

A existencia do Directorio do Partido Republicano justificava-se antes da alvorada redemptora de 5 d'outubro de 1910, porque sendo esse partido não do governo da Nação, mas um partido de combate, de verdadeira lucta, de lucta sem treguas, contra um regimen carcomido, repleto de parasitas, necessario era recrutar patriotas para esmagar essa bicharia, para orientar a lucta, para fazer e guiar a maneira como devia ser feita a verdadeira propaganda dos ideaes democraticos, para resolver alvitres e questões apresentadas para tratar de angariar elementos indispensaveis para o golpe decisivo, para guiar esse movimento, assumindo a sua direcção.

Depois d'esse memoravel dia 5 d'outubro, não se justifica, não se comprehende no nosso modo de ver, a existencia de tal directorio!

Depois d'essa immorredoura data, o Partido Republicano, não é um partido de combate, é o partido militante, é o Governo da Nação, e ao lado d'elle estarão todos os bons patriotas, todos os bons portuguezes, enquanto esse partido fôr um partido d'ordem, trabalho e honestidade, enquanto os interesses do paiz estiverem acima dos interesses politicos, dos interesses do compadrio, enquanto for um regimen de correcta e incontestavel moralidade.

A existencia d'esse Directorio, é a nosso ver, uma violencia, é por assim dizer um estado dentro do proprio estado, é usurpar attribuições que estão confiadas ao chefe do Paiz, ao governo da Nação, ao parlamento, porque repetimos é assim que vemos, embora possamos ver mal, mas a estas e só a estas identidades, cumpre orientar, regular a marcha e conducta do Partido Republicano, que é o partido governamental, que é o partido do Paiz.

E se nós pensamos mal, que nos indiquem os serviços prestados por esse directorio á causa democratica, após 5 d'outubro?

Nós não encontramos um unico serviço util; pelo menos não o conhecemos! O que vemos é o Directorio que até ali fazia propaganda

dos seus ideaes, que até ali respeitava a vontade dos verdadeiros Republicanos, por os de parte, não pensando mais em propagandas, procurando impôr se não pelo direito, mas sim pela força e pela violencia, impondo aos diferentes circulos, deputados que não representavam a vontade do Povo, que não eram da escolha d'este, com manifesto desprezo por velhos e sinceros republicanos, porque a outrance era necessario proteger A em beneficio de B, não vacillando nos meios para conseguir os fins, não se importando (e quem sabe se aconselhando) a comprovada galopinagem que se fez nas ultimas eleições, a favor dos deputados impostos pelo Directorio, esquecendo assim a imparcialidade que lhe cumpria e devia pelo menos observar por moralidade, porque ao Povo e só ao Povo cumpre escolher os seus representantes, e estes na tribuna popular apresentarão ás suas ideias, e só por este meio e não galopinando infamemente, garantirão da sua candidatura.

Foi isto que não se fez, e não se fez porque o Directorio, se não approvou pelo menos, não evitou que se fizesse e é desde então que o partido republicano está dividido com manifesto prejuizo do bom nome do partido, com manifesto prejuizo da Nação e dos interesses geraes.

Coimbra, 25 - 10 - 1911.

### Breves considerações

Em boa analyse, eu não sei bem como classificar e a que attribuir a critica mordaz que se desencadeou da parte d'alguns individuos a respeito da reforma orthographica.

Pois se eu vejo, como deve ver toda a gente de raciocinio, que essa reforma se dispôs a acabar com o verdadeiro labyrintho que complicava extraordinariamente a linguagem escrita e dificultava sobremaneira a sua aprendizagem; se vejo que nenhuma razão tinham de existir superfluidades que nada significavam a mais do que o respeito pela tradição, mas por uma tradição de significado nullo; se vejo a necessidade de modificar os costumes sociaes, tornando a vida cada vez mais pratica e racional em todos os seus aspectos, encarar com caturrices que estão numa opposição manifesta, é para se ficar perplexo, sem saber o que ajuizar. Afigura-se-me por vezes que esses polemicos são miguelistas. Só vivem bem dentro do que fôr absurdo e perfumados de essencia, fradesca.

Não contesto que a reforma esteja incompleta nem que esteja longe de ser perfeita; mas atendo ás cir

cunstanças que defendem estes dois laconismos. Fazê-la completa, seria exigir muito d'uma só vez e isso acarretaria por certo grandes embaraços para toda a gente; fazê-la perfeita, seria caminhar cem leguas á hora, velocidade que ainda não foi attingida n'esse espaço de tempo. E' que a perfeição ainda paira pelas regiões etereas e muito tarde poderá descer até este globo terraqueo que habitamos.

Contentêmo-nos pois com o pouco de util que essa reforma nos trouxe, e o melhor será em resposta a essa critica impertinente que a vem guerreando, cuspir-lhe o nosso desprezo enojado, enquanto pelo menos se lhe não descobrir uma causa legitima.

Visto que somos portuguezes, justo é que tenhamos um idioma nosso; e que os vocabulos embora derivados d'outras linguas, se escrevam e pronunciem portuguezmente. Fóra com os preconceitos que só servem para nos tolher os movimentos de avanço no caminho do Progresso!

J. A. Gomes.

## FACCIOSISMO

A orientação seguida pelos membros do bloco causa em todos os bons republicanos uma profunda magua que baldadamente se pretende encobrir.

Era logica e natural a divisão do antigo partido republicano em correntes diversas de opinião. Mas o que não é logico, o que não é natural é que grupos unidos por inveja tentem amesquinhar, combater á outrance um homem eminente a quem o talento e a força de vontade denominaram primeiro estadista portuguez.

Não é logico nem natural que antigos arrebatadores do povo pela linguagem fluente, e matisada de ideias anarchistas, estejam hoje, renegando o seu passado e as crenças que diziam amar, no conservantismo mais declarado só por inveja da preeminencia d'alguem.

N'um comicio realizado em 1905, dizia um dos actuaes membros do bloco, de quem se esperava um apoio aos socialistas, que queria uma republica não estreita e mesquinha para um partido, mas ampla, nacional e humana onde coubessem todas as aspirações socialistas e onde possa até reflectir-se o estranho fulgor da esperança anarchista.

E o povo corria n'esse tempo atraz d'esse orador, sedento d'essa voz que o prendia consagrando-lhe a maior das sympathias que pôde consagrar-se a um idolo.

Ah! que se o povo soubesse que esse apostolo socialista viria a ser o chefe d'um grupo conservador, tornando-se apostata das doutrinas que apregoava, ter-lhe-hia feito sentir a paga que o povo sabe dar áquelles que o enganam.

Como é triste vêr-se afundar lentamente no abysmo da exauctoração publica aquelle que um dia foi considerado como o primeiro apostolo da Liberdade.

E' bom frizar que nem todos os grupos do parlamento seguem ideias ou principios.

O bloco é a reunião de autoritarios a quem a sombra de Affonso Costa faz mal.

E' a reunião de mediocres unidos pela inveja que lhes causa o vulto correcto e austero do ex ministro da Justiça.

Ao vêr-se vencer o bloco poderá dizer-se que as ideias radicaes não têm apoio na maioria do Povo? Não.

O povo portuguez é amigo do progresso e da luz, aspira pela conquista das ideias modernas e na nossa terra nunca abundaram as sympathias pelos conservadores ou reaccionarios.

Mas infelizmente não foi o povo que escolheu os seus representantes.

Foi o directorio que sancionou como de verdadeiros republicanos as candidaturas de quem quiz, e o povo sincero e bom não pensando mesmo em conhecer os representantes que lhe deram, acreditou piamente nas boas intenções dos sancionadores e votou n'elles.

O resultado d'essa chapelada ignobil que enodou indelevelmente o directorio do famoso partido historico foi a força ficticia que actualmente o bloco possui nas côrtes, mas que desabará indubitavelmente nas proximas eleições.

No entanto, embora esse mal não dure sempre, causa porém grandes transtornos na marcha da Republica e sobretudo na situação grave que atravessamos.

Os traidores da Patria voejam como milhafres ao redor da fronteira portugueza. A Nação dispende o seu sangue empobrecido para defender-se e o bloco... combate Affonso Costa!

Era necessario rigor para os traidores, era justo que elles indemnisassem a Nação das perdas que lhe causam, era urgente oppôr um dique a toda a propaganda monarchica e o bloco... combate Affonso Costa!

A opinião publica começa a exauctoral-os, aponta-lhe as futuras eleições como a sua morte inevitavel, e o bloco... combate Affonso Costa!

O povo já chama traidores aos blocards, unem-se pelas provincias grupos de patriotas que dão incondicionalmente o seu apoio ao grupo democratico protestando contra a orientação contraria e o bloco cegamente, estupidamente, combate Affonso Costa!

E' necessario estarem possuidos de monomania perseguidora para serem tão cegos que não vejam o seu caminhar vertiginosamente para a morte politica n'um ignobil lodçal de vergonha.

Este facto que actualmente se está passando no parlamento deve interessar a todos os portuguezes. E nós, sargentos, como filhos do povo, devemos precaver-nos para que nas futuras eleições demos o nosso apoio e o nosso voto unicamente ao candidato que de ante-mão seja conhecido pela sua orientação e ideias a fim de que a opinião de todos seja com verdade numericamente representada.

Na minha opinião individual o actual parlamento não é a exacta expressão numerica das differentes opiniões do paiz.

Montemór-o Velho, 22-10-911.

Carlos Victor.

A S. Ex.<sup>a</sup> Ministro da Guerra pedimos para que mande elaborar os estatutos do Monte-pio para sargentos e equiparados, visto não haver

justificação para uma demora tamanha em pôr em execução a lei.

E' em nome dos predestinados a serem bafejados pela benefica acção do mesmo Monte-pio, e da justiça que assiste sempre a quem pede a execução d'uma lei, que formulamos o pedido supra.

## ACTUALIDADES

A China, essa grande nação asiatica, governada até hoje pelo despotismo mais accentuado, pelo sistema autocratico, resolveu-se agora a saltar uma barreira gigantesca: do absolutismo á Liberdade ampla, da monarchia absoluta e despotica á Republica liberal e humana.

Se nos admiramos com este facto, com este passo que se propõe a dar o povo chinês, onde elle presentemente menos se esperava, dadas as suas condições pouco civilizadas e até a sua natural indolencia — se nos admiramos com este facto, elle não nos causa estupefacção, porque na analyse serena dos acontecimentos contemporaneos, nós vemos os povos despertarem ao som dos hymnos bellicos da revolta, contra a escravidão da humanidade.

Este esbracejar ruidoso das multidões contra as cadeias que as acorrentam esta convulsão latente do fraticidio entre irmãos de historia, uns compenetrados do seu Dever na terra, outros seguindo inconscientemente os preconceitos absurdos da ignorancia, representam o quê?

D'um lado, a deshumanidade brutal, a ambição, o desejo da grandeza, a iniquidade maldosa e a ignorancia dos que seguem fanatisados o bolôr da antiguidade.

E do outro? A ferocidade? a barbarie ancestral? a ignorancia? a phantasia?

Não! São symbolicas da Justiça, do Amor, da Fraternidade, dignificação e emancipação dos Povos.

Reside em seu seio a Liberdade — o coveiro do preconceito, o demolidor do poderio absurdo e injustificavel.

São rasoaveis, são justas! São suffocadas muitas vezes, sem duvida; mas que importa?!

Os que morrem na lucta pela Razão são, por assim dizer, o estímulo dos que sobrevivem: — a sua evocação enraiza mais fortemente na alma do sobrevivente a vehemencia no ideal, augmentado então pelo anhelos de justa vingança.

Por isso os proselyptos da Razão não desanimam, mas antes pelo contrario, avançam cada vez mais, olhos fitos na sublimidade da sua crença, corações dispostos ao holocausto por Ella, braço prompto a empunhar a arma, mais tarde ou mais cedo vencedora.

Vencidos, espera-os a negridão das masmorras ou as balas homicidas dos vencedores.

Vencedores, abrem as portas á mais sublime benevolencia, ao perdão mais santo, e se uma ou outra excepção surge, como a execução de Luiz XVI, em França, é o impulsão gerado pelo cheiro em briagante da polvora, cujo fumo ainda se não desfez.

Caciaco.

Regressaram de Lisboa, onde tinham ao concurso para a administração militar, os nossos amigos Joaquim José Magro e José Augusto Gomes, 1.<sup>o</sup> sargentos d'infantaria 23.

## LITTERATURA

### TRISTEZA...

Ao Albano Correia Napoles

No teu olhar doce e vago  
Ha lampejos d'ironia,  
Como no luar turvado  
Por nuvens de ventania...

Se no altar da capella  
Existe Nossa Senhora,  
Tambem n'esse teu olhar  
Existe a luz redemptora...

Existe na minha vida  
Uma invisivel prisão,  
Quem me detem n'est'abrigo  
São laços d'um coração.

Deus fez a noite de tranças  
Com geito t'as foi ronbar  
E da luz dos olhos teus  
A luz branca do luar.

Villa Verde, 27 de maio de 1910.

Eduardo Tudella.

## CAMARADAS

Agora que preciso se torna, que todos nós sejamos umas sentinellas bem vigilantes, contra todos os manejos reaccionarios e thalassas; agora que todos nós temos occasião de bem provar á Nação inteira, que é a Republica que nós queremos, porque é d'ella que tudo ha a esperar, não só para a classe, como tambem para o Paiz, surgem alguns degenerados, que intitulado-se sargentos, conspiram contra as instituições, de quem tanto teem recebido, as mais inequivocas provas de consideração, o que jámais obtiveram da infamante monarchia.

Para os traidores que me venho referindo, e que são todos aquelles que não prezam a farda que vestem, nem a Patria que os viu nascer, para esses, eu vos peço que voteis o maior dos desprezos, porque são indignos de pertencer a uma tão illustre classe, que tanto tem trabalhado para o renascimento d'uma patria nova.

N'estas poucas e mal alinhavadas linhas, eu deixo a expressão sincera do meu sentir, que creio, seja a de todos os sargentos patriotas, e ao mesmo tempo grito bem alto, e com todas as forças da minha alma, no que espero ser secundado por todos os collegas dignos de o ser:

Viva a Republica!

Viva a Patria Livre!

Abaixo os nojentos traidores!

Extremoz — 1911.

Leandro Augusto Pires,

2.<sup>o</sup> sargento de cavallaria 3.

## ERRATA

Por ter sahido com uma syllaba a mais, se publica novamente o seguinte verso publicado no nosso numero 36:

Seguiram-se as algemas, os degredos,  
E nas priziões, nos fortes, nos segredos  
O misero crescia.

Amava com mais força o ideal  
Nutrindo mais rancôr por todo o mal  
Da velha monarchia.

## O FILHINHO MORTO

(A UMA MÃE)

Levou-te o filho, surda á tua prece  
A mesma Morte que a avesinha mata,  
E ás arvores as flores arrebatada,  
E ao Mar as suas ondas desvanecida.

Mas vêz tu: novo ninho a ave tece,  
A arvore em novas flôres se desata,  
E a cada onda que morre o Mar, a oblata  
Duma outra onda, logo a Deus ofrece!

E se á tão inflexível lei da Morte,  
São assim resignadas, desta sorte,  
A ave e o Mar, e as arvores em flôr,  
Sê-o igualmente tu, piedosa Mãe,  
E lembra-te que a Morte é sempre um Bem  
Porque é o porto da Vida — um Mar de Dôr!

JOAQUIM GOMES

## A mulher portuguesa

Quanto eu lamento a mulher portuguesa pela sua condenável propensão para o artificial, terrível epidemia de que sofre uma grande parte do elemento feminino, desde a mulher medianamente cultivada até á que vive na aristocracia!

Além d'estas, apparecem ainda aquélas que negociam com a sua probidade, e que por espirito de imitação e com mais um pouco de razão a seu lado, procuram seduzir os homens.

E' vê-las, umas e outras, enpaonadas com todo o seu donaire, caminhando pelas ruas da cidade, ferindo-nos o ouvido com o ritmo monotónico do ruje-ruje do vestuario, evaporando essencias, caracterisadas, e recheadas de postigos como qualquer manequim d'uma casa de modas.

E acha a mulher portuguesa que só assim parece bem e pode ser requestrada. Terá motivo. O homem quasi vai pela mesma desnortheação, e não ha duvida que se apaixonou mais depressa com o fulgor da mentira do que com a singelêsa da verdade.

Mas a mulher tem uma condição especial a satisfazer na vida e essa condição é a de mostrar que possui honestidade. Ora a vaidade exibida de modo tão grotesco e repugnante compromette um tanto a honestidade.

A mulher precisa de facto, duma certa plasticidade que a torne agradável, sem que contudo essa plasticidade seja levada até ao exagero duma verdadeira farça.

Agradar per fas et nefas é o rotulo da droga.

A proposito:

Tive occasião de notar em alguns dias que estive em Lisboa, que a mulher inglêsa, que algumas por lá existem, tem sobre este caso um outro criterio muito mais elevado do que a mulher portuguesa.

Veste com extrema simplicidade e sem engenhos.

Toda ella é naturalidade, o que lhe dá uma graça propria de tudo que é bello.

Desejava ver assim a mulher portuguesa.

Escusam de me chamar anti-feminista, que o não sou, até certo ponto. Chamem-me antes um adversario de ruins figadões, de tudo quanto está fora da demarcação razoavel das

coisas, sobretudo quando as questões a debater estejam, como esta fora de toda a moral e civismo.

J. A. Gomes

## AINDA ME RECORDO

Como é poetica e bella a quadra da Infancia!

N'esta primavera da vida, como hoje que completo 29 primaveras, tudo que me cerca são flôres e perfumes e tudo o que vejo me falla e sorri.

Sim, tudo me sorri, apesar de alguns miseraveis villões de varias classes tentarem desharmonisar a minha vida e chegarem mesmo a convencerem-se que me causam tortura!

Unicamente me limito a adoptar para com elles o seguinte systema: Despreso e despreso!

Nos campos viçosos e floridos procuro o recreio que é para mim enexplicavel porque a vegetação e o gorgoio das avesinhas seduzem-me.

A tempestade que passa bramindo na voz do trovão, faz-me estremecer e recordar as caricias que me fazia a minha Santa Mãe quando, em creança, me assustava por tal motivo.

Tempos, tempos!

Não ha nada que se compare com o quadro da infancia.

Que lindos folguedos!

Ainda me recordo e nunca mais me esquecerei!...

Que profunda saudade me persegue constantemente d'esses tempos que já não voltam!

Lembra-me sempre os bellos dias que passei quando creança, estremeço e choro sósinho com sublime sentimento. Gosto de chorar e desabafar, porque quando se chora é porque o coração está vivo; é porque recordo sempre quem me deu o ser, que falleceu em setembro de 1901 — a minha sempre saudosa mãe que fez muita falta a toda familia!

Minha saudosa infancia!

Nasci na cidade de Guimarães, não digo em que rua. Foi n'um cantinho... Para que heide dizel-o? Actualmente, na casa onde nasci, moram pessoas estranhas que nunca poderão apreciar nem comprehender a educação, o encanto e a civilização que sempre houve n'essa pequena casa em que vi pela primeira vez a luz.

E quem sabe se esses habitantes escarnecerão em bôdas, jogatinas, etc., aquelles que me deram o ser, enfim os meus entes mais queridos que alli moraram?

Talvez assim não aconteça porque os cidadãos de Guimarães são prudentes e sensatos.

Por isso convençam-se todos aquelles que julgam me causam tortura com perseguições, (são elles os thalassas republicanos mascarados e camaliões, de varias classes, que não gostam que eu seja um militar liberal e republicano sincero), mas que nunca conseguirão alvejar-me, (porque do contrario, ai d'elles!...) porque para mim a vida é alegria e não espinhos, muito especialmente em todas as vezes que me recordo dos tempos que já não voltam e que espero em breve lembrar em Guimarães com a familia e companheiros de infancia.

Viva a Liberdade!

Mossamedes, 20 de setembro de 1911.

João Ribeiro Gonçalves,

2.º sargento d'infanteria.

## A Cesar Augusto Bello

Foi em 11 d'outubro, pela tarde. Sem nos participar, talvez para não nos commover, lá hiam num carro do campo caminho da estação.

O sol ainda hia alto, mas enfraquecido já dava á aldeia um tom de tristeza.

A hora do comboio aproximava-se. Ao longe distinguia-se um vulto negro, pela estrada fóra, que, ao aproximar-se, reconhecemos ser da creadita da illustre familia do nosso amigo, transportando alguns artigos de viagem.

Foi então que soubemos que o nosso bom amigo e infatigavel companheiro hia partir naquella tarde d'outomno melancolica e sombria.

Chegámos por fim á estação; lá estava já espalhada, aqui uma mala, além um sacco, que os empregados pezavam e rotulavam á pressa.

Ficámos, confesso-o, bastante impressionados, um por cada canto, cabisbaixos.

Por um d'estes sentimentos que se não podem explicar, na noite da vespera parecia que um desgosto pairava sobre nós, todos estavamos tristes, era um presentimento mau.

— O sr. Bello, diziamos, não vem hoje até nós.

O que irá por lá?!

E lá estavamos no «Centro Selecto» á espera do sr. Bello para a costumada cavaqueira, e elle sem chegar.

Retirámos nos por isso um pouco mais cedo para nossas casas.

Eu, como uma creança, junto d'aquella figura singular d'homem de bem, tinha sempre no coração o sentimento pelos bons velhotes, pois que eu lhe lia no rosto de nobre personagem aristocratico, toda a sua bondade para comigo.

Dois dias e duas noites se passaram tristes, sombrios para nós, ao recordarmos-nos d'aquella vulto de gigante.

Ao olharmos para a sua alta residencia, onde o viamos todas as manhãs, de cigarro ao canto da bocca, a gosar o fresco e a contemplar o sol a levantar-se no Oriente, sentimos uma tristeza invadir-nos o coração.

E o que não ha que dizer de sua familia?

Todos tão bons, tão agradáveis; parece que ainda a vemos estender as mãos rosadas ás mãos calosas dos lavradores ao despedirem-se na estação...

Depois um silvo do comboio e eil-o numa carreira doida sobre os carris d'aço negro fugindo com os nossos amigos que nos estendiam os braços agitando lenços a despedir-se de nós.

Nem já se ouve aquelle cantico celeste acompanhado pelo piano dedilhado por uma das mais gentis deusas de belleza. Olhamos para lá, tudo fechado, tudo silencioso!

E assim, em noites luarentas, lá vamos pela estrada fóra recordando-nos com saudade d'aquelles momentos de conversa agradável e instructiva que tinhamos com o sr. Bello.

— Em breve voltarei, dissera elle, ao abalar fugitivamente no comboio...

A noite começava a perceber-se nos montes, e por sobre os telhados humidos espelhavam-se já as pallidas claridades da lua.

Partira o sr. Bello, com sua familia, legando nos para sempre uma profunda saudade que nos leva a registrar uma inolvidavel impressão da sua partida inesperada.

— Boa viagem, foi o que entre um aperto de mão podemos pronunciar a ultima vez que nos vimos.

Villa Verde, outubro de 1911.

EDUARDO F. TUDELLA.

## PLACARD

Afim de podermos pôr em ordem as cintas d'A Voz do Sargento, pedimos aos nossos assignantes a fineza de nos indicarem as suas novas residencias.

Aos nossos assignantes do Ultramar, que ainda estejam em debito, pedimos a fineza de mandar satisfazer, para regularidade da nossa escripturação.

Tendo-nos sido devolvidos alguns recibos com a nota «avisado e não veio pagar», pedimos a todos os nossos assignantes, a quem não foram presentes os respectivos recibos de cobrança, a fineza de nos enviarem em vale de correio ou em estampilhas a impotancia das suas assignaturas.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

MERCEARIA LUSITANA

## ESCOLA NORMAL

Accitam-se alumnas internas em casa particular.

Bom tratamento e seriedade.

Preço modico

Para esclarecimentos: — Merceria da Estrella — Coimbra.

POSTAES ILLUSTRADOS — O que ha de melhor e mais bonito, só tem a Tabacaria União, Rua da Sophia, Coimbra.

## A conspiração de 1817 contra a vida do general Gomes Freire d'Andrade

Transcrição da conferência celebrada na noite de 18 de Outubro de 1903 no Temp. Grande «José Estevam» do G. Or. Luz. U. Sup. Cons. da M. Portuguesa.

(CONCLUSÃO)

Entremos agora no último acto d'este trágico drama.

As Côrtes extraordinárias da Nação Portuguesa, depois da revolução de 24 de agosto de 1820, concederam revista dos processos instaurados aos conspiradores de 1717.

A sentença da revista de 20 de maio de 1822 termina assim as suas conclusões:

«Reunindo a vehemencia d'estas ponderações com a demonstração positiva da nullidade manifestã e injusta notoria que viciam o julgado aqui revisto, torna-se incontroversa a revogação das sentenças ex-fol. 157, e as que a confirmaram, com a restituição dos direitos dos interessados em tudo o que pôde caber nas funções.

«Portanto, se o mais do processo, e o direito constituido na legislação Patria e especialmente estabelecido para a decisão das causas de revista, qual a de que se trata, julgam nullas e injustas as sentenças ex-fol. 157 v.º, e as que as confirmaram: e revogam as ditas sentenças em todos os seus efeitos susceptíveis de variação; declaram os reus que ainda existem, e os parentes dos que se finaram, restituidos á sua dignidade, curia, prerogativas, honras, bens e direitos; declaram que não incorreram em nota ou infamia alguma; absolvem sua memoria; mandam que os seus direitos e bens sejam restituídos, relaxando-se quaesquer sequestros ou embargos, passando-se para tudo o referido as ordens necessarias: e as custas sejam pagas pela maneira que foi provida no aviso de fl. 262. — Lisboa, 22 de maio de 1822.

«Gomes de Carvalho — Teixeira Homem — Ferrão — Pereira — Dr. Correia — Calheiros — Amaral — Felgueiras — Xavier da Silva — Cabral — Osorio.

«Macedo, como vencido quanto ao direito salvo contra os denunciantes e ajudantes da policia, pelo dolo e calumnia.

«Godinho, vencido quanto á omisão do direito salvo.

«Fui presente, Coutinho.»

Como vêdes foram quatorze os juizes que assignaram a sentença da revista e que declararam injustas e nullas as sentenças lavradas pelos assassinos de Gomes Freire de Andrade e qualificadas de dolosas e calumniosas as peças do processo fabricadas pelos denunciantes e ajudantes da policia ao serviço de Beresford e de D. Miguel Pereira Forjaz!

### EPILOGO.

Representação dos Governadores da Regencia do Reino a D. João VI, em 24 de dezembro de 1817:

«Levamos á Soberana Presença de V. M. o requerimento junto, em que Joaquim Antonio Cabral, escripto do erime do Bairro do Limoeiro,

empregado da Intendencia Geral da Policia, com o ordenado de 400000 réis, pede pelos seus serviços n'esta repartição e principalmente no processo da devassa contra os conspiradores de que foi escripto, que por seu fallecimento se contribua com a metade do dito ordenado a sua mulher D. Catharina Candida Cabral e filhas, D. Anna Rita Theodora de Sousa Cabral, D. Maria Balbina de Sousa Cabral com sobrevivencia de umas para as outras.

«O bom serviço, honra, zelo, interesse e mais qualidades d'este benemerito official, abonadas pelo Intendente Geral de Policia (1) na informação tambem junta, o fazem muito digno de toda a contemplação.»

N'esta mesma informação recommenda, o referido Intendente, novamente os dois desembargadores do Porto, seus ajudantes:

«João Gaudencio Torres e José Vicente Caldeira de Casal Ribeiro, para serem promovidos á Casa da Supplicação; juntando copia do § que lhe diz respeito na informação sobre a devassa dos conspiradores, que foi presente a Vossa Magestade com a conta n.º 490. O que pômos na Augusta Presença de Vossa Magestade para que venha com elles contemplação, que do Seu Real Agrado Houver por bem do Seu Real Serviço. Marquez de Borba — Ricardo Raymundo Nogueira — Alexandre José Ferreira Castello.»

**Premios** — O Escrição do Intendente Geral da Policia, Joaquim Antonio Cabral recebeu uma capella de pensão e dois accessos passando para a Casa da Supplicação de Lisboa!

O desembargador, ajudante do Intendente Geral de Policia — João Gaudencio Torres, recebeu a Comenda da Ordem de Christo.

O desembargador, ajudante do Intendente Geral da Policia, José Vicente Caldeira de Casal Ribeiro, recebeu um habito de Christo para seu filho mais velho... não tendo filhos!

O Juiz da Inconfidencia, Antonio Gomes Ribeiro, recebeu para seu filho a Comenda de Gomes Freire de Andrade!!!

O Intendente Geral de Policia, João de Mattos e Vasconcellos Barbosa de Magalhães recebeu a Comenda da Conceição.

O relator da sentença desembargador Antonio José Guião foi nomeado no rendoso logar de Procurador da Fazenda!

Depois dos premios concedidos, por D. João VI aos cúmplices de Beresford e de D. Miguel Pereira Forjaz, coube por direito ao grande patriota Mac. Fernandes Thomaz desaffrontar o paiz de tanto villipendio!

Fez a revolução de 1820 expulsando do Poder os Governadores da Regencia; Marquez de Borba, Ricardo Raymundo Nogueira, Principal Sousa, J. Antonio Salter de Mendonça, D. Miguel Pereira Forjaz: — e do Commando em Chefe do exercito portuguez William Carr Beresford com a nodosa indelevel de ter mandado assassinar o general Gomes Freire de Andrade, obrigando-o a sair das aguas d'esse Tejo para onde haviam sido arremessadas as cinzas de Gomes Freire!

Lembrac-vos RR. e PPod. Ir. d'esta triste lição de historia

(1) João de Mattos e Vasconcellos Barbosa de Magalhães.

patria; porque ainda ha quem veja na alliança da Inglaterra com Portugal a salvação da independencia de Portugal!

Sessão Magna de 18 de outubro de 1903.

BÖER, gr. . . 25.

## ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58 — RUA DA SOPHIA — 61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionais e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares.

## IMPRENSA ACADEMICA

153 — Rua da Sophia — 165

COIMBRA

Grande deposito de todos os moldes, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc. Execução rapida.

## O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas: Cada lingua, 25000 réis; cada fase, (em Lisboa) 100 réis. O Mestre Popular, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

## DROGARIA VILLAÇA

COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaca, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

## AGUA DE PIZÕES — MOURA

A melhor de todas as aguas

Apreciada por toda a parte. Isenta de substancias organicas, bacteriologicamente PURA. Para uso diario e constante. Refrigerante inegalavel. Simples ou com whisky, leite, vinho, etc.

### EXPERIMENTAR É USAR

Unicos representantes para o Brazil, Africa e Norte de Portugal

FONSECA NUNES & C.

Rua da Nova Alfandega — PORTO — PORTUGAL

Depositario em COIMBRA

## GAITTO & CANNAS

## Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Licções nos domicilios dos interessados.

Trabalha-se em casa de Aguiar, n.º 76.

UM OFFICIAL DO EXERCITO

Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

## NOVA CASA DE BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Bandoleiras, Bandas, Charlateiras, Penachos, Fiadores em seda, algodão e cabedal, Fitas e Travincas para medalhas, Cordões, Correntes e emblemas em todos os generos. Botões dourados para todas as armas.

Executam-se pedidos para a provincia e colonias.

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

O melhor enchido de Portalegre

Na casa Gaitto & Cannas

## TYPOGRAPHIA

DO

JORNAL DE COIMBRA

Rua do Pateo da Inquisição

Execução rapida de todos os trabalhos typographicos. Bilhetes de visita, memuranduns, circulares, etc.

PREÇOS MODICOS

# A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR  
**ANTONIO RODRIGUES**

Composto e impresso na  
Typographia do *Jornal de Coimbra*

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DA SOPHIA, 168

ASSIGNATURAS

Continente, trimestre - 300 reis  
Ultramar, semestre - 600  
Numero avulso, 30 réis

ANNUNCIOS — Preços convencionaes

Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

## A REORGANISAÇÃO DO EXERCITO

A fraqueza dos quadros permanentes revela-se sobretudo nos quadros da arma de infantaria, que por deficiencia não satisfaz ás necessidades da arma, não tendo por isso esta arma o valor de que precisa, quando em campanha.

Um regimento de infantaria, além dos commandantes de companhia e dos ajudantes de batalhão, dispõe sómente de tres subalternos para doze companhias, isto é, para um effectivo superior a 3:000 homens!

Esta disposição é não só extraordinaria mas irrisoria!

Ha quem argumente com a facilidade da instrucção da infantaria comparada com as outras armas.

Mas não foi já attendido esse argumento, quando se determinou que a duração das escolas de recrutas da infantaria fosse sómente de quinze semanas?

Não recebe a infantaria a maior massa de recrutas?

A instrucção dos recrutas deve ser completa e intensiva, para que se possa colher os resultados que se esperavam.

Merecia a arma de infantaria maior attenção na sua organização, por constituir esta arma a maior massa de tropas em campanha e por ter a maior importancia na guerra.

Depende da sua organização, a organização das outras armas e serviços.

Dispõe a Hespanha de 58 regimentos activos de infantaria e 18 batalhões de caçadores, e Portugal sómente dispõe de 66 batalhões de infantaria no continente.

E' necessario que o nosso paiz se opponha com forças eguaes no inicio de uma campanha e com tropas de não inferior qualidade.

Os quadros das tropas activas da infantaria hespanhola são na sua generalidade constituídas por

officiaes de carreira, reservando principalmente os seus officiaes de reserva ou milicianos para as suas tropas de reserva.

Para dispormos de forças eguaes temos que recorrer ás nossas tropas de reserva, e como estas tropas tem de intervir ao lado das tropas activas, é necessario para que se não diminua o seu valor, que ellas sejam fortemente enquadras por officiaes de carreira.

A Allemanha, organisando os 4.º batalhões, indica nitidamente que não quer pôr em primeira linha senão tropas do exercito permanente reforçadas com reservistas.

Ella dá portanto a maxima potencia a essas tropas no choque inicial, dotando-as com quadros numerosos.

Esta é a logica com os principios da guerra.

O general Luzeux admite apenas para um regimento de infantaria do activo a 3 batalhões, tres subalternos milicianos no estado maior dos batalhões e um subalterno miliciano por cada companhia, ou sejam quinze subalternos milicianos por cada regimento de infantaria das tropas activas.

E' nosso desejo analysarmos todos os pontos da lei que nos parecem fracos, dando-lhe maior ou menor desenvolvimento consoante a nossa competencia.

A critica, quando cortez e sincera, não deixou ainda de ser uma fonte inexgotavel de aperfeiçoamentos.

Se convence, evita os erros; se o não consegue, radica as convicções.

(Continua.)

## ACTUALIDADES

Pelas últimas photographias do ex-rei Manuel, vê-se que elle já deixou aquelle cunho feminil que nós lhe conhecemos e aquelle rosto imberbe de donzella nos

apparece agora ornado com um bigodinho regular.

Esta transformação rapida do cagarola, leva-nos a fazer estas reflexes:

Ou é farça adoptada pelos seus admiradores para lhe imprimir um certo respeito, ou a barba lhe não cresceria enquanto visse no inferno da crapula, cujo veneno lhe não deixava desenvolver o physico.

D'ahi, voto pela primeira d'estas supposições.

Mas mais: o emérito beatinho está também mais gordinho, e, por aquelle andar, caminha vertiginosamente para a obesidade do seu augusto pae, que *Deus tenha em sua santa guarda*.

Vê-se, portanto, que, se ao menino custou o ter de tirar as patinhas, sagradas pela tocha do viatico, em Cintra, do erario publico, ao mesmo tempo deve regosijar-se por ter adquirido a riqueza de carnes com que agora nos apparece em photographia.

Caciaco

## O ex-directorio do Partido Republicano

Apoiemos e concordamos plenamente com a moção de protesto apresentada pelo nosso amigo Guilherme d'Albuquerque em nome das commissões republicanas de Coimbra, no Congresso ultimamente reunido em Lisboa, onde esse despotico Directorio, teve a recompensa das violencias, dos abusos d'auctoridade que commetteu, para não lhe dar outro nome, o verdadeiro, o unico que deviam ter os seus actos parciaes e de compadrio...

Mas esse incorreto modo de proceder teve o premio que devia ter no citado Congresso.

A moção de protesto das commissões de Coimbra, echoou nesse Congresso, e Ramada Curto a quem muito apreciamos, teve mais uma vez a prova de quanto a maioria de Coimbra o aprecia e quanto os velhos republicanos tem por elle admiração, que não tributam a essa cafila de insignificantes que á sombra d'esse Di-

rectorio, que abusou e não cumpriu com os seus deveres, o tentou inutilisar, com a calumnia.

Mas não foi só a candidatura de Ramada Curto por Coimbra, que não foi sancionada por esse Directorio, foi também a dos nossos amigos Belizario Pimenta, dr. Julio da Fonseca e dr. Cortezão.

Nenhuma, absolutamente nenhuma má vontade, existe em nós contra os deputados apresentados pelo Directorio, pois excluindo o dr. Angelo da Fonseca, que não conhecemos senão de nome e que nunca o soubermos na lucta antes de 5 d'outubro... temos pelos restantes, estima e consideração.

Mas o que é fact, é que elles não foram deputados, pela vontade da maioria dos velhos republicanos, foram-no, porque o Directorio para isso empregou processos imoraes, que com razão condemnou nos tempos anteriores a 5 d'outubro, e de que lançou mão para conseguir o seu desideratum.

Conseguiu o seu fim, mas desceu tanto e tanto, que tudo quanto lhe foi dito no Congresso, foi pouco, porque mereciam muito e muito mais...

Se houver duvidas de que o que dizemos é a expressão da verdade, é dizer, porque nós citaremos toda essa galopinagem infame que se fez no districto de Coimbra.

Haja em vista a accusação de mendigar votos, feita por Simões Favas, no Congresso a Malva do Valle, de que elle não teve uma palavra sequer de indignação, de protesto para desmentir tão formal accusação.

Teve razão.

De que servia negar? Ha provas e provas incontestaveis.

Repetimos. Apreciamos muito os deputados que conhecemos e que foram pelo Directorio, propostos por Coimbra, mas que serviços prestaram elles a causa democratica, comparados com os dos propostos pelas commissões republicanas? Em que é que a sua obra se pode comparar com a do grande luctador Ramada Curto?

Não somos, nem bloquistas nem affonsistas, nem seguimos qualquer outra individualidade, somos unica e exclusivamente portuguezes e republicanos e como tal estaremos sempre ao lado d'aquelles que pela Patria e pela Republica, trabalharem com amor, imparcialidade, incontestavel honestidade e sem intuito de proventos rendosos para as suas pessoas, ou seus amigos, que foi o que o demittido Directorio não fez, que abusando do papel que desempenhava, se abotoou com rendosos e proveitosos logares.

Mas as violencias e enxovalhos que soffreram os velhos republicanos de Coimbra, com a politica de compadrio do Directorio, foi extensiva a todo o Portugal, todos os sinceros republicanos maldizem a sua obra desmoralisadora e prejudicial para o bom nome do partido e para os interesses da Patria e da Republica.

## BREVES CONSIDERAÇÕES

A ebulição produzida nos ultimos tempos nas diferentes camadas sociais, pela ação da politica, é bem uma prova de que nós, portuguezes, se somos dotados d'um grande sentimento patriota, tambem sofremos duma grande falta de educação civica.

Ha portanto aqui duas forças que se opõem, resultando desta contramitencia um definido mal-estar, que se traduz em manifesta perturbação e desorientação, suporando dificuldades, receios e até vergonhas.

E a Republica, que por todos os patriotas é tão querida pelo espirito, tão mal servida é assim pelo cerebro! Enparamos-lhe todo o seu brilho com uma indiferença que espanta e causa lastima, sem nos lembrarmos que os elementos retrogradados vão assistindo a este triste drama, aplaudindo-o com fervoroso entusiasmo, e que os gaudérios dos paivantes estão na ribalta fazendo d'ele reclame ao estrangeiro.

E' certo que a culpa não surgiu de dentro da Republica. Não é mais nem menos do que uma consequencia naturalissima do atrazo em que a desconceituada monarchia nos deixou.

Os governos de então, só cuidavam na ganancia, em vaidades, em esbanjamentos, em tropelias de toda a especie.

Educar civicamente, era a sua ultima preocupação. De sorte que fazer passar a sociedade portugueza por uma transformação radical num tão curto prazo de tempo, seria a maior das impossibilidades.

Mas como em todos nós, que nos presamos de ser patriotas, não ha certamente nem falta de intuição nem falta de sentimento, procurêmos como um primeiro exercicio e por todos os modos, concertar este decadente estado de coisas, empregando todos os meios para sermos, pelo menos e por agora, prudentes nos arrebatamentos, conciliadores de más vontades, comedidos no egoismo, ponderados nas resoluções.

Isto é muito, mas não é tudo.

Basta para o conseguir, soffrear o espirito, sabendo tratar as convulsões a que elle está sujeito.

Cumpram aos cidadãos que presidem aos destinos da nação, estudar por si ou por seus delegados, mas com toda a proficiencia, esse grande problema moral e social que se intitula — educação civica — e usar da solução que derivar desse estudo sem tituleações nem delongas. Só assim conseguiremos que as gerações futuras se mantenham em um equilibrio estavel e possam ser a valvula de segurança do precioso legado que lhe havemos de confiar — a Republica — e valorisaremos a nossa obra tornando-a digna de se admirar.

Compete tambem aos cidadãos mais em evidencia na politica, como melhores comprehendedores dos seus cambiantes, abandonar por completo o jogo das pugnas desenfreadas e mesquinhas em que constantemente se gladeiam e mais tudo aquilo que muito bem se compreende seja pernicioso.

Aproveitar-se ha com isso haver como que um fanal em que o povo procure nortear-se.

O exemplo quando parte de quem o deve dar, produz sempre uma certa irradiação na alma de quem precisa recebê-lo.

Venha, pois, por agora esse pouco de boa vontade e esforço, enquanto não vem o resto, para ver se Portugal avigora a sua musculatura, enfraquecida mais pelos desatinos do cerebro (originados em grande parte pela ausencia dessa grande educação civica que é mister possuir) do que por qualquer outra causa.

J. A. GOMES.

## AINDA OS HA

Não vae longe o dia em que festejámos o primeiro anniversario da nossa Republica, e quem percorrer alguns pontos do nosso paiz fica convencido de que a lei da expulsão dos jesuitas não foi cumprida em absoluto.

Senão vejamos:

No Tourigo, logar pertencente á freguezia do Barreiro de Tondella, reside um *marmelo* que dá pelo nome de padre mestre, que ainda não modificou os seus costumes de jesuita ferrenho, pois que abusando da religião de Christo, comete as mais infames proezas.

Diz quanto mal pode das nossas instituições, constando-nos até que tenta, nas suas predicas, inculcar no animo do povo, que as missas do vigario do Barreiro, não têm valor por este ter accete a pensão do estado, etc., etc.

Informam-nos que ha tempos foi encontrado ás 3 horas da manhã, rodeado de mulheres, de cuja fraqueza elle abusa, e que, fiadas nas suas sabugices, abandonam a vida domestica, com grande prejuizo da familia, para o acompanharem nas communhões geraes que elle dá todos os domingos na capella do Tourigo.

Vale-se da occasião da missa e do pulpito para cobardemente insultar quem lhe apetece, e nós ainda não esquecemos o seu desejo de nos querer denunciar como republicano, quando ha seis annos lhe demos umas fustigadellas no *Mundo*, jornal que elle ainda hoje insulta com todo o descaramento.

Ainda por alli ha umas certas esperanças na monarchia, e tudo de-vido, naturalmente, a doutrinas pre-

gadas por este e quejandos inimigos da Patria.

Cumpra, pois, vigiar estes passaros apardalados e aplicar-lhes o me recido correctivo, a fim de que elles encolham as garras aduncas e se convençam de que isto não é roupa de francezes.

Guerra de morte se fôr preciso, porque *Decorum est pro patria mori*.

ANTONIO RODRIGUES.

## Propaganda republicana

Esta nossa vida da cidade onde cada habitante é por assim dizer, um republicano, e um bom republicano, leva-nos ao optimismo exagerado de julgarmos tão intrincado em todo o paiz o amor ás novas instituições como o que nós tão devotadamente, tão sinceramente lhe consagramos.

E' nas cidades que arde mais intensamente a crença, a fé no regimen actual, e isso não só se explica devido á civilisação actuar sobre ellas com mais pertinacia, com mais força, como tambem á propaganda activa que nellas exerceram os homens do Partido Republicano, na opposição, pela palavra e pela escripta.

E isto de se exercer uma propaganda activa, na opposição, pelas cidades e desprezar um pouco as povoações ruraes, não foi um erro, porquanto a propaganda, exercida encontrava o echo que devia nas populações ruraes.

Todos nós sabemos que uma grande parte dos habitantes cidativos não são naturaes da propria cidade, onde veem tão somente encontrar o trabalho que nas aldeias não encontrariam facilmente; portanto, essa parte encarregar-se-hia de lançar nas suas terras a semente liberal, a republicanisação.

Não foi, portanto, um erro, na opposição, escolher as cidades para os centros principaes da propaganda republicana.

Mas isto que acima fica dito, é tão só referente aos tempos da opposição, porquanto agora temos de deixar essa orientação e volver as vistas aos povos ruraes, onde o veneno da reacção escolheu os ninhos ao descanso dos seus vãos e a presa prestavel ás suas garras de abutre.

Ali, com meia duzia de banalidades e um litro de agua benta, o parochio reaccionario creou uma atmosfera hostil e desafecta á Republica, e quando o parochio não se presta a ser o executor da sagrada infamia, o povo adormece na mais pernicioso indiferença, sem o amor patrio que todos devemos ter e sem saber mesmo a significação d'essa palavra bem dita e sacrosanta que desde os bancos da Escola está retratada indelevelmente na nossa alma: — Patria.

Não nos enganemos! Não nos iludamos!

Uma grande parte do povo rural está debaixo d'uma impressão desafecta ás novas instituições, ou num indifferentismo obscurantista.

O povo rural é religioso e o clarealismo escolheu entre aquella gente, tão ignorante quanto benevola o meio propicio de embaraçar a marcha triumphante e altiva da Republica Portugueza.

Deixem-se, portanto, agora as cidades, republicanisadas hoje por si

proprio e compenetrados os seus habitantes do seu dever, e lancêmos a vista para as populações ruraes, certos de que em pouco tempo o propagandista dos ideaes nobres vale bem, e mais, o padre, e o brilho da Liberdade offuscará a hediondez negro da sotaina.

Façamos ver a essa gente ingenua e boa que o Jesus da reacção e a falsificação sophismatica e monstruosa d'aquelle outro Rabi, libertador dos escravos da Galia, do que morreu sereno e resignado, no Calvario, pelas sagradas doutrinas da Fraternidade.

Accacio Serra.

## PLACARD

Aos nossos assignantes do Ultramar, que ainda estejam em debito, pedimos a fineza de mandar satisfazer, para regularidade da nossa escripturação.

Como temos recebido algumas queixas, pedimos aos nossos assignantes a fineza de nos participarem qualquer irregularidade na recepção d'*A Voz do Sargento* para, immediatamente, providenciarmos.

Como já terminou, com o nosso n.º 39, o terceiro trimestre, vamos enviar á cobrança os recibos de assignatura, pedindo para elles a attenção dos nossos prezados assignantes.

Terminando em 11 do corrente a nossa licença disciplinar, só no proximo numero poderemos publicar o nosso balancete, referido aos mezes de setembro e outubro.

Tendo nos sido enviadas algumas importancias, em estampilhas, de Cabo Verde e outras provincias ultramarinas, pedimos aos nossos prezados assignantes a fineza de nos enviarem essas quantias em notas do Banco Ultramarino ou em vales do correio, para nos evitarem difficuldades no serviço da administração.

## Agradecimento

Os abaixo assignados, como representantes da familia do fallecido Capitão-Tenente Henrique da Costa Gomes, veem por este meio tornar publico o seu reconhecimento para com o ex.º sr. dr. José Rodrigues, que tão sollicitamente lhe prestou os seus serviços clinicos enquanto durou a sua enfermidade, para com o ex.º sr. Guilherme Rodrigues, 2.º tenente da administração naval, e bem assim para com todas as collectividades, auctoridades civis e militares, partido republicano local e todas aquellas pessoas que se associaram ás manifestações funebres em honra do seu nunca esquecido Henrique da Costa Gomes.

Mariette Hoja da Costa Gomes  
Isabel Castello Branco da Costa  
Gomes Vasconcellos, seu marido  
e filhos (ausentes).

Coitado!

Uma noite d'estas, ahi pela 1 hora, ouviram-se na rua Direita uns vivas ao D. Manuelsinho, a Paiva Couceiro, e a mais qualquer coisa, vivas que partiam de um trem onde iam varios individuos.

Apuradas as coisas, descobriu-se que o auctor da gracinha fôra Acaçio Mendes Larangeira, estudante do 6.º anno do lyceu, que no tal carro seguia.

Pois para lhe abater os enthusiasmos, foi hontem enviado para juizo, onde, dentro em breve, lhe pedirão contas do feito.

Duas palavras sobre egualdade

O que antes de mais nada devemos exigir é que os ricos não tenham mais direitos e liberdades que os pobres: — por outra, que a lei seja egual para todos.

Infelizmente nem sempre assim tem sido nem será.

Aqui ou acolá, existem ainda os chamados nobres, creaturas que de paes a filhos, por direito de nascimento, são sempre os primeiros a ser escolhidos para occupar uma esphera superior á dos outros homens; os que governam, que não têm a maior necessidane de ser estudiosos, aptos para qualquer coisa, uma vez a injustiça dos homens os colloca n'uma situação privilegiada e não estão expostos como o resto da nação ás vicissitudes da vida.

Taes privilegios ferem profundamente os sentimentos da justiça e por isso devem desaparecer.

O que ha a exigir em nome da egualdade, é que a nação se esforce por collocar ao alcance de todos os cidadãos os meios de corrigir, quanto possivel, a desigualdade das condições sociaes.

D'estes meios o principal e o mais efficaç é a instrução.

Sendo instruido o filho do pobre deve-lhe ser garantida no futuro a sua prosperidade, tal qual como ao filho do rico, quando se encontrem em egualdade de circumstancias.

Evidentemente, absoluta egualdade de instrução não a pôde haver, visto que nem todas as creaturas receberam da natureza dons eguaes, nem podem applicar ao estudo o mesmo tempo.

Mas ha conhecimentos necessarios (que é indispensavel que todos possuam e o dever dos nossos governos é velar porque assim aconteça, por que onde não ha instrução não pôde haver progresso.

A egualdade é a palavra por excellencia, mais bella, mais altruista que falla ao coração do homem justo, do homem sensato; mas infelizmente creaturas existem que bem mal a vêem, dominados pelo cancro terrivel do egoismo.

Vêem nos pequenos uns escravos, uns seres abjectos da natureza a quem recorrem, só unica e exclusivamente nos momentos afflictivos.

Os pequenos tem segundo as leis da egualdade, o mesmo direito a ser tratados como os grandes, porque estes mandam e aquelles obedecem dispondo do esforço e do sacrificio.

Nada perde o grande quando proporciona ao pequeno um bem estar sem prejuizo do bom andamento da vida social, porque este munido de algumas regalias que constituem o abcdario das convenções sociaes, sente-se um outro, e faz por arregar em si cada vez mais a virtude do trabalho e o sentimento do Bem.

Mas ainda sobre a egualdade não temos nós exemplos frisantissimos de todos os dias em que a natureza mostra que as suas leis são egualitarias para toda a humanidade?

Porque não havemos tambem de concorrer, quanto em nossas forças caiba, para nos aproximarmos de essa egualdade em que a natureza é tão prodiga e da qual é a verdadeira mestra?

Só com Ella os homens podem ser felizes e justos.

A. Soares,

1.º sargento d'infanteria 23.

UMA VERGONHA

E' o estado em que se encontra o cemiterio da freguezia do Barreiro de Tondella.

Custa a crer que a commissão parochial ainda não reparasse no estado de abandono a que está votado!

Muros desabados, outros a desabar, podendo ser assaltado por animaes de qualquer especie, sem respeito algum para com os mortos. Urge, pois, providenciar para que se façam as devidas reparações n'este, ou se acabe aquelle que já ha mais de trez annos está começado.

E' preciso mais amor e mais humanidade pelos serviços que lhes são confiados, porque o povo assim o reclama, caso contrario... Quartel em Abrantes e fica tudo como d'antes.

Voltaremos ao assumpto, se as providencias se fizerem esperar.

Inhabilidade

E' o titulo d'um numero unico, commemorativo do 40.º anniversario da fundação da Associação de Soccorros Mutuos na Inhabilidade, que se apresenta admiravelmente collaborado por alguns dos mais ardentos apostolos do mutualismo.

Felicitemos todos os socios, na pessoa dos membros da digna direcção, pelos proficuos resultados obtidos na já longa existencia da sua associação, desejando que, para bem dos seus numerosos socios, continue prosperando, satisfazendo assim as aspirações dos que lhe sacrificam o seu trabalho e apoio.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

MERCEARIA LUSITANA

PENSIONATO ACADEMICO

Situado no Penedo da Saudade, o mais aprazivel, saudavel e hygienico bairro de Coimbra.

Num edificio com muito ar e muita luz, a cinco minutos do Lyceu e do Collegio de S. Pedro, que recebe alumnos externos.

Trata-se gratuitamente da matricula dos pensionistas.

PREÇOS MODICOS

Tratamento em familia

Prospectos com mais esclarecimentos. Pedil-os a José d'Albuquerque, Santa Clara, Coimbra.

LITTERATURA

A UMA CREANÇA

«D'onde desceste tu, ó anjo pungente da Saudade, a infiltrar-me n'alma a harmonia dulcissima d'esta palavra amada? Oh! a mulher, do berço ao tumulo, é sempre uma epopeia d'amor!»

Bemdito seja o olhar que me deitaste  
Minha doce creança, minha flôr;  
Se soubesses que maguas consolaste  
Tornavas-me a fitar c'õo mesmo ardôr!  
Mas tu fugiste após qu'illuminaste  
Meu coração sem luz e sem calôr,  
Depois... nem talvez mais te recordaste  
Do nòssõ immenso, original amôr!  
Se soubesses que magoas me deixaste,  
Que saudades, creança, e quanta dôr,  
Não me fitavas, não, como fitaste,  
Minha querida creança — meu amôr!

Braga, 28 — outubro — 1911. RAMALHO DE BARROS.

AOS POETAS

O' Poetas, aos homens transviados  
Prégae o Bem e o Amor, como Jesus,  
Embora na ignominia d'uma cruz  
Como Elle, sejaes crucificados!

Deixae esses espaços constellados  
Onde a aza do Sonho vos conduz,  
E vinde assim dos homens ser a luz,  
Que só para isso, ó Poetas, sois fadados!

Porque o genio foi luz que Deus vos deu,  
Não para brilho do estrellado céu,  
Mas sim para fanal da humanidade;  
Para que mostre a verdadeira Vida  
A toda a Alma que d'ella andar perdida,  
E seja o eterno facho da Verdade!

JOAQUIM GOMES.

TYPOGRAPHIA DO JORNAL DE COIMBRA

R. DO PATEO DA INQUISIÇÃO  
COIMBRA

Nesta typographia executam-se com perfeição e rapidez todos os trabalhos typographicos, taes como: Memoriaes, memoranduns, circulares, prospectos, programmas, recibos, facturas, bilhetes para estabelecimentos, talões, mappas, papel timbrado, enveloppes, livros de quotas, avisos, relatorios, etc.

Composição e Impressão de Jornaes.

Bilhetes de visita — Participações de casamento

PREÇOS COMMODO

## GUIA MEDICO

PARA O  
COLONO DE ANGOLA

### CAPITULO II

Molestias do systema nervoso  
e dos orgãos dos sentidos

N'este grupo de doenças apenas se podem considerar mais communs e dignas d'este guia, as seguintes:

#### Tetano

a) *Definição.* — É uma doença em que se dão contracturas de um grande numero de musculos do corpo ao mesmo tempo, com uma força grande e muito a meudo, ás mais pequenas excitações.

São muito dolorosas, principiam em geral pelos musculos da nuca e dorso e das maxillas, não podendo o doente abrir a bôcca (trismus.)

É muito grave, muito mortifera e bastante commum em Angola.

É devida a um microbio (bacillo de Nacolcior) que vive nas camadas superficiaes do solo, encontrando-se nas poeiras das ruas, das casas, nos escrementos dos animaes (sobretudo do gado cavallar, caprino, etc.)

b) *Symptomas.* — Além das contracturas dos musculos das maxillas (trismus), que é o inicio geralmente, e das outras contracturas já referidas na definição, nota-se que pode haver contraturas predominando os musculos d'um lado do corpo e n'este caso o corpo ficará para ali inclinado.

Assim: quando contractuados os musculos da parte posterior, haverá o episthonus, em que o corpo fica como um arco de concavidade posterior.

Quando os musculos estão interessados na sua maioria e mais ou menos por igual, pode-se levantar o doente com uma mão por baixo da nuca, que elle se levantará como um todo rijo.

A menor excitação exterior dão-se abalos ou cimbras generalizadas que são muito dolorosas.

c) *Tratamento.* — Consiste em dar o chloral em alta dose, (8 a 12 grammas por dia — Hydrato de chloral, 3 grammas — Agua commum, 100 grammas — Xarope commum, 10 grammas — Misture — Dissolva), a morphina e atropina (Lenticulas de chlorhidrato de morphina 1 centigramma.

N.º 1 a 3 — Podem dissolver-se em agua com assucar para fazer uma poção calmante. — Lenticulas de sulfato de atropina a meio milligramma — 4.)

Mais racionalmente se empregará o soro anti-tetânico do *Instituto Camará Pestana de Lisboa*, não em injeções subcutaneas ou intra-musculares ou intra-venosas, mas intracraneeas, unicas que podem dar resultado nos casos declarados para o que necessario se torna já um tecnico com instrumentação apropriadas.

d) *Prophylaxia.* — Os meios de evitar esta terrivel e bastante commum doença, são os seguintes:

1.º — Toda a ferida, sobretudo penetrante, deve ser cuidadosamente desinfectada, principalmente se se sujou com terra, excremento de cavallo, ou outros animaes, etc., pois que o bacillo do tetano podia ali alojar-se.

2.º — Haverá o maior cuidado na desinfecção dos instrumentos com que se fizerem ou tiverem de se fazer operações, por mais simples que sejam (veja-se a maneira de dar uma injeção hypodermica e precauções a tomar, na febre intermitente.)

3.º — Todo o individuo que soffreu um traumatismo accidental em que houve inquinação por meio de terra, fezes de animaes, etc., deve receber uma injeção de 10 grammas de soro anti tetânico, de 15 em 15 dias, até á cura (2 ou 3 vezes.)

#### Nevralgia

a) *Definição.* — É uma dôr nervosa cujos caracteres são:

1.º — Existir no trajecto d'um nervo, cujo caminho anatomico.

2.º — Ter uma intensidade muito consideravel.

3.º — Não ser continua, mas ter intermitências ou remissões manifestas, declarando-se, por vezes, sob a forma de paroxysmos, ou referencias a certas condições, ou não.

b) *Symptomas.* — Além dos caracteres indicados na definição, que são communs a todas as nevralgias, ha outros devidos a certas circunstancias e que particularizam as diversas nevralgias.

Umavez as dôres apparecem de repente, outras vezes são precedidas de picadas, entorpecimento, sensação de frio, etc.

Ha casos em que a zona enervada pelo nervo doente apresenta diversas manifestações: de sensibilidade — anesthesias ou hyperesthesias em grau maior ou menor; de motilidade — paralisias, paresias, excitabilidade anormal; do vaso motilidade — pallidez intensa, rubor accentuado, lacrimação, suores; de ordem trophica — urticaria, vesiculas de herpes (como na zona), etc.

c) *Tratamento* — Deve ser causal sempre que seja possivel saber se a causa da nevralgia. Assim:

Suspeitando-se a syphilis, dar-se-ha o iodeto de potassio ou o mercurio ou os dois ao mesmo tempo (Lenticulas de iodeto de potassio a 25 centigrammas, oito. — Lenticulas de proto-iodeto de mercurio a um centigramma, meio tubo.)

Se houver motivos para suppôr que a nevralgia seja de origem palustre, dar-se-ha a quinina — (Lenticulas de chloreto ou de chlodrydato de quinina a 10 centigrammas, N.º 10 — ou Lenticulas de chlorhydro-sulphato de quinina a 20 centigrammas, N.º 4 — ou Lenticulas de sulfato de quinina a 10 centigrammas, meio tubo.)

Se a nevralgia fôr toxica (devida ao alcool, chumbo, etc.) affastar-se-hão estas causas.

Se fôr devida á anemia, será dado o ferro (Lenticulas de oxalato ferroso a 10 centigrammas — 5) o arsenico (Lenticulas de methylarsynato de sodico a 1 centigramma — 6 —) etc.

Sendo para suspeitar o rheumatismo, será dado o iodeto de potassio, o salicylato de sodio, etc.

Se fôr consequencia da compressão de um tumor, procurar-se-ha removelo pela cirurgia, etc.

Quando não seja possivel saber-se a causa resta o tratamento symptomatico (que se dirige ao symptoma.) N'este caso usem-se os medicamentos anti-nevralgicos: antipyrina, phenacetina, morphina, etc. (Lenticulas de antipyrina a 10 centigrammas,

1 tubo. — Lenticulas de chlorhydrato de morphina 1 centigramma, N.º 1 a 3. — Podem dissolver-se em agua com assucar para fazer uma poção calmante. — Lenticulas de phenacetina a 10 centigrammas, meio tubo.) Podem tambem usar-se os revulsivos sobre a dôr: tintura de iodo, causticos, *pontas de fogo*, etc.

d) *Prophylaxia.* — Só é possivel prevenir ou evitar as nevralgias, cuja causa seja conhecida, removendo-a.

(Continua.)

#### Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

UM OFFICIAL DO EXERCITO

#### ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58 — RUA DA SOPHIA — 61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionais e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares.

#### O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 25500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

O melhor enchido de Portalegre

Na casa Gaitto & Cannas

COIMBRA

## AGUA DE PIZÕES — MOURA

A melhor de todas as aguas

Apreeiada por toda a parte. Isenta de substancias organicas, bacteriologicamente PURA. Para uso diario e constante. Refrigerante inegalavel. Simples ou com whisky, leite, vinho, etc.

EXPERIMENTAR É USAR

Unicos representantes para o Brazil, Africa e Norte de Portugal

FONSECA NUNES & C.ª

Rua da Nova Alfandega — PORTO — PORTUGAL

Depositario em COIMBRA

GAITTO & CANNAS

NOVA CASA DE BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Bandoleiras, Bandas, Charlateiras, Penachos, Fiadores em seda, algodão e cabedal, Fitas e Travincas para medalhas, Cordões, Correntes e emblemas em todos os generos.

Botões dourados para todas as armas.

Executam-se pedidos para a provincia e colonias.

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

DROGARIA VILLAÇA

COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

IMPRENSA ACADEMICA

153 — Rua da Sophia — 165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc.

Execução rapida.

Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

TYPOGRAPHIA

DO

JORNAL DE COIMBRA

Rua do Pateo da Inquisição

Execução rapida de todos os trabalhos typographicos. Bilhetes de visita, memoranduns, circulares, etc.



## VERGONHAS POLITICAS

A politica do nosso paiz, longe de fazer cerrar fileiras em volta da nova bandeira, está offerecendo um espectáculo deprimente e vergonhoso perante toda a gente de bom senso e amiga da sua Patria.

Levaram para a rua os despeitos politicos, como se alli fosse logar azado a fazer respeitar uma ideia, por mais honesta e comprehensivel que ella seja. Salpicaram de lama, conjunctamente com os bandalhos da rua, que para tudo servem, algum caminho que, porventura, se tenha andado desde 5 de outubro de 1910.

Como nos tempos da maldita monarchia, está nascendo e prosperando, abertamente, a escolha dos homens, com a differença, vergonhosa e estúpida, de que neste regimen para fazer com que todos sigam um partido, que pode ter boas ou más intenções, vem-se para a rua correr á pedra os que não querem filiar-se e desacatar e aggreir os homens que não pensam egualmente.

A villanagem, que só pensa em satisfazer as suas ambições, sem se importar com os interesses da Republica, quer, por todos os meios, arrastar ao seu pensar tudo e todos, como se a Republica fosse só para elles.

E' unica e exclusivamente para essa villanagem que a Republica não se fez. A maior parte d'esses villões não conhece o que é democracia. São elles que hoje adulam o mesmo homem, que amanhã o aggridem e que depois o tornam a adular.

O aspecto da politica portugueza é desolador. Até á natural divisão de ideias, mutuamente respeitadas, chega a comprehensão do mais rude portuguez, desde que uma ideia seja commum a todos os partidos, qual é a de não ferir a Republica nos seus interesses nem envolver a sua segurança nas disputas dos jornaes e das ruas.

A Republica precisa de todos os homens de bem para poder progredir e ser respeitada.

Não tem succedido, porém, assim. Constantemente e de todas as partes do paiz chegam noticias de desavenças entre os proprios republicanos e, em Lisboa, os mais conhecidos democratas a quem a Republica deve relevantes serviços, offerecem nas columnas dos seus jornaes um exemplo constante de discordia, que por vezes toma o aspecto das disputas de soalheiro.

Não é este o caminho por onde milhares de patriotas, republicanos d'alma e coração, desejam vêr seguir a florescente Republica Portugueza ou sejam os

homens a quem o povo confiou os seus destinos.

Prudencia, energia, trabalho e dedicacão, de tudo carece a Republica para a creacão dos seus fundamentos.

O caminho que segue é errado.

S. FERNANDES.

## REPUBLICANOS!

Dois dias, por assim dizer, são passados depois que se fez, á custa de muitos sacrificios, de muito esforço, de muito sangue e de muitas lagrimas, a Republica Portugueza.

Nasceu ella com o fim elevado e nobre de pôr cobro á corrupçã e ao barathro d'uma monarchia oito vezes secular e com tantos crimes, quantos os dias que dominou sobre nós.

Todos os que amavam e amam este florido berço, alegre e risonho, onde o sol é mais bello e a brisa mais perfumada; terra de poetas e sonhadores, contrastando com almas épicas e batalhadoras; onde o oceano é mais calmo e os rios murmuram dolente e monotonamente, pelas noutes claras e luarentas, uma canção trivial, mas sempre admirada; onde as varzeas se desenrolam, na garridez berrante das verduras, e o passarinho chilreia alegremente entre os espessos e verdadeiros arvoredos; onde, nas serranias, o pinheiro secular, tronco magestoso, movendo-se indolentemente, atira ao espaço gemidos melancolicos; terra, finalmente, bella entre as mais bellas do mundo — todos os que a amavam e amam esperavam e esperam da Republica como que um patrimonio nobre; em que se esqueçam os villipendios do passado, para só contemplarmos, cheios de admiracão e altivez, no santo orgulho dos justos, a regeneracão d'uma Patria semi-decahida.

Choram as esposas saudosas, choram os filhinhos estremecidos, os maridos e paes que nas luctas pela Republica morreram, sacrificando ás viúvas e orphãos o seu braço pela Patria, na defeza d'uma causa que libertasse para sempre da tyrania e da crapula um povo de gloriosas tradições, que tinha escripta nos horisontes do futuro, nos arcanos do provir uma pagina a ouro e rubis, com o lemma triologico, esplendoroso e sublime: *Liberdade, Igualdade e Fraternidade*.

No ardor da refrega, fronteas gotejantes de suor e sangue, corações pulsando de anciedade e incerteza, vida arriscada, estas trez palavras, escriptas em seda ou lã vermelha e verde, eram o estímulo dos que luctavam, a mortalha dos que morriam e o lenitivo quando vencidos.

Finalmente, um dia houve em que essa bandeira pela primeira vez se desenrolou do norte a sul, oriente a ocidente do paiz, como o emblema novo d'um povo heroico, como a prova testemunhal de que ainda nas veias d'esta nova geracão portugueza corre sangue patriótico dos vencedores de Ourique até ao Bussaco.

Tomado alento para novas emprezas, em que o mobil não é já o das epochas remotas dos descobrimentos e conquistas, mas sim uma era prospera de civilisacão e desaforo, eis que o povo confia generosamente das mãos dos actuaes diri-

gentes os seus destinos, com a sinceridade e confiança que reclama o seu passado de apostolos e defensores da causa triumphadora.

No entanto, depois de tanta alegria, do louco entusiasmo que inspira o renascimento, já temos a lamentar alguma coisa extemporanea que surge como um ponto negro na alvura immaculada do novo regimen.

Não são já o latrocínio e a tyrania, porque esses não mais voltarão a imperar neste torrão — não! que nós lamentamos, que nos opprime a alma, sedenta de paz e prosperidade — não são!

O que lamentamos é este fervilhar infrene de accusacões pessoas entre os homens que, primeiro com a sua palavra quente e arrebatadora, mais tarde, o seu braço, ao lado da plebe, e, por ultimo, com decretos e leis sabiamente organizados, altruistas e moralisadores, tiveram e teem a justa consagração do Povo portuguez.

O Povo está disposto a pôr-lhes cobro, e o Povo é omnipotente e Republicano, sem côr de partidos que extemporaneamente se projectam formar ou se formam.

Reclama se de todo o paiz uma politica que desminta o velho ditado de *tão bom é Pedro como Paulo*, e essa politica tem de fazer-se, ha de fazer-se com a União dos vultos proeminentes do novo regimen.

E nós, republicanos legitimos, gritaremos altissonantemente: *União!* Assim o reclamam os interesses collectivos do Povo e o amor que todos nós, republicanos, consagramos á Patria e á Republica.

Accacio Serra.

## Breves considerações

Existe em Coimbra um estabelecimento de educacão infantil, que se deve tornar credor da simpatia de todos aqueles que na instrucção vêem um dos mais pujantes mananciaes, de que brota o benefico influxo que torna as sociedades fortes e aptas para a lucta da vida; e tambem pela sua originalidade, toda inspirada no bem da humanidade.

Esse estabelecimento chama-se: *Jardim-Escola — João de Deus*.

Só este titulo e este nome bastariam por si para encarecer o valor da obra.

Quem attentar no seu significado e quem tenha conhecido o grandioso trabalho de João de Deus, como poeta e pedagogo, encontrará a razão do meu conceito. São palavras que nos falam ao coração, como por efeito magnetico.

Mas vamos um pouco mais longe, pondo essa obra toda de amor e sentimentalismo no alto relêvo da magnificacão que merece.

As creanças são ali gratuitamente admitidas dos 4 aos 8 anos e ali aprendem por um sistema puramente pueril, os primeiros conhecimentos que é dado incutir a uma creança.

Ha para esse fim uns pequenos brinquedás, com varias significações, e quadros com pinturas de objectos, animaes, paisagens, etc., que aproveita ás creanças irem obtendo uma certa cognição, e mais tarde tirarem superior partido da aprendizagem teorica.

De forma que por um processo simultaneamente util e agradável, se vae preparando o espirito e o ce-

rebro daqueles pequeninos seres, abrindo-lhe horisontes novos, que nem os fatigam, nem lhe causam insipidez.

Além disto, a creança tem tambem ali a alimentacão de que carece durante as horas de permanencia (9 da manhã ás 4 da tarde, hora official.)

Para recreio, existe, circundando o edificio escolar, um esplendido jardim, onde durante algum tempo as creanças se divertem em pequenos exercicios fisicos, sempre regulados e assiduamente vigiados pelas respectivas professoras.

A reforçar as notas de todo este melodioso hino, ha ainda a notar o grande carinho com que as creanças são tratadas por todo o pessoal do estabelecimento.

Conseguiu pois assim o dr. João de Deus Ramos continuar duma forma maravilhosa a obra do que foi seu Paé, esse grande Apostolo da instrucção primaria, esse grande mestre da poesia lirica, esse devotado protetor das creancinhas, essa individualidade dum destaque primoroso, que se chamou João de Deus.

Ao dr. João de Deus Ramos, envio do modesto recanto deste hebdomadário a minha sincera veneracão pela sua dedicacão á causa do ensino e de protecção ás creancinhas, fazendo votos para que essa dedicacão se conforte cada vez mais e possa servir de incentivo aos governos e á iniciativa particular, de modo que o método por s. ex.ª adoptado, que é o melhor até hoje conhecido, lance as suas raizes por todo o territorio portuguez, onde, ainda, em materia de instrucção, pouco mais vegeta do que — escalracho.

J. A. Gomes.

## ACTUALIDADES

Pelas ultimas noticias, vê-se que a causa dos revolucionarios chinezes está prestes a triumphar em todo o celeste imperio e triumphante já nalguns pontos do mesmo.

Como ninguem possui o poder de videncia, não sei á hora a que escrevo de que lado será a victoria.

Devo convir, no entanto, que os revolucionarios chinezes, vencidos ou vencedores, dão um alto exemplo ao mundo onde a tyrania ainda impera e principalmente á Europa monarchica.

Porque — que diabo! a Europa é a semeadora do ideal, o falho de luz que vae illuminando a noite sem trevas em que a humanidade tem andado envolvida; leva o vento europeu a todq o mundo as folhas dispersas onde o Direito escreveu a sentença condemnadora de ignominia que tem por base o supposto direito hereditario; e, sendo assim, mister é que ella, com um exemplo geral da sua parte, dêsse á grandiosa luctacão ao resto do mundo, fazendo de si o livro onde estivesse escripta a doutrina d'um novo Evangelho da emancipacão humana.

No entanto será sempre motivo de regosijo o aniquilamento da Força pela Razão, e a Europa comprazer-se ha com o triumpho dos revolucionarios chinezes como um mestre se compraz de ter ensinado as nações rudimentares ao discipulo que se torna grande e immortal.

Caciaco

Estão sendo licenciadas as praças d'infanteria 23, á medida que vão entrando no 3.º anno do seu alistamento.

LITTERATURA

UM SONHO...

Eu tive um sonho!... Não sabes minh'adora?...  
Vou contari'o, enquanto a lua triste e dormente...  
Acariciando teu rosto gentil de fada  
Recorda-me tambem, extatico e silente...;

Olha... era tão lindo! Com azas fulgurantes...  
Onde voava o perfume d'uma illusão,  
Em que pela primeira vez, os teus semblantes,  
Coragem me accendiam, á luz d'um coração!...

...Recordas-te?... Foi o que sonhei, lindamente...  
Albôr de teu formoso olhar, de côr d'um poente...  
Entre uma noite de gosos e inspirações...

E quando me lembra (de vespera...) teu abraço,  
Em que eu cahia, de manso, sobre teu regaço,  
N'um sonho nos seguia... prendendo os corações...

Villa Verde — Outubro — 911.

EDUARDO F. TUDELLA.

Uma campanuda questão de campanario

Ha dias, ao erguer-me da minha cama, aborda-me o regedor desta minha freguezia de Barcouço, com um officio do administrador da Mealhada, intimando-me a comparecer na administração.

Como o regedor parecia ignorar o motivo dessa intimação, recesso fiquei que nestes tempos de liberdade, tivessem todavia ressuscitado as alçadas dos corregedores-môres ou do Santo officio, e que eu estivesse sendo a victima dalguma grave denuncia de qualquer dos meus, felizmente tão numerosos inimigos.

Compareço na administração, e quando eu julgava ir ouvir dos graves labios do sr. administrador, uma bem fundamentada accusação contra, por exemplo, a minha cumplicidade em qualquer ridicula conspiração de paivantes, vejo d'olhos pavidos, o sr. administrador puxar dum numero do *Seculo* e mostrar-me com palavras, lavadas d'um certo travo de censura, uma local desse periodico, onde eu dizia que o já mencionado regedor, tinha querido proibir, sem porém o conseguisse, que os republicanos desta localidade repicassem os sinos depois do sol posto, no dia do anniversario da Republica.

O sr. administrador alegava que a minha estranheza era descabida, porque o regedor só tinha querido cumprir a lei. Um pouco espantado, pelo insolito do caso, respondi ao sr. administrador que um decreto-circular do governo provisório, autorisava que os sinos podessem ser tocados á noite em caso d'incendio e de regosijo nacional. E como s. ex.ª, que aliás desconhecia esse decreto, de novo alegasse que nem assim a sua previa autorisação era dispensada, eu tive de lhe dizer então que seria absurdo que a sua autoridade se podesse sobrepôr á da lei e que desde o momento em que eram, em dados casos, tolerados por lei o toque de sinos, á noite, só a Junta de Paroquia da freguezia e não a elle, administrador, compêtia regular o uso desses toques, e que isto era tanto mais intuitivo, quanto sendo um incendio um desses casos,

nenhuma lei poderia exigir que num incendio, á noite, em qualquer aldeia, se tivesse de correr á vila, pedir licença ao sr. administrador para se tocarem os sinos a rebate.

Julgo que compenetrado destas razões, o sr. administrador mudou d'assunto, para instar comigo desmentisse no *Seculo* o caso do espesinhamento duma bandeira republicana, aqui succedido, e que eu nessa mesma local noticiava. Isto sem primeiro indagar de mim, o que aliás só depois fez, as razões que eu teria tido para afirmar tal facto.

Recusei-me terminantemente a fazer tal desmentido, por estar convencido da veracidade do caso, em bora dele não fosse testemunha ocular. E coisa alguma deste meu proposito me demoveu, apesar mesmo do sr. administrador me lembrar que eu podia bem ser processado por tal noticia.

Depois disto, saí da administração duvidando com os meus botões se acaso podia ser genuinamente republicana uma autoridade que tanto parecia ter-se incomodado com o bimbalhante *dlim, dlom, dlom, dlim*, com que os sinos da minha freguezia tinham manifestado na noite de 5 d'outubro a sua plena e incondicional adesão á Republica. E que informado do espesinhamento duma bandeira republicana, tanto a mal parecia levar essa informação, sem ainda ter a absoluta certeza da sua falta de fundamento.

Mas a todas estas duvidas, um pouco do meu tão minguido fosforo cerebral as iluminou ao cabo dalguns momentos de ponderada reflexão. E assim iluminado o meu espirito, eu pude constatar que a causa determinante dos timpanos do sr. administrador se terem incomodado com a tão ruidosa adesão á Republica dos sinos da minha freguezia, é por ter s. ex.ª desconfiado da sinceridade dela. E esta desconfiança, força é dizê-lo, faz honra ao faro policial de s. ex.ª, pois é bom realmente estar precavido contra a adesão duns sinos que em todas estas brumosas manhãs d'outubro, têm badalado com gana a chamar as beatas para o terço e para a missa, porque quem sabe lá se uns sinos assim tão amigos de rezas e de pa-

dres, não serão uns sinos talassas e até conspiradores.

E quanto ao caso da bandeira republicana, tambem cheguei á conclusão de que as suas côres de modo algum ofendem a idiosyncracia politica de s. ex.ª o sr. administrador, pelo contrario, aprecia certamente o encarnado, e tambem gosta do verde.

E aqui bato eu agora no contrito peito o meu *mea culpa*, e murmuro o meu *confiteor*, por tão mal ter julgado de s. ex.ª, e não só por duvidar do seu bom republicanismo, mas ainda por ter tambem um instante desconfiado de que s. ex.ª seria talvez o avatar de Pina Manique, cuja alma de bugio se lhe tivesse introduzido no franzino corpo, e por lá andasse aos pinchos e aos guinchos.

Agora vejo bem o quanto tinha de tola uma tal desconfiança, pois ainda que a simesca alma do Intendente tivesse essa lembrança, o sr. administrador não deixaria de se fazer logo exorcismar pelo padre cura da sua freguezia, porque teria visto, com o seu tão grande criterio, que nestes tempos de Republica, e da liberdade que deve ser o seu principio basilar, Pina Manique a administrar um concelho qualquer, seria dum ridiculo tão atroz, que não sómente faria rir as pedras, mas ainda mesmo o proprio Heráclito, filosofo de tão choramingona fama.

Barcouço, outubro de 1911.

Joaquim Gomes

BALANCETE de 4 de Setembro a 31 de Outubro

DESPEZA

Composição e impressão dos n.ºs 32 a 40.....	597700
Repartição do sello.....	970
Donativo á viuva do sargento ajudante Malaguetta que foi d'infanteria 23.....	50000
Expediente gasto com os n.ºs 32 a 40.....	240660
Um livro e uma caixa para serviço do jornal, e ainda outras despesas feitas com o n.º 36.....	40700
Papel para cintas.....	20240
Somma.....	970270
Saldo positivo.....	390975
Somma.....	1370245

RECEITA

Saldo antecedente.....	1000645
Recebido como consta do n.º 32.....	90000
Idem do n.º 33.....	40800
Idem do n.º 34.....	30300
Idem do n.º 35.....	50700
Idem do n.º 37.....	70200
Idem do n.º 39.....	50700
Somma.....	1370245

PLACARD

Aos nossos assignantes do Ultramar, que ainda estejam em debito, pedimos a fineza de mandar satisfazer, para regularidade da nossa escripturação.

Como temos recebido algumas queixas, pedimos aos nossos assignantes a fineza de nos participarem qualquer irregularidade na re-

cepção d'A Voz do Sargento para, immediatamente, providenciarmos.

Como já terminou, com o nosso n.º 39, o terceiro trimestre, vamos enviar á cobrança os recibos de assignatura, pedindo para elles a attenção dos nossos prezados assignantes.

Terminando em 11 do corrente a possa licença disciplinar, só no proximo numero poderemos publicar o nosso balancete, referido aos mezes de setembro e outubro.

Tendo nos sido enviadas algumas importancias, em estampilhas, de Cabo Verde e outras provincias ultramarinas, pedimos aos nossos prezados assignantes a fineza de nos enviarem essas quantias em notas do Banco Ultramarino ou em vales do correio, para nos evitarem difficuldades no serviço da administração.

Recebemos e muito agradecemos, a importancia correspondente á assignatura de um anno dos srs.:

Antonio Augusto Franco, alferes d'infanteria, Loanda; Arnaldo Gomes Duarte, 1.º sargento d'infanteria, Cabinda; a de um semestre dos srs. Candido Manuel Cardoso, 1.º sargento d'infanteria, S. Vicente; Rodrigo e Amadeu da Silva, 2.º sargentos de engenharia, Porto; Joaquim Antonio Pereira, alferes, Loanda; Antonio Angelo Baptista, 1.º sargento, Manuel Francisco e Francisco Lino da Silva, 2.º sargentos, Praia; Joaquim Franco e José Maria Marques, 2.º sargentos d'engenharia, Lisboa; Guilherme Francisco Gravata, 2.º sargento da guarda republicana, Mertola; Alvaro Augusto Bento, 1.º sargento do Arsenal, Lisboa; Albano José da Cruz, 2.º sargento de caçadores 3; e a de um trimestre dos srs.: José d'Albuquerque, alferes d'infanteria 23; José Ramos Barata, mestre de corneteiros d'infanteria 23.

O nosso amigo Mario Pio, director e proprietario d'O Povo de Santa Clara, foi absolvido da que-rela que lhe moveu o mordômo do Asylo de Cellas.

Um abraço pela justiça que lhe foi feita.

Encontra-se bastante enferma a esposa do nosso inolvidavel amigo, Antonio de Castro Seabra, de Luso. Um prompto restabelecimento é o que do coração desejamos á bondosa senhora.

Grassa com grande intensidade em Villa Nova de Monsarros, a epidemia da variola, tendo já alguns obitos.

Tem chovido torrencialmente, ouvindo-se tambem o ribombar do trovão.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

MERCEARIA LUSITANA

## GUIA MEDICO

PARA O

### COLONO DE ANGOLA

(CONTINUAÇÃO)

#### Conjunctivite

a) *Definição.* — E' a inflamação da membrana que forra o olho por dentro das palpebras sobre o globo e que se chama conjunctiva.

Ha diversas especies de conjunctivites, conforme as causas e as lesões, mas apenas se faz menção da mais commum em Angola, principalmente em Mossamedes, Porto Alexandre e Bahia dos Tigres, onde as areias e os ventos se conjugam muito bem para esse fim, auxiliados pela reverberação solar sobre o areal.

b) *Symptomas.* — A conjunctivite manifesta-se por inflamação da conjunctiva, isto é, dór e ardor, calor, rubefacção ou vermelhidão mais ou menos intensa devida á congestão, acompanhada de difficuldades em abrir as palpebras (conjunctivite simples.)

Neste caso ha augmento concomittante da secreção das lagrimas.

Se as secreções lacrimaes comecam a ser turvas e se desenvolvem filamentos de pús, ademandando-se a conjunctiva (chemosis), então haverá a conjunctivite catarral, podendo-se neste caso haver turvação da vista por se espalharem as secreções turvas por sobre a córnea.

c) *Tratamento.* — Lavagens com agua borica ou branca quente — (Agua commum a ferver 1:000 grammas — Acido borico 40 grammas — dissolva; ou Agua commum 98 grammas — Solutio de sub-acetato de chumbo 2 grammas — Agite bem), bastante repetidas, deixando-se mesmismo parches ou compressas de algodão, cobertas de gaze, ficando esta por dentro, embebidas naquelles solutos por bastante tempo.

Fóra d'isso usar-se-hão oculos defumados. Não se exporá os olhos ás poeiras, á luz intensa artificial ou natural, aos ventos, etc.

Nos casos mais rebeldes se usará do soluto de sulfato de zinco (Sulfato de zinco 5 centigrammas — Agua distillada 20 grammas — dissolva.) — Usar nos olhos.

Póde tambem empregar (Azotato de prata crystallizado 10 centigrammas — Agua distillada 10 grammas — Dissolva. — Guarde em contagottas amarello.)

d) *Prophylaxia.* — Todas as causas de irritação serão affastadas, Havendo luz natural ou artificial intensa usar-se-hão os oculos defumados. Havendo fortes ventos, que levantem poeiras, ainda os mesmos oculos podem exercer uma boa protecção.

Havendo lymphatismo, será este atacado pelos medicamentos e hygiene propria.

Havendo catarrho nasal ou constipação, cuidar-se-há de tratar este padecimento.

#### Otalgia

a) *Definição.* — E' uma neuralgia do ouvido.

b) *Symptomas.* — Caracterisa-se uma dór viva subitamente declarada e tendo intermitencias.

Tem irradiações diversas.

Acompanha-se por vezes de surdez passageiras, de zunidos de ouvidos e nunca de lesões apreciaveis do ouvido.

Póde ser devida a carie de um dente molar, cuja extracção ou tratamento trará a extincção da dór.

c) *Tratamento.* — Se se encontrar a causa, tal como um dente cariado, remover se-ha essa causa e virá a cura.

Se se não souber a causa fica-se no caso das neuralgias (Vide Neuralgias em geral.) Usar se-ha então dos medicamentos para tal caso aconselhados.

Especialmente aqui usar-se-ha a cocaina em solução (cinco hereticulas de chlorhydrato de cocaina a 1 centigramma dissolvidas em 5 grammas de agua distillada), de que bolinhas de algodão serão embebidas e introduzidas no ouvido.

As lavagens quentes de agua borica tambem aproveitam.

d) *Prophylaxia.* — Só póde evitar-se esta neuralgia, como qualquer outra, quando seja sabida a causa que se removerá.

### CAPITULO III

#### Molestias do aparelho circulatorio

#### Angina do peito

a) *Definição.* — E' uma neuralgia cardiaca que produz uma pungente dór na região precordial, irradiando para diferentes pontos, para o peçoço, para a nuca, para o hombro esquerdo e braço correspondente, etc., acompanhando-se de uma angustia, d'um aperto ou sensação de constracção espantosa, que causa dyspnéa ou soffocação, não deixando fallar e mostrando imminente a syncope.

O doente conserva o conhecimento e vê a morte imminente, tendo a sensação da vida a extinguir-se.

b) *Symptomas.* — Além dos indicados já na definição, e que caracterizam esta doença, ha a notar que esta neuralgia apparece umas vezes de repente, outras é precedida de dór no braço esquerdo que sóbe até ao coração, como uma aura. Dura de alguns minutos a meia hora e mais ás vezes.

E' muitissimo violenta ou então póde ser mais attenuada a ponto de apenas se fazer sentir por oppressão ou dyspnéa que dominam a scena.

Depois do accesso fica uma grande prostração, entorpecimento do braço esquerdo, eructações gazozas, etc.

c) *Tratamento.* — A morphina em injeccção hypodermica na dose de 0,1 a 0,2 grammas. (Empollas de chloreto de morphina a 1 centigramma. — N.º 1.)

O brometo de camphora (Lenticulas a 10 centigrammas, 10 a 20) (Lenticulas de brometo de camphora 10 centigrammas — 1 tubo.)

A trinitina, 2 a 10 lenticulas de 1 quarto m/mg. (Lenticulas de trinitina a 1 quarto de milligramma — meio tubo.)

As Lenticulas anti-pasmodicas, uma de 2 em 2 horas. (Lenticulas anti pasmodicas — meio tubo.)

Os revulsivos: vesicatorios, pontas de fogo, ventosas escarificadas, etc., na região da dór.

Tambem dá bom resultado o gelo sobre o coração.

d) *Prophylaxia.* — Se se apurar a causa da angina, será esta com-

batida com o fim de prevenir os accessos.

De um modo geral, quem fôr dado a este padecimento deverá supprimir o tabaco, o chá, o café, as refeições copiosas, os exercicios violentos, as fadigas, as emoções vivas e as vigalias prolongadas.

(Continua.)

## ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58 - RUA DA SOPHIA - 61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Colletes de phantasia, o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'A veiro

Uniformes para militares.

## O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 25500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

O melhor enchido de Portalegre

Na casa Gaitto & Cannas

COIMBRA

## Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

UM OFICIAL DO EXERCITO

## AGUA DE PIZÕES - MOURA

A melhor de todas as aguas

Apreciada por toda a parte.

Isenta de substancias organicas, bacteriologicamente PURA.

Para uso diario e constante. Refrigerante inigualavel. Simples ou com wisky, leite, vinho, etc.

## EXPERIMENTAR É USAR

Unicos representantes para o Brazil, Africa e Norte de Portugal

FONSECA NUNES & C.<sup>a</sup>

Rua da Nova Alfandega — PORTO — PORTUGAL

Depositario em COIMBRA

GAITTO & CANNAS

## IMPRENSA ACADEMICA

153—Rua da Sophia—165

COIMBRA

Grande deposito de todos os moldes, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc.  
Execução rapida.

## DROGARIA VILLAÇA

COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

## NOVA CASA DE BONETS

## ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Bandoleiras, Bandas, Charlateiras, Penachos, Fiadores em seda, algodão e cabedal, Fitas e Travincas para medalhas, Cordões, Correntes e emblemas em todos os generos. Botões dourados para todas as armas.

Executam-se pedidos para a provincia e colonias.

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

## TYPOGRAPHIA

DO

## JORNAL DE COIMBRA

Rua do Pateo da Inquisição

Execução rapida de todos os trabalhos typographicos. Bilhetes de visita, memoranduns, circulares, etc.

# A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR  
**ANTONIO RODRIGUES**  
Composto e impresso na  
Typographia do *Jornal de Coimbra*

PUBLICAÇÃO SEMANAL  
—  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DA SOPHIA, 168

ASSIGNATURAS Continente, trimestre - 300 reis  
Ultrammar, semestre - 600 •  
Numero avulso, 30 réis  
ANNUNCIOS — Preços convencionaes  
Annunciam-se todas as obras offercidas á redacção

## A REORGANISAÇÃO DO EXERCITO

Pelo artigo 248 do decreto de 25 de maio, reconhece-se que nos planos de operações está prevista a organização de unidades estrategicas superiores ás divisões.

Pelo mesmo artigo se nota que no registo das nomeações de mobilização, estão indicados os officiaes generaes que devem assumir o commando de grupos de divisões.

Não ha portanto divergencia de opinião sobre a necessidade de organizar unidades superiores ás divisões.

Em quasi todos os exercitos estrangeiros, um corpo de exercito compõe-se ordinariamente de duas divisões e por tropas do corpo de exercito, independentes das divisões.

E' rasoavel suppôr que em caso de mobilização, aos grupos de divisões se adicionem tropas não endivisionadas, ficando por isso com uma constituição identica a um corpo de exercito.

A composição de um corpo de exercito na Allemanha é a seguinte: quartel general, 2 divisões de infantaria, um batalhão de caçadores a pé, a artilheria do corpo, uma secção de telegraphistas, columnas de munições, batalhão do trem, equipagem de pontes de corpo d'exercito, uma padaria de campanha, um deposito de remonta movel e hospitaes de campanha.

As duas divisões e a artilheria de corpo, constituem propriamente os elementos combatentes.

E' evidente que ás grandes unidades estrategicas, denominadas «Corpos de exercito ou grupos de divisões,» se tem de attribuir a artilheria de corpo que é o terceiro elemento combatente d'essas grandes unidades.

Este terceiro elemento é não só necessario, mas indispensavel.

E' a artilheria de corpo que fornece ao commando do corpo de exercito o meio por excellen-

cia, para imprimir ao combate uma direcção determinada.

Sendo ordinariamente a artilheria de corpo composta de seis baterias, uma tão grande massa de peças, faz sentir rapidamente a sua influencia no combate.

A infantaria precipita-se espontaneamente por toda a parte em que o tiro da artilheria preparou o ataque.

E' a artilheria de corpo o elemento de combate, do qual sómente pode dispôr o commandante do corpo de exercito.

E por isso mesmo a artilheria de corpo assegura a esse commando o meio de exercer a sua acção directriz no combate e garante a subordinação das duas divisões que compõem o corpo de exercito.

Sem esse meio, as divisões escapavam-se sempre que podessem, á acção do commando superior, porque os commandos das divisões imprimem ás suas tropas um certo sentimento de propriedade pessoal, esforçando-se por fazer prevalecer entre ellas a sua propria vontade.

Von Der Goltz affirma que a artilheria de corpo impõe-se como terceiro orgão do corpo de exercito.

Affirma ainda que repartindo toda a artilheria entre as divisões, privar-se-hia o commandante do corpo de exercito, do meio mais effizaz da sua acção pessoal na marcha do combate, do melhor instrumento de que dispõe para obter a superioridade no momento decisivo.

Pela nova organização não foram creados os regimentos de artilheria de corpo, mas dotou-se cinco regimentos divisionarios com tres grupos de baterias.

Concordamos plenamente com esta disposição, pois com mais economia, no acto da mobilização, dispomos dos terceiros grupos de baterias para organizar a artilheria de corpo.

Além d'isso conta-se ainda com os dois regimentos de arti-

lheria de montanha e com os dois grupos de baterias de obuzes de campanha.

Temos portanto assegurado o terceiro elemento de combate nas grandes unidades.

Cada uma das divisões dispõe de um regimento de cavallaria a 4 esquadrões.

Se a divisão tem que operar independentemente das outras unidades, os 4 esquadrões não bastam para desempenhar todos os serviços que pertencem á cavallaria.

Se a divisão se reúne a outra para constituir uma unidade superior, são de mais os 4 esquadrões attribuidos a cada divisão.

Se o corpo de exercito marcha por uma só estrada, não ha lugar para o regimento de cavallaria da divisão da cauda.

D'ahi resulta que ou se intercalla na columna de marcha e então não serve para nada, ou se reúne ao regimento de cavallaria da divisão testa e então toda a cavallaria é empregada como cavallaria independente e deixa de desempenhar os serviços particulares de cada divisão.

Segundo a opinião de Von Der Goltz bastará um esquadrão de cavallaria para o serviço particular de cada divisão, quando se reunam para constituir um corpo de exercito.

E' portanto preferivel formar uma brigada de cavallaria com os dois regimentos divisionarios, fornecendo esta brigada os destacamentos de cavallaria precisos que devem ficar á disposição das divisões.

Pela nova organização, os regimentos de cavallaria divisionaria são constituídos por 4 esquadrões.

Seria preferivel que dispozessem de 5 esquadrões como os regimentos de cavallaria allemã, pois d'esta forma deixando um esquadrão a cada divisão, ficava a brigada de cavallaria do corpo de exercito com 8 esquadrões que é a sua composição normal.

A brigada de cavallaria creada pela nova organização dispõe de tres regimentos.

E' rasoavel suppôr que mais tarde se organizará um outro re-

gimento de cavallaria, que transformará a actual brigada numa divisão de cavallaria.

Actualmente o nosso paiz lucha com a falta de recursos no que diz respeito a gado cavallar, e por isso a commissão entendeu muito bem não augmentar desde já essas unidades.

(Continua.)

## ARRUAGEIROS

Eu não aprovo as arruaças no scenario da rua nem tão pouco as aggressões pessoas que ultimamente alvejaram um ex-caudilho da Republica.

Mas ao ler as aggressões violentas repassadas da bilis de desespero que esse ex-caudilho da Republica deixa publicar todos os dias no seu jornal, fico sem saber qual é o arruaçeiro—se o que agride escrevendo, se o que se defende agredindo.

Um despeja a bilis do seu odio (por não se lhe prostrarem todos os portuguezes no respeito e consideração, a que julga ter juz), (n'um jornal como o antigo pasquim do Padre Mattos.)

O outro levanta-se austero na praça publica onde colhe aplausos entusiasticos.

O primeiro deita a baba noventa do seu resentimento sobre as pessoas que o povo estima e quer.

O segundo levanta o braço ofendido e agride em plena rua.

Um, seguindo o proceder do jesuita desqualifica os que hostilmente se lhe manifestam, aproveitando-se de todos os meios.

O outro responde-lhe rudemente, exautorando-o na praça publica.

Será mau o proceder dos radicais, que coerentes com a sua ideia são rudes na discussão, viris no proceder.

Mas é pessimo e até nojento o sistema seguido por esse ex-caudilho da Republica, publicando odios, fomentando discordias e chamando ao povo rude, humilde e radical—a arruaça, a canalha e a ralé.

Estas palavras ficariam bem na boca d'um aristocrata ou na fisionomia imberbe d'um jesuíta.

Mas n'um jornal republicano, n'um diario redigido pelo sr. Antonio José d'Almeida são pessimistas esses termos, são o cumulo revelador da mais radical apostasia.

Longe de favorecer a sua causa, essa linguagem mais o afunda na lama do desprezo.

Não se ganham amigos com insultos nem se adquirem prosélitos publicando arruaças e desqualificações.

Esse sistema de fazer politica, somente desprestigia o chefe e torna mais rancorosos os seus adversarios.

Diz um rifão antigo que quem semeia ventos colhe tempestades e vê-se quanto é verdadeiro esse ditado no que vaee succedendo ao sr. Antonio José d'Almeida.

O seu jornal ataca na vida intima todos os amigos do sr. Affonso Costa.

E' tal qual o famigerado e desqualificado Homem Christo atacando os verdadeiros republicanos, do cesto da roupa suja.

Leiam-se esses ultimos ataques contra Napoles (o intangível tenente como lhe chama), onde se ataca no filho a memoria querida d'um pae que morreu.

Leia-se o ataque pulha (permitam-me a expressão) dirigido contra o demittido governador civil do Porto que o povo apreciava tanto.

Leia-se emfim esses echos e até os artigos do fundo agredindo sem fundamento, injuriando sorrindo e mentindo. Será pois para admirar que o povo exasperado com tantas agressões, e esperando ainda a união dos republicanos, agrida e apupe o director d'um jornal tão semelhante ao *Portugal* da Monarchia?

Nem outra attitudo poderá ter o povo ordeiro apesar de ser pacato.

Eu não pertenco a grupo algum politico, nem aprovo arruaças ou agressões mas não me surpreenderei se um dia receber a noticia de que esse jornal a *Republica* teve o mesmo fim do *Portugal*, do *Illustrado* e de outros.

Porque como o disse o sr. João Chagas n'um das suas cartas politicas, (Ninguem diz impunemente á multidão — Canalha)!

E realmente povo, mesmo o mais humilde, tira vingança cedo ou tarde, de todo aquelle que imbecilmente o chama vilão e arruaçeiro.

O povo ruje. E esse odio cego que se apossou do illustre tribuno, não o deixa ver ainda que os apupos que lhe dirigem são uma

manifestação tenue quasi insignificante do odio profundo que lhe vota o povo por se julgar atraído na sua demasiada boa fé.

Creia o illustre tribuno que o povo não perdôa facilmente as suas acções conservadoras em nada atenuadas com as afirmações hypocritas do mais puro radicalismo.

E essa bilis, esse rancor, esse odio de desespero que s. ex.<sup>a</sup> publica no seu jornal, nada mais faz que acirrar odios, conquistar malquerenças e amontoar a tempestade que não sendo desviada a seu tempo, levará no seu estalo ruidoso, aquelle que tão desastrosamente a provoca, a atrae e a injuria.

Montemor o Velho 15-11-911.

CARLOS VICTOR

## MÁ POLITICA

Desgraçados d'aquelles que pela sua intransigencia, pelo seu modo de pensar, hoje infelizmente da mesma maneira que nos tempos idos, deixarem de ceder, reagirem contra a vontade dos despotas, dos politicos sem escrúpulos; porque se tal fizerem serão lançados á margem, esquecendo-se todos os serviços por elles prestados, esquecendo-se que esses intransigentes foram os mais solidos degraus, por onde esses politicos subiram, não quando essa escada se achava em riscos de se desmoronar, mas quando estava solidamente construida e segura, porque até então esses politicos da paz, tinham medo da guerra, receavam o cheiro da polvora, o derrame de sangue e estavam ou recolhidos na doce paz do lar, ou lá fóra tratando de tudo e mui principalmente de terem a vida no seguro.

São esses que nada fizeram pela Republica, a quem a causa democratica nada deve, que se acham anichados, que se acham hoje desempenhando rendosos e proventosos cargos, para onde foram nomeados sem concurso, por um Ministro que sómente teve em mira servir amigos e não premiar a virtude d'aquelles que elle muito sabe trabalharam, e pela *Republica*, seu unico ideal, se sacrificaram a ponto de perderem o seu futuro e o seu pão.

Mas que importa este facto de tão pouca monta, a esse chefe politico, que tanto radicalismo apregouo antes de 5 d'outubro de 1910, sempre que na *Tribuna popular*, usou da palavra, e que hoje procede em completa antithese, com as ideias expandidas.

E' que esse homem apparece-nos hoje um grande ambicioso, caiu-lhe a mascara e a sua ambição leva-o a cercar-se não de velhos e convictos republicanos, mas de muita gente que pela Republica nada fez, nem fará, e por esse politico e para lhe augmentar o seu partido, em troca de injectivas flagrantes e rendosos proventos, teem descido até ao papel degradante de galopins e quem sabe de que mais...

E' que esse chefe politico presta-se a servir de instrumento de vingança d'esses seus satélites, e haja em vista o procedimento sem precedentes havido para com o grande luctador democratico, nosso amigo, *Guilherme d'Albuquerque*, para esse

incançavel rapaz, que pela *Republica*, tanto trabalhou, tudo deu, a saude, o futuro e o pão... que todos nós conhecemos a sua obra, que o vimos sempre na primeira fila dos combatentes na hora de verdadeiro perigo embora muitas vezes gravemente doente, que sabemos os seus sacrificios, as perseguições de que foi victima, que pela sua intransigencia de principios não se collocou antes de 5 d'outubro, e tanta abnegação é esquecida, é calcada, deixando de o nomear para um cargo que por todos os motivos lhe pertencia, quando é facto que todos os serviços relevantes prestados á democracia por este intransigente, são de sobra conhecidos por esse chefe politico.

Mas não se admire o nosso amigo *Guilherme d'Albuquerque*:

Nós, sargentos, fomos os primeiros que apanhamos uma pernada d'esse chefe politico, que muito bem nos conhecia e dizia apreciar antes de 5 d'outubro, e que depois d'essa data, quando tinha sido guindado á culminancia do poder, o seu radicalismo e attenção pelos nossos serviços o levou a esquecer-se de nós na lei eleitoral cerceando nos o direito do voto, que só nos foi dado depois e por motivos que conhecemos, que são contos largos e que diremos noutra occasião se fôr preciso.

Mas se os velhos republicanos estão postos de parte desde 5 d'outubro, por esse politico de má politica é porque cada um acompanharia o vulto que mais sympathia lhe offerecesse e d'ahi o elle ter ou não o penacho do mando, em virtude de possuir ou não o grupo mais numeroso portanto toca por todas as formas a engrossar o seu partido, para á outrance ter o penacho, embora aniquile aquelles com que hontem trabalhou, aquelles que o guindaram a taes alturas, não vacillando elle nos meios para conseguir os fins, pretegendo e beneficiando aquelles que hontem guerreavam e affrontavam a Republica, taes como velhos galopins, o que não admira, pois estes já magnificos serviços prestaram por intermedios dos seus amigos á sua facção politica.

## Breves considerações

O sistema adótado no ultimos tempos pelo jornal *O Seculo*, publicando entrevistas com individuos que pela sua posição social e competencia technica se tornam mercedores de ser ouvidos sobre questões da sua especialidade, é não só democratico, como rigorosamente pratico.

Com esse sistema se desfazem equívocos, se adquirem conhecimentos, se destroem ou atenuam exagêros, se purifica mais ou menos a deturpação aleivosa ou inconsciente de factos espalhados ao dominio publico.

O individuo que, com verdadeiro conhecimento de causa desserte sobre um dado assunto, assumindo para mais uma responsabilidade meramente pessoal perante a sociedade culta, oferece uma garantia diferente daquelle que sem esse conhecimento e sem essa responsabilidade, dispara considerações para a direita e para a esquerda. Os casos duma elevada altitude scientifica, querem-se assim: tratados por quem lhes saiba aplicar proficiencia e dar autoridade.

E' um grande mal de que sofre a sociedade portugueza, o de tudo querer discutir e de tudo preten-

der censurar, sem que para isso esteja convenientemente habilitada, dando esta circumstancia logar a um atropelo formidavel, em que a rasão e a verdade são quem mais sofrem.

*O Seculo* prestando a consideração que é devida aos homens de destaque, consultando-os quando para isso haja preciso ensêjo dá ao seu jornal uma feição pura de moralidade e de criterio.

Segue assim a forma racional de proceder e evitará que os chamados *más linguas* e os falsos enciclopedicos, alimentem largos fóros de importancia, a que, evidentemente, não podem nem devem ter jus.

Concorramos todos para o aperfeiçoamento da humanidade, embora cada um só disponha duma infima parçela para ver se regularisamos as condições de existencia, que a miseria de sentimentos nobres tem depauperado extraordinariamente.

J. A. Gomes.

## Carta aberta ao Sr. Bispo de Vizeu

Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr.

Pagando honradamente muitos fieis para terem missa, á vontade, nas povoações de Tourigo e Valle, d'esta freguezia do Barreiro, quasi todos se queixam de que ouvem, contrafeitos, a referida missa, em razão d'um malsonante e enfadonho berreiro que *determinado mulheiro*, cantarolando, faz durante toda ella!

Chega a parecer que se está mais numa descamisada ou serão d'aldeia, do que num acto religioso de tanta seriedade!...

O reverendo capellão, *Ignacio F. Viegas*, comprehende muito bem que tal fastidiosa cantarola distrahe e faz perder a devoção dos fieis, motivo por que tinha a restricta obrigação de não dar causa ao abuso, deixando-se de cantigas num templo sagrado; mas tão nobre e arrojado gesto é, que o sr. Padre Mestre, não é capaz de fazer, visto que isto seria a mais profunda desconsolação que poderia dar ás suas caras Jaquinas!

Dizer missa sem estar rodeado de *frescotas* tricanas é que o nosso capellão nunca fará, não sendo superiormente obrigado.

E' por isso que um seu freguez e amigo, interpretando a vontade geral dos fieis, resolveu recorrer, por este meio, a V. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> a fim de providenciar, da melhor forma que entender, para que nas referidas capellas se possa, de futuro, ouvir missa com mais attenção, respeito e ordem.

Assim o exige a maioria dos fieis que se julga, com razão, no direito de poder assistir, o mais devotamente possível, ao santo sacrificio da missa, não sendo por ninguem perturbada.

Parece tambem ser muito decente e catholico que as mulheres estejam, quanto possível, separadas dos homens, durante os actos religiosos, como muito bem se observa na igreja parochial; pois na capella do Tourigo, algumas mulheres, bem indelicadamente, se arrogam o direito de prioridade, ouvindo missa a tocarem na alva do celebrante!

Os homens teem de passar para a rectaguarda.

Tudo isto, além de ser baixo, ridiculo e nojento, é um intoleravel abuso e falta de respeito para com os demais assistentes.

Muito conveniente era, pois, que

taes *magdalenas* aprendessem a tomar os seus respectivos logares.

Isto ficava-lhes muito bem, mas a culpa tem-na o capellão que não póde dizer missa, sem ter os *corações* junto de si!...

Como V. Ex.<sup>a</sup> superintende no referido padre, grande beneficio prestava á religião, dando os seus paternaes conselhos ao capellão alludido.

Póde mesmo fazel-o sciente de que nós já ha muito o conhecemos, pelo que escusado será tentar fingir o que não é, suppondo que todo o povo é ainda pateta. E' trabalhador, mas o seu ideal unico é amontar centenas e centenas de *comunhões*!...

Nós, que tambem somos catholicos, desde sempre, entendiamos que melhor faria, dividindo o tempo, que gasta com *superfluas* confissões, em ensinar a doutrina christã ás creanças, e outros deveres religiosos e civicos, como cuidadosamente o tem feito o parochio da freguezia que veio encontrar, segundo observei num dia de examina, — fíeis de vinte, trinta e quarenta annos, sem saberem o acto de contricção!

Isto é espantoso, mas verdadeiro.

Confiamos que V. Ex.<sup>a</sup> terá na devida consideração o assumpto d'esta carta, corrigindo devidamente aquelle seu subordinado, que precisa de ter um pouco mais de tino, como teremos occasião de provar.

De V. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>.  
muito attento e obrigado

*Um subdito fiel.*

**CARTA DO CONGO**

*Presado amigo*

Pedes-me que te dê noticias minhas, lá vão pois, e ingrato me chamarias se o não fizesse.

A nossa amizade assim o exige. Desculpa-me a estrutura d'esta carta, sem merito algum litterario e despojada de vã rethorica, o que não obsta a que cada periodo de que se compõe seja uma consagração á nossa velha amizade, que a ausencia ainda mais radicará.

«Um amigo verdadeiro é um precioso thesouro», dizia alguém.

Mas agora me recordo, quero escrever-te e dizer-te coisas que não sejam frivolidades d'amigos, e francamente, escaceia-me o assumpto!

Ah! recordo-me, vou-te fallar d'estas terras, que tu não conheces e pelas quaes certamente ter interessarás, vibrando, como vibra em teu peito, o santo amor por tudo a que chamamos portuguez.

E de resto, sendo hoje o primeiro anniversario da neophita republica, o thema não é desarrazoado.

Sabes bem que não sou novo nestas paragens, conheço-as um pouquinho, com modestia o digo, e quando ha mezes deixara Lisboa, alanceado pela saudade e de olhar turvado pelas lagrimas te dava o ultimo abraço, a tí, que no caes me davas a honra da tua despedida, a que a nossa amisade tinha jus — e passados momentos já a meio do nosso lindo e para mim saudoso Tejo, o meu pensamento ia mais longe, pensando na modesta casa onde uma santa mãe choraria a separação d'um filho querido no meio de todos estes pensamentos, crise de dôr e de saudade, uma unica illusão me servia de linitivo.

Disse illusão e é o termo; prouvera a Deus que o não fosse, porquanto já te não tomaria tempo, tratando d'ella.

Nesse turbilhão de pensamentos, onde o meu espirito acabrunhado, debalde procurava reagir, livrando-se da possilaminidade, uma illusão pois, qual *crystalina* gotta d'orvalho em meio de agrestes cardos, me chamava á realidade, mostrando-me as limpidas e calmas aguas do Tejo, como caminho d'uma colonia que eu em outubro do anno passado havia deixado, estorcendo-se nas garras aduncas da governação monarchica e que óra, purificada e expurgada d'esses vermes corruptores, bafejada pelo sopro vivificante d'esse colosso de esforços, de boa vontade e sobretudo de probidade, se encontraria regenerada e em breve modelo de governamentação.

Mas *veni vidi e...* desiludi-me...

O Eden que á semilhança do primitivo de que nos falla a Biblia, eu esperava encontrar, onde as mais diversas classes, commungando no mesmo ideal, amando-se quasi, tivessem a **Egualdade e Fraternidade** como unico lemma, como um labaro, onde se vissem aquellas palavras: *In hoc signo vinces*, não passava de mera utopia, verdadeira chimera phantasiada pelo meu espirito obsecado de enthusiasmo, ou talvez, pouco acostumado a conhecer o quasi nimio patriotismo da mor parte dos nossos concidadãos.

Escaceia-me o espirito de observação, pouco desenvolvida pela nenhuma intelligencia e pouca pratica, todavia attende no que te vou dizer e terás mais ou menos, ainda que em miniatura, um *fac simile* do que é isto por cá.

Imagina, pois, uma grande fabrica, entregue á direcção d'um engenheiro, conscio do seu papel, intelligente e devotado á empreza que lhe confiara os seus haveres, quasi um bocado da sua alma, sim, porque a propriedade adquirida honestamente, faz quasi como que parte do nosso todo, mas cujo pessoal incompetente e sobretudo nutrido aversão á empreza proprietaria, se esforçava para a prejudicar, fazendo com que os esforços, boa vontade e intelligencia do seu director tecnico, esbarrassem sempre de encontro á maior das tibiezas e amor proprio, e não perdendo occasião de a prejudicarem porque ella substituindo a anterior lhe havia acabado com os abusos, acabando lhe por isso com uma necessidade já inventada nos seus organismos lassos e preventidos.

A' semelhança do infeliz director da imaginaria fabrica, que para mostrar comprehensão te fiz idealisar, ha por cá quem se esforce, procurando guiar o seu proceder e guiar os d'outrem, consoante a Republica o exige.

Mas, esses esforços, essa dedicacão, essa vontade de conservar incolume um passado de glorias, sofrimentos e perseguições, encontra sempre más vontades e tibieza.

Como vez, meu amigo, sou bem positivo, apresento-te as coisas taes quaes as comprehendo e satisfeito comigo mesmo, envio te um saudoso abraço e suplico-te que te não demores com as tuas noticias, fallando-me da nossa querida Republica, fallando-me d'esse colosso inderrubavel por quaesquer iconolastas traidores.

Cabinda, 5 d'outubro de 1911.

Arnaldo Gomes Duarte,

1.º sargento d'infanteria.

Suspendeu a sua publicação a *Voz de Tondella*.

LITTERATURA

MARIO!...

(Ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Ped. o Lucio d'Assumpção e sua Ex.<sup>ma</sup> esposa D. Isaura Ferreira d'Assumpção, este testemunho de saudade infinda que me deixou o seu estre-mecido Mario)

Anjo de graça, estrella desviada  
Por tempo d'aureo ceu, repouso teu;  
Tempo andas-te perdida, transviada,  
Até que novamente fós-te ao ceu.

Chamou-te o Creador p'la voz da Morte,  
— Essa vampira enorme e irresistivel  
Que vem furtar ao turbilhão da softe  
O bom, o mau, o duro e o sensivel.

Ainda dura em meu peito a saudade  
Que deixas-te ao partir cá d'este mundo,  
P'ra onde cuspirás, da eternidade,  
Saliva eterna d'um desdem profundo.

Desdem, sim! porque a Morte, se é cruel,  
Cumpre uma lei por todos esperada,  
Ao passo que o mundo é de fel,  
E o mortal é cinza, terra — nada!

Ri, anjo, ri do mundo, qu'elle é lama,  
Cardos agrestes, espinhos dolorosos;  
Não recordes na tua etherea cama  
Este valle de martyrios horrorosos.

E vós, ó paes, a quem opprime a dôr,  
Calae o pranto vosso tão ardente,  
Se o mundo é assim, composto só d'horror,  
Vale mais a Morte, — impia, mas clemente!

Coimbra, Novembro de 1911.

ACCACIO SERRA.

PLACARD

Aos nossos assignantes do Ultramar, que ainda estejam em debito, pedimos a finesa de mandar satisfazer, para regularidade da nossa escripturação.

Como temos recebido algumas queixas, pedimos aos nossos assignantes a fineza de nos participarem qualquer irregularidade na recepção d'*A Voz do Sargento* para, immediatamente, providenciarmos.

Como já terminou, com o nosso n.º 39, o terceiro trimestre, vamos enviar á cobrança os recibos de assignatura, pedindo para elles a attenção dos nossos prezados assignantes.

Terminando em 11 do corrente a nossa licença disciplinar, só no proximo numero poderemos publicar o nosso balancete, referido aos mezes de setembro e outubro.

Tendo nos sido enviadas algumas importancias, em estampilhas, de Cabo Verde e outras provincias ultramarinas, pedimos aos nossos prezados assignantes a fineza de nos enviarem essas quantias em notas do Banco Ultramarino ou em vales do correio, para nos evitarem difficuldades no serviço da administração.

Recebemos e muito agradecemos, a importancia correspondente á assignatura por dois annos do sr. Feliciano Caetano de Sousa, em serviço no caminho de ferro de Mossamedes; de um semestre, dos srs. Manuel Rodrigues Simões, Coimbra; Cypriano Pereira, 1.º sargento d'infanteria, José Daniel Clemente, Amaro Eulenterio Duarte, Anastacio D. Gago Junior e Joaquim Monteiro, 2.º sargentos, todos de Laudem; José Jorge Tertuliano, musico de 2.ª classe d'infanteria 23; a de cinco mezes do sr. Agostinho Pereira, capitão d'infanteria n.º 35; e a de um trimestre dos srs. Braz Antunes, 1.º sargento, e Antonio José Gonçalves Negreiros, 2.º sargento, ambos da guarda fiscal, Porto; Carolino José, 1.º cabo d'infanteria n.º 23.

Está de lucto pela morte de uma filha, o nosso camarada d'infanteria n.º 35, 2.º sargento Francisco José de Figueiredo.

Acompanhando-o na dôr que o punge, aqui lhe apresentamos as nossas condulencias.

Defeza

Ha muito que não recebemos a visita d'este nosso collega local. Ignoramos o motivo.

Já chegaram a Coimbra algumas forças do regimento d'infanteria n.º 35 e o grupo de metralhadoras n.º 5.

Está tudo alojado no novo quartel d'infanteria n.º 23.

Deve sair na proxima ordem do exercito as promoções a alferes do secretariado militar, dos nossos camaradas d'infanteria 23, José Augusto Gomes e Joaquim José Magro, 1.º sargentos.

Antecipamos desde já o nosso abraço de felicitações.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

MERCEARIA LUSITANA



PENSIONATO ACADEMICO

Situado no Penedo da Saudade, o mais aprazivel, saudavel e hygienico bairro de Coimbra.

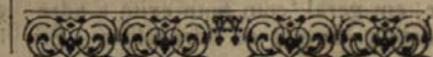
Num edificio com muito ar e muita luz, a cinco minutos do Lyceu e do Collegio de S. Pedro, que recebe alumnos externos.

Trata-se gratuitamente da matricula dos pensionistas.

PREÇOS MODICOS

Tratamento em familia

Prospectos com mais esclarecimentos. — Pedil-os a José d'Albuquerque, Santa Clara, Coimbra.



## GUIA MEDICO

PARA O

### COLONO DE ANGOLA

(CONTINUAÇÃO)

#### Hemorragia

a) *Definição.* — É a extravasão de sangue dada em qualquer parte do corpo.

Tem nomes especiaes, conforme o lugar onde se dá. Assim: hemoptyse, se se dá pelos pulmões, juntamente com os escarros; hematemese, se se realiza pelo estomago; juntamente com vomitos; pelo nariz, diz-se epistaxis, etc., etc.

b) *Symptomas.* — Quando a saída do sangue através dos vasos é visível, basta a presença d'este liquido de cor vermelho, escarlate ou mais ou menos escura, para se poder afirmar a sua existencia.

Quando porém, a vista não pôde accusar a presença do sangue, então o caso é mais difficil, pôde o liquido extravasar-se n'uma cavidade interna (peritorial, vaginal, pleural, craneana, pericardica, dando lugar a symptomas variados que só um profissional poderá apreciar com exito.

A saída do sangue pôde ser consequencia de um traumatismo que feriu e rompeu um vaso (arteria ou veia.)

Tambem se pôde dar a rotura do vaso por um processo pathologico, isto é, devido a uma doença, como no caso da tuberculose, que dá hemoptyses ou da ulcera do estomago, que dá a hematemese ou do intestino que dá as enterorrhagias e a melena, quando o sangue sae pelo anus, alterado já, da cor do breu.

c) *Tratamento.* — De um modo geral sempre que haja uma hemorragia deve recommendar-se o maior socego, pois que os movimentos agravam-na.

Se fôr pelos pulmões, num individuo que tosse ha muito, vindo com a tosse, é o que se chama hemoptyse, que passará com a ipecacuanha (0,5 gr. de hora a hora ou de meia em meia hora até nauseas.)

Se foi uma veia, (caso das varizes das pernas, ou do recto, hemorrhoidas, etc., far-se-ha uma compressão, usando algodão de preferencia molhado em algum soluto desinfectante.) Agua borica normal: Agua commum a ferver 1000 grammas — Acido borico 40 grammas. — Dissolva. — Agua branca: Soluto de sub-acetato de chumbo, 2 grammas — Agua commum, 98 grammas — Agite bem. — Agua de creolina: Creolina, 20 grammas — Agua commum 1000 grammas — Misture em frasco de maior capacidade e agite bem. — Lenticulas de sublimado a 50 centigrammas, N.º 2 — Dissolva em 1 litro de agua. — Soluto de adrenalina: Solução ao millesimo de adrenalina 1 gramma. — Agua commum 1000 grammas — Misture, e uma atadura de forma a poder-se fazer uma ligadura compressiva.

Sendo rectorrhagia hemorrhoidal são muito para aconselhar os semicupios frios ou mesmo gelados ou então, se se preferir, muito quentes a 45° e 48° c.

Se fôr pelo nariz (epistaxis) far-se-ha a tapagem, se fôr preciso, por meio de bolinhas de algodão.

Tambem se pôde usar neste caso, e, em geral, com bom exito a adrenalina: Soluto de adrenalina — So-

lução ao millesimo de adrenalina 1 gramma — Agua commum 1000 grammas — Misture.)

Se fôr pela vagina, vindo da madre (na mulher), fôra da epocha menstrual, ou quando esta se torne muito anormal, o que então se chama metrorrhagia, usar se-ha o ergotino. (Lenticulas de ergotino a 10 centigrammas, 1 tubo), mas não quando não haja gravidez.

As injeções vaginaes a 45° c. dão bom resultado tambem.

De resto é necessario procurar a causa para a remover.

d) *Prophylaxia.* — Para prevenir as homorrhagias só ha um meio que é evitar a causa que as produz, quer curando-a, quer fugindo á sua acção.

#### CAPITULO IV

##### Molestias do aparelho respiratorio

##### Defluxo

a) *Definição.* — O defluxo, tambem chamado corysa ou rhinite, ou ainda constipação, é uma inflamação da mucosa ou membrana que continua a pelle do nariz e o vae forrar por dentro (fossas nasaes.)

b) *Symptomas.* — A corysa começa, em geral, por embaraço e formigueiro nas fossas nasaes, dando facilmente lugar a espirros muito frequentes.

A mucosa nasal, a principio seca, em breve começa a segregar um liquido claro e irritante que visca, como caustico, que é, as partes por onde corre (labios, bordo das narinas ou aberturas nasaes.)

O olfacto desaparece de todo ou quasi por completo e o gosto tambem. A voz nasaliza-se. A respiração faz se mal. A's vezes ha dôres de cabeça, sobre tudo foritae, ligeiro movimento febril e molleza geral do corpo.

Eis a que se exprime vulgarmente, dizendo que se está constipado ou endeflexado.

Esta inflamação das fossas nasaes pôde propagar-se á visinhança e assim estender-se aos canaes que communicam com os ouvidos (trompas de Eustachio), dando zumbidos dos ouvidos; cahir para a pharynge e amygdalas, dando angina, pharyngite, etc., descer até á larynge e dar laryngite (rouquidão); cahir no peito, affectando a tracheia e mesmo os bronchios, dizendo-se então que a constipação cahiu no peito; finalmente, tambem pôde subir aos olhos pelos canaes lacrimaes (que communicam as fossas nasaes com os olhos e por onde descem as lagrimas), dando conjunctivites, etc.; e aos seios frontaes, produzindo as já indicadas dôres de cabeça frontaes.

c) *Tratamento.* — Como facilmente se percebeu já, é da corysa aguda que se trata, e n'este caso, o primeiro cuidado será provocar a transpiração e para isso deve-se recommendar agasalho e lenticulas de nitrato de pilocarpina a 1<sup>m</sup>/mg. (Lenticulas de nitrato de pilocarpina a 1 milligramma, 1 tubo), ou sudorificas (Lenticulas sudorificas — 5), e bebidas quentes aromaticas (chá de flores de laranjeira ou de flôres de sabugueiro, ou alcoolizadas ou mistura dos dois. (Poção sudorifica alcoolizada: Folhas de laranjeira, 10 grammas — Agua a ferver, 150 grammas. Faça chá quente e junte. Asucar 15 grammas. Cambrainha, 10 grammas.) Para moderar a secreção lenticulas de sulphato de atropina.

(Lenticulas de sulphato de atropina a meia milligramma, 4.)

Para evitar que esta secreção visque a pelle, usar vanzilina borica nos labios e narinas.

(Continua.)

## IMPRESA ACADEMICA

153—Rua da Sophia—165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc.

Execução rapida.

## ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58 — RUA DA SOPHIA — 61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares.

### O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 25500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

O melhor enchido de Portalegre  
Na casa Gaitto & Cannas  
COIMBRA

POSTAES ILLUSTRADOS—O que ha de melhor e mais bonito, só tem a Tabacaria União, Rua da Sophia, Coimbra.

## AGUA DE PIZÕES — MOURA

A melhor de todas as aguas

Apreciada por toda a parte.  
Isenta de substancias organicas, bacteriologicamente PURA.  
Para uso diario e constante. Refrigerante inegalavel. Simples ou com wisky, leite, vinho, etc.

### EXPERIMENTAR É USAR

Unicos representantes para o Brazil, Africa e Norte de Portugal

FONSECA NUNES & C.<sup>a</sup>

Rua da Nova Alfandega — PORTO — PORTUGAL

Depositario em COIMBRA

GAITTO & CANNAS

Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

### Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

UM OFFICIAL DO EXERCITO

### DROGARIA VILLAÇA COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

### NOVA CASA DE BONETS

### ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Bandoleiras, Bandas, Charlateiras, Penachos, Fiadores em seda, algodão e cabedal, Fitas e Travincas para medalhas, Cordões, Correntes e emblemas em todos os generos. Botões dourados para todas as armas.

Executam-se pedidos para a provincia e colonias.

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

### TYPOGRAPHIA

DO

### JORNAL DE COIMBRA

Rua do Pateo da Inquisição

Execução rapida de todos os trabalhos typographicos. Bilhetes de visita, memuranduns, circularés, etc.

# A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR

ANTONIO RODRIGUES

Composto e impresso na

Typographia do Jornal de Coimbra

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DA SOPHIA, 168

ASSIGNATURAS

Continente, trimestre - 300 reis

Ultramar, semestre - 600 "

Numero avulso, 30 reis

ANNUNCIOS — Preços convencionaes

Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

## A REORGANISAÇÃO DO EXERCITO

A nova organização da arma de infantaria, supprime os batalhões de caçadores, porque (diz o relatório que precede a lei) não ha nada, alem da tradição, que justifique actualmente os batalhões de caçadores.

Discordamos em absoluto com este modo de ver.

Affirma-se o desprezo pelo culto da tradição!

Se as nações fortes desenvolvem o culto da tradição e do patriotismo, mais necessitam d'esse desenvolvimento as nações fracas.

O nosso paiz vive sobretudo das suas gloriosas tradições.

Nação que se esquece das suas tradições, está condemnada!

Com a perda das tradições é que se foi obliterando entre nós, o sentimento patriótico.

E' necessario a todo o transe desenvolver o culto pelas tradições do passado, fazer reviver os feitos gloriosos das nossas tropas, para que Portugal veja quanta bravura e amor patrio, representam os oito seculos da sua existencia.

E' necessario fazer reviver as tradições esquecidas, que sejam compatíveis com o espirito moderno, taes como as tradições nos uniformes e as legendas e divisas nas bandeiras e estandartes.

Os nossos caçadores tem uma historia brilhante, que deveremos relembrar a todo o instante.

Os caçadores foram admirados na Guerra Peninsular, pelas tropas alliadas e pelas tropas napoleonicas que os designavam com o nome de infantaria negra.

Não é para desprezar a tradição e por isso discordamos da razão apontada pelo relatório para supprimir os batalhões de caçadores.

Mas não é sómente a tradição que deve justificar a conservação dos caçadores.

Hayemos de demonstrar que

nós, mais do que outra nação, precisamos d'esses pequenos corpos.

Será sómente a tradição que obrigue os exercitos estrangeiros a conservarem os seus batalhões de caçadores?

Evidentemente que não!

Os batalhões de caçadores tem missões importantes a cumprir em campanha, missões especiaes que difficilmente podem ser cumpridas pela infantaria sem prejuizo do plano geral de operações.

E' precisamente pela razão da tradição e pelas necessidades estrategicas, que os paizes cultos, dotados com exercitos modernos, precisam conservar os batalhões de caçadores.

Eis a razão porque a Hespanha possui 18 batalhões de caçadores (constituindo 3 brigadas); a França 35 batalhões; a Grecia 6; a Hollanda 2; a Noruega 1; a Romania 9; a Russia 153; a Turquia 24; o Brazil 12; a Allemanha 17; a Suecia 1 regimento; a Italia 12 regimentos de caçadores e 8 regimentos alpinos; a Austria 4 regimentos de caçadores tyrolezes e 26 batalhões de caçadores; a Belgica 3 regimentos de caçadores, 1 de carabineiros e 1 de granadeiros; a Inglaterra 8 batalhões; e até a Suissa possui 8 batalhões independentes, denominados carabineiros (caçadores a pé).

Na Belgica os tres regimentos de caçadores com 1 de granadeiros constituem uma divisão, mas fica ainda o regimento de carabineiros com 4 batalhões que constituem tropas independentes.

Cada um d'estes batalhões é attribuido a cada uma das 4 divisões que compõem o exercito no caso de mobilisação.

Não obedece a um motivo decorativo ou simplesmente á razão da tradição a conservação dos batalhões de caçadores.

Nota-se que em quasi todos os exercitos estrangeiros, os cor-

pos de exercito e mais geralmente as divisões, dispõem, além das suas brigadas de infantaria de linha, de um pequeno corpo independente (batalhão de caçadores ou carabineiros) que fica subordinado sómente ao commando do corpo de exercito ou da divisão.

O batalhão de caçadores e as metralhadoras, constituem o principal elemento de que dispõe o commandante da divisão para fazer exercer efficaçamente a sua acção directriz e oportuna nos momentos decisivos de um combate.

Este elemento é para o commando da divisão o mesmo que a artilheria de corpo é para o commando do corpo de exercito.

E' desnecessario encarecer a importancia d'este elemento de combate que garante ao commando o meio por excellencia para exercer a sua acção.

De resto aos batalhões de caçadores incumbem-lhes outras missões importantes e especiaes que aqui havemos de expôr.

(Continua.)

### Breves considerações

A pequena permanencia das autoridades no desempenho dos seus cargos, ou seja a sua efemera passagem por esses cargos, se não é um mal de que possam resultar gravissimos inconvenientes, tambem não é um bem que se faça recomendar pela sua acção.

Creio, ser de boa tatica administrativa e que só serviria para conceituar o regimen e fazer prosperar a vida nacional, o facto das diferentes autoridades e outros funcionarios publicos, se conservarem o maior tempo possivel á frente dos cargos para que foram nomeados.

As substituições continuadas e pouco duradoiras, parece se um tanto com a leviandade dos inconscientes, e dá necessariamente margem a haver uma confiança timida pelo regimen, da parte daqueles que não figuravam nos listas republicanas até 5 de outubro.

E se levarmos ainda em via de conta a desvantagem que este caso representa para o bom andamento dos negocios publicos, defrontar-nos-hemos ainda com outras desvantagens não só grandes, como numerosas.

Parece pois que seria de extrema necessidade, que os individuos a quem caiba a nomeação dum logar de certa representação social, se compenstrassem antes de o ocupar, de que não basta aceitar logares, mas ter força precisa para neles saber estar e saber proceder. O contrario disto, é errar.

J. A. Gomes.

### Instrução e promoções das praças de pret no Ultramar

A instrução é o elemento mais preciso no exercito, e no entanto é o que menos attenção tem merecido até hoje e nomeadamente no Ultramar, onde ha poucas escolas, e essas mesmas poucos resultados tem dado desde que veiu o decreto de 14 de novembro de 1901, que organisou as forças ultramarinas.

Esse decreto nunca devia ter tido execução, pois a elle se deve em parte a causa do augmento de tantas despezas; e todayia vão decorridos dez annos e ainda se não revogou essa lei, por outra que melhor satisfizesse ao fim a que se destina.

O decreto de 14 de novembro de 1901 foi elaborado por homens muito illustres, não ha duvida, e dos quaes conheço alguns, tendo por todos elles o maximo respeito e consideração; no entanto não posso deixar de dizer que é imperfeito, sendo uma das imperfeições a falta da instrução para as praças de pret.

Esta falta não havia razão para se dar, pois que, quem lêr bem aquella lei, vê logo que, se os officiaes para o Ultramar devem ser quasi todos provenientes do exercito da Metropole; ou, é para attender a afilhados que já estão servidos, ou por na occasião o numero de sargentos ajudantes e 1.º sargentos do Ultramar a promover para os respectivos quadros era insufficiente; e então se assim foi julgo que só se deve attribuir essa insufficiencia á falta de escolas regimentaes nas colonias.

Ora, se esta falta fosse atendida, como devia ser, e se fossem aproveitados para professo-

res parte dos officiaes theoricos que teem vindo do Ultramar nestes dez annos, teriamos hoje os 2.<sup>o</sup> e 1.<sup>o</sup> sargentos habilitados a serem os 1.<sup>o</sup> sargentos e officiaes dos quadros do exercito ultramarino e a desempenharem cabalmente as funcções do seu posto.

As promoções no ultramar, até 1.<sup>o</sup> sargento, devem ser feitas nas respectivas provincias, ou por concurso annual em todo o Ultramar os que forem para este posto pelos mesmos regulamentos adoptados no exercito metropolitano, podendo os 1.<sup>o</sup> sargentos serem chamados a fazer o curso da Escola Central em Mafra ou outro equivalente, creado em qualquer colonia, abolindo-se o carcúnda do regulamento geral para o serviço dos corpos do exercito de 1886, por onde ainda são feitas essas promoções.

Espero, pois, que s. ex.<sup>a</sup> o ministro das colonias não deixe de attender a estas necessidades creando em todas as provincias escolas regimentaes onde se professem as mesmas disciplinas que se dão nas da Metropole e que os quadros do Ultramar sejam ampliados para que nós no Ultramar possamos gosar as mesmas vantagens que teem os nossos camaradas na Metropole, por quanto todos somos irmãos, filhos da mesma Patria e trabalhando todos para o mesmo fim não deve haver distincções.

Macau, 27-10-911.

**ACTUALIDADES**

«Oh! meu amigo! Perguntas-me como pensa este Povo a respeito da Republica!...»

Mas um delirio, meu velho!

Calcula que, como bem sabes, não havia regosijo nos dias de gala da monarchia, e este anno, pelo aniversario da Republica, — pasma, meu amigo, pasma! — chegaram a agitar pelas ruas, a bandeira republicana, esse symbolo augusto duma Patria Nova!

Assim se exprime um amigo meu, natural e residente na terra natal de meus paes, e onde tambem tenho passado grande parte da minha existencia.

Isto, que á primeira vista se afigurará aos leitores uma insignificancia, tem para mim um valor inexplicavel.

A terra de onde me escreve o meu amigo é uma pequenina aldeia do concelho de Poiares.

Quem, ha dez annos, ali fallasse em Republica, cahia lhe o *Carmo* e a *Trindade* em cima, e no cerebro d'aquella gente ignorante passava uma nuvem infinita de *diabos* e montões horrosos de brazas incandescentes e inapagaveis, com que, diziam elles, no outro mundo Satanaz os havia de mimosear; depois de que o venerando S. Pedro, chaveiro e thesoureiro do *Paraizo eterno*, se recusava apresentar a alma do peccador aos pés de Jeovah.

Mas agora já assim não pensam, porque a instrução já penetrou no

cerebro d'alguns e a ficção vae desapparecendo, para dar lugar á luz purissima da Verdade.

Os phantasmas que voejavam, de noite, em torno do logar, desappareceram, desde que uma escola, pequenina, mas activa, se ergue, sorridente e clara, entre as casinhas pardacentas dos habitantes da aldeia.

A predica do padre prior já não vale tanto, para os novos, como a do professor, e o livro das orações foi atirado para o canto escuro das inutilidades, substituindo-o os livros da instrução, de cujos fructos se vão vangloriando, aprendendo por elles a melhor doutrina, a melhor religião — que é a do Dever.

Caciaco.

**POR ESSE MUNDO**

**Pobre religião!**

O bispo do Algarve vae pedindo aos bemfeitores uma esmola para a sua diocese.

Ora vejam os leitores ao que havia de chegar a religião catholica, que até aos fieis é necessario implorar o cumprimento dos seus deveres para com ella!

Não que os tempos estão *bicudos*, e cada tostão vale nada menos de cinco vintens...

E afinal vão lá acreditar na crença de certos commendadores barriquistas, que passam a vida pelas egrejas e a quem não faria grande falta uns miseros vintens com que aliviassem a pobreza em que na terra andam os apóstolos e mandatarios do Padre Eterno!...

Egreja será bom, mas dinheiro é melhor — porque é sangue... Não acham, excellentissimos?...

**Coitado!**

D. José de Serpa diz que D. Manuel, em lugar de empregar o seu tempo na reconquista, caça, passcia, fuma bons charutos e vae ao theatro.

E está desgostoso, o homemsinho!

Deixe-o lá, amigo Serpa, que elle é que a sabe toda!...

Ou você convence-se que elle tornará a pisar o solo de Portugal?!

Arreda p'ra lá o batel!...

Mal empregado o seu tempo e as suas lagrimas, coitado!

**Vaidades...**

O deputado socialista Manuel da Silva fez parede com o *bloco* na proposta apresentada pelo mesmo para demorar a discussão d'um projecto relativo aos accidentes do trabalho.

Calculem os leitores que até um socialista!

Onde leva a vaidade!...

**COMO TUDO SE FAZ**

Centenares de vezes se tem fallado na reorganisação do nosso exercito sem que possamos ser ouvidos, ou por falta de razão que nos assiste sobre tal materia, ou por não ligarem importancia a quem falla e a quem tem razão, porque este mal-fadado paiz está condemnado a viver de subterfugios.

Quem tem razão não póde fallar, porque se falla é esmagado. E's pequeno, portanto has de viver toda a vida na mansarda em que nasceste, se não... és condemnado a gosar alguns dias de delicias no fundo d'um casebre que se chama «prisão».

Ah! quanto pobre não somos até no fallar. Ah! quão grande é a cegueira d'alguns homens em não saberem escolher gente firme e justa para que se não caia no lamaçal d'onde nunca mais se torna a sahir.

Ah! quanto não valle o homem que se não deixa illudir pelos seus adeptos e por quem o rodeia e ter-se a energia necessaria para repellir todos os abutres que desejam só o seu bem estar e d'alguns seus amigos por fazerem parte da «panelinha», não se importando que se faça escandalo desde que elle seja beneficiado.

Não seria logico, quando se faz um projecto de lei, observar se algum ficaria prejudicado com tal publicação, se seria ou não bem recebido, se todas as classes ficavam na mesma proporcionalidade de promoção, se todas ellas auferiam d'ahi para o futuro as mesmas vantagens que estavam auferindo em relação com as outras armas, etc... mas não; faz-se um projecto de lei sem se ver os prejuizos que póde causar, é legislar á chocha mocha, que é o mesmo que dizer á laia de preto, para quem é bacalhau basta.

Então a infantaria que se acha prejudicada em toda a linha não dá signal de si?

Dirão talvez que esperam que o projecto seja discutido no parlamento, mas para as outras armas não foi preciso discutir-se, deram-lhe a voz d'avançar e avançou, e agora que lhe hão de fazer?! Dar a voz de retirar a todos aquellos que avançaram? Não, porque então «era peor a emenda do que o soneto.»

Ah! pobre infantaria, que te deixas humilhar perante todo o exercito... Será possível?

Não creio.

Ah! que grande numero de escandalos se teem passado dentro do exercito; e querem ter o atrevimento de chamar a tudo isto democracia. Bem se vê que é tudo á por tuguessa.

Quantas vezes me não tenho lembrado da Republica franceza! Quantas vezes me não tem passado pela mente a celebre convenção que houve na França?!

Quão sublime não seria aquelle tempo que os constitucionaes de aquelle paiz davam ordens e as mesmas se cumpriam.

Só assim se poderá fazer alguma cousa.

A moda da França, á moda da França, que o tempo vae passado.

Tudo isto está a pedir laranjas com miolo de dynamite dentro.

Muitos dizem que para beneficiar alguém que devia ser recompensado e não sendo por esta forma, o não podiam ser. Não creio, mas se é verdade, então vamos a meças.

Coimbra, 15 de novembro de 1911.

A. CRUZ.

Foram collocados respectivamente na 5.<sup>a</sup> divisão do exercito e 4.<sup>a</sup> repartição da secretaria da guerra, os nossos amigos José Augusto Gomes e Joaquim José Magro, promovidos a alferes para o secretariado militar, pelo que novamente os abraçamos.

**AVISO**

Ao aviso da Obra Tutelar social do exercito de Terra e Mar, que em tempo competente publicamos, foram feitas as seguintes alterações, ficando assim redigidos os dois primeiros periodos:

«Está aberto o concurso até 30 do corrente para 60 vagas de alumnos do Instituto profissional dos pupilos do exercito.

**1.<sup>a</sup> secção**

Podem concorrer os filhos das praças, sargentos e officiaes do quadro permanente e reformados do exercito metropolitano e da Armada, dos 9 aos 13 annos de idade.»

Fica sem effeito o primeiro periodo, que segue á alinea h).

No 3.<sup>o</sup> e 4.<sup>o</sup> grupos ficam tambem sem effeito as palavras:

filhas dos officiaes e sargentos

Da tabella de pensões annuaes, só é aproveitavel a seguinte:

«Instituto Profissional dos Pupilos do exercito — 1.<sup>a</sup> secção: Ensino complementar 144\$000 réis.»

Nos documentos a apresentar é dispensada a certidão do exame do 2.<sup>o</sup> grau.

A declaração de que a educação da menor candidata no Instituto Feminino de Educação e Trabalho está segura, por ser o inquerito subscriptor, fica sem effeito.

A inspecção medica dos candidatos será na séde da respectiva delegação tutelar nos ultimos tres dias do concurso.

**Esclarecimentos**

1) — A abertura do estabelecimento effectuar-se-ha na 2.<sup>a</sup> quinzena de dezembro.

2) — A despeza com o enxoval é computada em 25\$000 réis.

3) — A despeza com o fardamento em 13\$000 réis.

4) — A despeza mensal ordinaria em 1\$8000 réis.

**A REACÇÃO**

Nenhum momento é tão grave para a sociedade, como aquelle em que entra, depois da victoria d'uma lucta, que a impulsionou.

As ambições, os odios e interesses vencidos levantam-se fatalmente depois da derrota e procuram viver, ter força e desenvolver-se no meio em que de novo se encontram.

A Republica não attingiu ainda a conclusão magna, porque aspirava o povo ao levantar as barricadas.

Esse desideratum tem que realisar-se com energia e tenacidade depois do seu triumpho.

Foi rasgadamente liberal o movimento que trouxe ao nosso paiz a primeira constituição politica. Mas os vencedores, julgaram em seguida que a lucta terminara e não viram a reacção teimosa e traiçoeiramente conquistar o paço que a venceu; alastrar-se pelos que a governavam; e eis por que ella já estava prestes a levantar-se de novo, com o seu odio e a sua tyrannia, quando Portugal despertou de novo.

Nos nossos dias, já se varreram as teis, onde a aranha apanhava os incautos; já se expulsaram os para-

sitas, mas infelizmente, elles voltam; e, de calção verde e jaleca encarnada, passeiam garridamente como velhos democratas, quasi com a mesma desfaçatez e hypocrisia, como nos tempos já passados.

A verdadeira lucta, que há de consolidar, para o futuro, o nosso ideal não acabou.

Começa de novo e devemos lançar-nos a ella, com toda a coragem e tenacidade, que nos dê o vigor das nossas forças.

O principal inimigo de toda a sociedade, o inimigo da luz e do progresso, é sem duvida alguma, a Religião Catholica!

Não é um inimigo, que nos appareça de frente erguida, impulsionado por uma ideia santa ou sublime.

E' a cobardia que se esconde no antro negro d'um confessorio immoral.

Não nos ataca, com o peso d'um argumento solido, ou com a logica da verdade.

Morde-nos, indispõe connosco nossas mães e nossas filhas e, sabe Deus, quantas vezes não deshonra o nosso lar, com as suas perfidias criminosas!

Não se levanta altivo, com a cruz gloriosa do Revolucionario da Palestina, porque essa cruz, esse Verbo, seguimos-o nós!

Mas levanta-nos a cruz que encima o Vaticano e essa é outra.

E' a Cruz de Catharina de Medicis, na noite de S. Barthelemy, é a cruz do frade fazendo soffrer nos antros da santa inquisição, é a cruz do jesuita conspirando contra a Liberdade.

E essa cruz odeiamos-la e desprezamo-la, como se despreza o escarro d'um tuberculoso.

Esse inimigo já pretende assenhorear-se das gerações futuras, resignando-se á derrota do presente.

A lucta deve pois recommençar, viva e tenaz, para que os louros, que o povo conquistou, não se transformem na ignominia vergonhosa da derrota.

No campo do nosso trabalho, encontraremos os simples, que nos dirão na sinceridade da sua voz rude e franca:

«Herdamos a crença na Religião Catholica, de nossos avós. Acostumamo-nos, de pequeninos, a amar as egrejas enfeitadas de flores e sentimo-nos elevados ao ideal, quando vemos nossos filhos, de joelhos, num altar ou ouvimos o órgão que acompanha os canticos do mez de Maria.»

Não devemos porém desistir. Com boa vontade e persistencia, devemos dizer-lhes que essas flores, esses canticos, que os embriagam, não são mais, que as artimanhas d'um saltimbanco, que os procura explorar.

Digamos-lhes que o Deus Omnipotente não transformou as carnes, que dizem ter, e o sangue que pretendem correr-lhe nas veias, num pedaço de pão simples, amassado muitas vezes por uma prostituta e consagrado, quasi sempre por um devasso e um dissoluto.

Digamos-lhes que não devem aviltar assim a imagem d'um Deus Supremo e Omnipotente, se o acreditam e se o respeitam.

Digamos-lhes que a religião foi, em tempos idos, uma rica mina, d'onde o Vaticano extrahia preciosos metaes, que lhe sustentavam a côrte de rei dos reis, na apparencia

santa e na realidade hypocrita e mesquinha.

Digamos-lhes que os preconceitos religiosos atravancaram sempre o caminho da Luz, da Liberdade e do Progresso, porque se plantaram nas almas simples, fazendo-lhes amar a miseria e a pobreza, dando-lhes em troca uma esperança vaga numa felicidade d'além tumulo.

E não é na miseria, embora reportada com sorrisos, que a sociedade progride, prospera e é perfeita.

Digamos-lhe, enfim, que, emquanto o povo sorri, ao sentir que tem fome e se consola com a esperança de uma recompensa celeste, os falsos emissarios de Deus banqueteam-se e pensam na terra.

Guerra pois a todos os exploradores da humanidade, que mercadejam as consciencias!

Guerra aos vendilhões do Templo, que Jesus chicoteou!

Guerra sem treguas á noute das

trevas, que pretende apagar a luz!

E vós, livres pensadores, que ainda ha pouco ereis perseguidos e odiados, vós que seguia a verdadeira crença, que a verdade e a luz ha-de impor a toda a humanidade, ten-lhes á vossa frente um campo fertil e propicio, para sementeira do verdadeiro ideal e espera-se do vosso trabalho o definitivo triumpho da nossa democracia.

Trabalhae pois. Não deixeis levantar o inimigo que já se mostra victima resignada.

Lançae pela instrucção, nas povoações incultas, a semente da luz.

Desmascarae os authenticos antichristos, que assolam a terra, perante os simples e os ingenuos; e cusinae a estes a verdadeira crença a verdadeira fé.

Dae-lhe a esperança no futuro ridente da Igualdade e vereis surgir com vida e vigor a familia portugueza.

Montemor o-Velho, 23-11-911.

CARLOS VICTOR

LITTERATURA

MORTA

No seu caixão de crépes moldurado  
Como uma noite pallida d'outomno  
Repouza, dormente... do eterno somno  
Aquella flor da noite, anjo sagrado!...

No seu leito funéreo onde encerrada...  
Tem a pallidez estranha d'um luar,  
Nem um riso brilhante á despontar:  
E' uma algente e fria madrugada!...

Nem risonha e magestosa esperança,  
A fronte immaculada quiz beijar  
D'aquella graciosa e gentil crença!...

Ah! desventurosa morte sem par!...  
Nem uma vaga e despersa lembrança  
Se viu junto aquelle anjo a soluçar!...

Setembro—911  
Villa Verde

EDUARDO F. TUDELLA DE CASTILHO.

O inicio d'uma obra grandiosa

Deixemos agora essas paixões pessoaes e esses combates mesquinhos que nada deixam fazer, e vamos todos tratar de levantar este nobre Povo ao nivel moral a que tem jus.

Uma grande parte da nossa imprensa tem o inveterado costume de andar sempre a exteriorisar sentimentos rancorosos e insinuações torpes, qual mulher de soalheiro que, sentada nos degraus da porta da vizinha, critica cavilosamente este ou aquelle, sem reparar nos seus defeitos, ás vezes, e quasi sempre, maiores de que os dos criticados.

O Povo, sempre crença, sempre visionario e sonhador, tudo acredita, tudo avuluma e d'ahi um terrivel mal estar em que se reflecte uma descrença que é mister a todo o transe evitar.

Sabemos que ha uma maioria de deputados que se julgam com o direito e a força em suas mãos, fazendo do parlamento um manequim movido ao sabor das suas embóias inconscientes, sem respeitarem os direitos dos que os elegeram.

Isto não é proprio do regimen de democracia — não, mas...

Compulsemos a historia, essa inflexivel justiceira, craveira por onde se medem os homens de prestigio e os desprestigiados, e essa simples compulsão nos trará a ideia, aliás evidente, de que a origem dos descalabros fataes dos povos e até muitas vezes das nacionalidades são essas luctas execrandas entre os apóstolos do mesmo credo.

Isto não quer dizer de maneira alguma que não se debatam principios e ideias, mas com serenidade e boa fé, e nunca recorrendo aos extremos a que a toda a hora estamos assistindo.

Para que uma semente produza exuberantemente, é mister que a terra onde ella se plantou esteja cultivada; assim tambem para que um Povo chegue á compenetração clara do seu Dever, necessario se torna que o seu estado espirital esteja convenientemente preparado para receber conscientemente as noções de que esse mesmo dever se compõe.

Infelizmente, ainda nesta nossa terra abundam assombrosamente os analfabetos, a quem a instrucção, essa mãe protectora e sublime, não

estendeu ainda as suas azas esplendorosas.

Esta falta de instrucção no Povo é o peor inimigo que pode ter uma sociedade que se quer regenerar, avida e sequiosa de luz espirital e desafio e enganada a todo o transe por um regimen que naufragou no mar encapelado dos seus crimes e vergonhas.

Pois o tempo que se tem gasto nessas banalidades torpes do personalismo, bem podera ser aproveitado nesta necessidade social, para bem de todos e para não darmos o triste espetaculo que temos dado, mais proprio dos regimens decadentes de que dos regeneradores e novos.

Parece que temos começado por onde se acaba, mas ainda é tempo de reconsiderar.

Reconsideremos então, e que a instrucção seja o escalpelo, o bisturi das nossas eternas frivolidades.

Accacio Serra.

PLACARD

Recebemos e muito agradecemos a importancia da sua assignatura correspondente a dois annos do sr. Manuel Ferreira Doria, sargento ajudante, Loanda; a de um anno do sr. Gervasio A. Baptista de Sousa, 1.º sargento da 2.ª companhia disciplinar, Loanda; a de um semestre dos srs. Manuel Rodrigues Simões, Coimbra; Carlos L. Antunes Cabrita, alferes da guarda republicana, Mertola; e a de um trimestre dos srs. Antonio Soares de Paulo, 2.º sargento da guarda fiscal, Alcantara; Eduardo Augusto de Sousa, musico de 3.ª classe d'infanteria n.º 23; e Eduardo Simões de Faria Couto, Coimbra.

Para Loanda

No proximo dia 1 embarca para Loanda, onde vae assumir o seu cargo de 1.º sargento da companhia disciplinar, o nosso amigo Gervasio Albano Baptista de Sousa.

Uma feliz viagem é o que lhe apeteçemos.

Os srs. capitão Lage e alferes Correia, do regimento de infanteria 35, acompanhados pelo sr. alferes Andrade, do Grupo de Metralhadoras, foram sexta-feira ás 9 horas da noite ao Centro Republicano Dr. Fernandes Costa agradecer á commissão administrativa do mesmo centro a parte activa que esta tomou na manifestação feita no dia 17 do corrente ao primeiro nucleo do mesmo regimento, aqui collocado pela nova reorganisação do exercito.

O sr. capitão Lage, em breves mas sinceras palavras, demonstrou o seu espirito altamente liberal, declarando que acima de quaesquer interesses, a sua espada estará sempre prompta para defender a Patria e a Republica.

O sr. Augusto Fonseca, um dos membros da commissão administrativa do Centro, agradeceu a honrosa visita, fazendo calorosos elogios ao exercito.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

MERCEARIA LUSITANA

GUIA MEDICO

PARA O COLONO DE ANGOLA

(CONTINUAÇÃO)

Como topico usar-se-ha do pó (Pitada contra o defluxo: choloreto de cocaina, 5 decigrammas — Menthol, 25 centigrammas — Salol em pó — Acido borico em pó, aã, 15 grammas — Misture bem. Uma pitada de hora a hora. Guarde em vidro de rolha esmerilada.)

Para completar a cura, lenticulas anti-catarraes (Lenticulas anti-catarraes, 8) e lenticulas de heleinna a 0,5 grammas — (Lenticulas de heleinna a 5 centigrammas, 1 tubo.)

N. B. — Ha muita gente que tem o habito de não fazer caso dos defluxos, de não os tratar, o que é um erro grave que expõe aos perigos da propagação da doença aos orgãos visinhos (como acima fica dito) e as de as deixar tornar chronicas.

d) Prophylaxia. — Sendo esta doença geralmente produzida pelos resfriamentos bruscos, o melhor meio de a evitar é não se expôr a elles.

Rouquidão

a) Definição. — E' a consequencia da inflammação da mucosa da larynge e d'ahi o nome de laryngite. Apresenta varias formas.

A aguda, que é a que vae descrever-se; a chronica, que pôde succeder á aguda ou ser de diferentes naturezas (syphiliticas, tuberculosas, etc.)

Esta inflammação produz a rouquidão ou voz rouca ou vellada e por vezes quasi extincta e tambem a voz de falsete.

Pôde ser independente e apparecer isoladamente ou ser a consequencia de outras inflammações, corysa, bronchite, etc.

b) Symptomas. — Além dos já indicados na definição, notar-se-ha o formigueiro, a tosse secca e ligueira, superficial.

O ar que se respira sente-se muito mais frio e irrita. A inflammação, sendo um pouco forte, apparece dyspnea e por vezes a suffocação.

c) Tratamento. — As bebidas quentes e aromaticas: chás de laranjeiras, (folhas), de sabugueiro (flores), etc., dão muito bom resultado, favorecendo a transpiração e produzindo uma acção emolliente.

As inalações de vapores de um soluto, ao millesimo, de choloreto de cocaina, dez minutos de manhã e dez minutos de tarde, são um excellento emolliente.

Os revulsivos, como tintura de iodo no pescoço, tambem são de aconselhar e as compressas de agua quente.

O doente deve fallar pouco ou nada e conservar-se no quarto, numa atmosfera de temperatura agradável, mas renovada e boa.

Havendo tosse violenta tomar-se-ha (Lenticulas de heleinna a 5 centigrammas, 1 tubo) uma de duas em duas horas.

Tambem se pôde usar as de benzoato de sodio de 0,1 grammas, uma de duas em duas horas. Finalmente bem energica é a acontina crystallada a 1/10mmg., uma de duas em duas horas.

Contra a suffocação e a dyspnea usar-se-ha o vomitorio (Lenticulas de emetico a 1 centigramma, meio tubo — ou Lenticulas de emertina pura a 1 milligramma, 10.)

d) Prophylaxia. — Para prevenir esta doença convém evitar o ar frio e humido, todas as poeiras, as bebidas, os alimentos ou cheiros irritantes, as atmosferas confinadas, onde haja accumulção de gente e má ventillação, as mudanças rapidas de temperatura, emfim, o uso demasiado da falla.

Bronchite

a) Definição. — E' uma inflammação dos grossos e medios bronchios.

Pôde existir isoladamente ou ser a propagação de inflammações visinhas ou acompanhar diversas doenças de que faz parte ordinariamente. E' dupla e de duração usual de 15 dias, bastante variavel no emtanto. Trata-se da forma aguda.

b) Symptomas. — Pôde ser ligeira, uma constipação cahida no peito, sem febre, com pouca tosse secca.

Pôde ser mais intensa, bem aguda, acompanhada de febre, quebrantamento geral, dôres de cabeça, do peito, sem comtudo serem pontadas, fastio, tosse secca ao principio, frequente, impertinente e muito incommoda. E' o periodo de crueza, isto é, emquanto não está cosida. Isto dura trez a cinco dias. Depois a tosse torna-se mais rara, menos impertinente, acompanhada de escarros que expelle, tosse humida.

A febre cahe, a respiração é mais livre, emfim está cosida. Este periodo dura, em geral, oito dias.

Pouco a pouco tudo vae cedendo e a resolução dá se completa. Ou tras vezes passa ao estado chronico.

Nos velhos, pôde transformar-se facilmente em catarrho suffocante e arrelatar o individuo.

Pôde estender se aos bronchios capillares e dar a bronchite capillar.

c) Tratamento. — N'este tratamento ha que attender em primeiro logar á natureza da bronchite, depois ao periodo em que se acha.

Se a doença fôr ou fizer parte de outra, como por exemplo, a bronchite dos cardiacos, das brighticos, dos syphiliticos ou de doentes com infracções diversas, deve visar-se no tratamento a doença principal.

Assim a dos cardiacos será melhorada pelo repouso, pela digitalina, acontina, purgantes e regimen lacteo, etc.; a dos brighticos pelo leite, purgantes, diureticos, revulsivos, etc.; a dos syphiliticos pelo tratamento especifico, etc., etc.

Supposta doença independente e aguda, será no primeiro periodo (crueza), tratada pelas bebidas quentes e aromaticas (como na rouquidão), e pela acontina para suar (ainda como foi dito na rouquidão.)

Os quintos da tosse ou accessos que no principio são seccos, impertinentes e irritantes, dando dôres no peito, serão calmadas com Poção calmante: Agua de flores de laranjeira, 80 grammas — Xarope de chloral — Xarope de morphina, aã, 25 grammas — Agua de louro cerejo, 10 grammas — Misture — 1 colher de sopa de hora a hora.)

Além d'isto, usar-se-hão os revulsivos no peito — Tintura d'iodo, emplastico de thapsia, etc.

Havendo falta d'ar, poderá ser util um vomitorio — (Lenticulas de emetico a 1 centigramma, meio tubo, ou Lenticulas de emetina pura a 1 milligramma, 10.)

No periodo em que está cosida e

ha expectoração mais ou menos abundante, usar-se-hão os balsamicos (Xarope balsamico, 100 grammas. — 1 colher de sopa de 4 em 4 horas), que poderão ser empregadas com vantagem.

Finalmente, havendo febre, a quinina, a phenacetina, (Lenticulas de chlorhydro-sulphato de quinina a 25 centigrammas. — N.º 4 — ou Lenticulas de phenacetina a 10 centigrammas, meio tubo), prestarão serviços.

d) Prophylaxia. — Os meios de evitar as bronchites são tratar os defluxos e rouquidões desde o principio com cuidado para não se propagarem aos bronchios, evitar os resfriamentos bruscos, as correntes que os produzem e tudo o que possa constipar um individuo.

(Continua.)

O melhor enchido de Portalegre Na casa Gaitto & Cannas

COIMBRA

NOVA CASA DE BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Bandoleiras, Bandas, Charlateiras, Penachos, Fiadores em seda, algodão e cabedal, Fitas e Travincas para medalhas, Cordões, Correntes e emblemas em todos os generos. Botões dourados para todas as armas.

Executam-se pedidos para a provincia e colonias.

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 25000 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O Mestre Popular, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Guidado com as falsificações.

AGUA DE PIZÕES — MOURA

A melhor de todas as aguas

Apreciada por toda a parte. Isenta de substancias organicas, bacteriologicamente PURA. Para uso diario e constante. Refrigerante inegalavel. Simples ou com whisky, leite, vinho, etc.

EXPERIMENTAR É USAR

Unicos representantes para o Brazil, Africa e Norte de Portugal

FONSECA NUNES & C.ª

Rua da Nova Alfandega — PORTO — PORTUGAL

Depositario em COIMBRA

GAITTO & CANNAS

IMPRESA ACADEMICA

153—Rua da Sophia—165

COIMBRA

Grande deposito de todos os moldes, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc. Execução rapida.

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58—RUA DA SOPHIA—61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares.

Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

DROGARIA VILLAÇA

COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

TYPOGRAPHIA

JORNAL DE COIMBRA

Rua do Pateo da Inquisição

Execução rapida de todos os trabalhos typographicos. Bilhetes de visita, memoranduns, circulares, etc.